

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

**DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA
REVISTA *CAPRICHÔ*: uma análise dialógica**



ARARAQUARA – S.P.
2023

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA REVISTA *CAPRICH*O: uma análise dialógica

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho, Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Linguística e Língua Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, organização e funcionamento discursivos e textuais.

Orientadora: Marina Célia Mendonça

ARARAQUARA – S.P.
2023

Silva, Gabriela Cristina da

S586d Discurso sobre a jovem negra na revista Capricho : uma análise dialógica / Gabriela Cristina da Silva. -- Araraquara, 2023
146 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara
Orientadora: Marina Célia Mendonça

1. Análise linguística. 2. Diálogo. 3. Análise do discurso. 4. Negros
identidade racial. 5. Racismo na linguagem. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

GABRIELA CRISTINA DA SILVA

DISCURSO SOBRE A JOVEM NEGRA NA REVISTA *CAPRICHÔ*: uma análise dialógica

Dissertação de Mestrado, apresentada ao Conselho,
Programa de Pós em Linguística e Língua
Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras –
UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção
do título de Mestre em Linguística e Língua
Portuguesa.

Linha de pesquisa: Estrutura, Organização e
funcionamento discursivos e textuais.
Orientador: Marina Célia Mendonça

Data da defesa: 26/05/2023

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Professora Doutora Marina Célia Mendonça
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara.

Membro Titular: Professora Doutora Heloisa Mara Mendes.
Universidade Federal de Uberlândia.

Membro Titular: Professora Doutora Glenda Cristina Valim de Melo.
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

“Pois dele, por ele e para ele são todas as coisas.
A Ele seja a glória para sempre!
Amém.”

Romanos 11:36

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, o Autor e Criador de todas as coisas, sem o qual não teria sido possível completar essa árdua jornada. A Ele toda glória e toda honra!

Aos meus pais, Denise e Gerson, os quais sempre me deram todo o apoio necessário, desde a Graduação, e sempre nos incentivaram a ocupar espaços que eles não ocuparam e a ir além do que eles foram, por todo amor, carinho e compreensão.

Ao João e à Vida, que me inspiram a ser uma versão melhor de mim mesma e que são minhas pessoas favoritas na Terra.

Aos meus melhores amigos, Julia, Jhenifer, Marina, Talita, Isabela, Saulo e Thayna; alguns conheci na adolescência e outros, na fase adulta, e uma das minhas maiores certezas é a de que pretendo tê-los comigo a vida toda.

Aos meus irmãos em Cristo, que são muitos – por isso, citar todos aqui seria uma tarefa quase impossível e um tanto injusta, já que eu poderia me esquecer de alguém -, por todas as orações e por terem sido meu suporte, com muito carinho e amor.

À Manu, à Verônica e à Paula, presentes que Araraquara me deu e que estiveram comigo lá no comecinho, na Graduação, o Mestrado ainda era uma realidade distante.

À Maria Clara e à Daiane, por terem tornado a Pós-Graduação menos solitária.

À minha orientadora, Marina, por ter acreditado em mim e em meu projeto, mesmo quando eu não acreditava. Inspiro-me em todos os grandes mestres que passaram em minha vida e, por isso, espero ser uma pesquisadora e professora tão brilhante e graciosa como ela é!

A todos que, de alguma forma, já contribuíram com este trabalho: Luciane, Heloísa, Glenda, Renata, Luiza, entre tantos outros.

À UNESP, que se tornou meu segundo lar nos últimos anos, deixá-la é sempre uma tarefa difícil; então espero conseguir voltar em breve.

Aos professores que foram parte fundamental da minha formação.

Aos colegas e queridos amigos que fiz na Graduação e na Pós-Graduação, mais uma vez, citá-los seria impossível.

Por fim, mas não menos importantes, a todos aqueles que, antes de mim, lutaram para que pessoas como eu pudessem ocupar espaços que não nos pertenciam.

Brown skin girl
Your skin just like pearls
The best thing in the world
Never trade you for anybody else
Singin' brown skin girl
Your skin just like pearls
The best thing in the world
I never trade you for anybody else, singin'
Bro
[...]
Oh, have you looked in the mirror lately? (lately)
Wish you could trade eyes with me ('cause)
There's complexities in complexion
But your skin, it glow like diamonds
Dig me like the earth, you be giving birth
Took everything in life, baby, know your worth
I love everything about you, from your nappy curls
To every single curve, your body natural
Same skin that was broken be the same skin takin' over
Most things out of focus, view
But when you're in the room, they notice you (notice you)
'Cause you're beautiful
Yeah, you're beautiful

Beyoncé (2019)

RESUMO

Este trabalho analisa dialogicamente a construção da identidade da jovem negra nos números impressos e no *site* da *Capricho*. Para tanto, o *corpus* desta pesquisa qualitativa é composto por enunciados selecionados nas revistas impressas entre os anos de 2012 a 2014 e em seu *site*, de 2012 a 2022, totalizando dez anos. As questões que norteiam nosso trabalho são: *se e como* a *Capricho*, no período estipulado, incorpora temáticas raciais em seu discurso, sobretudo no que diz respeito ao modo como a negritude e aspectos a ela relacionados são abordados? De que modo a revista considera o seu destinatário ao longo desses anos? Por isso, são centrais as questões de representatividade, especificamente na forma que são abordados aspectos físicos da jovem negra; quais são os termos utilizados para fazer referência a ela; se há a presença de articulistas negras nos veículos analisados e de pessoas negras nas fotos e matérias da revista. O objetivo geral da pesquisa é analisar o discurso sobre a jovem negra e se, ao longo de dez anos, na revista *Capricho*, impressa entre 2012 e 2014, e em sua plataforma digital, até 2022, houve mudança nesse discurso e, havendo, como ela acontece. Os objetivos específicos são: a) analisar, no *corpus*, se ocorre e como ocorre a alteração na construção do interlocutor pressuposto; b) analisar a construção da identidade da jovem negra no *corpus* por meio de termos/expressões que fazem referências às suas características físicas; fotos e edição de matérias (disposição na página e cores utilizadas, por exemplo) de aspectos relacionados à beleza e ao comportamento desse grupo. Como um estudo qualitativo-interpretativo, feito por meio do cotejo entre os enunciados, este trabalho baseia-se na perspectiva discursiva de Bakhtin e do Círculo, especialmente nas noções de signo ideológico, no signo ideológico e no enunciado concreto; e baseia-se também nos estudos sobre as questões raciais – tendo ponto de partida que o racismo é estrutural e que, por isso, influencia o modo como o negro e a negritude são tratados nas esferas de atividades humanas. Como resultado, ao compararmos as revistas impressas e o *site*, notamos uma alteração ambivalente tanto da construção da identidade da jovem negra quanto da imagem do interlocutor, o que é visto nas temáticas relacionadas à beleza e na forma como aspectos sociais são abordados nesses dois momentos do *corpus*, por exemplo.

Palavras-chave: *Capricho*, jovem negra; representatividade; relações dialógicas.

ABSTRACT

This work dialogically analyzes the construction of the young black woman's identity in printed issues and on Capricho's website. Therefore, the corpus of this qualitative research is composed of statements selected from printed magazines between 2012 to 2014 and on its website, from 2012 to 2022, totaling ten years. The questions that guide our work are: if and how Capricho, in the stipulated period, incorporates racial themes in its discourse, especially concerning the way blackness and aspects related to it are discussed; and how does the magazine consider its recipient over these years? For this reason, issues of representativeness are central, specifically in the way in which physical aspects of the young black woman are considered; what terms are used to refer to it; if there is the presence of black writers in the analyzed ones and black people in the photos and articles in the magazine. The general objective of the research is to analyze the discourse about young black women and whether, over ten years, in Capricho magazine, printed between 2012 and 2014, and on its digital platform, until 2022, there was a change in this discourse and, if so, how it happens. The specific objectives are: a) to analyze, in the corpus, if and how the alteration in the interlocutor's construction occurs and how it occurs; b) to analyze the construction of the young black woman's identity in the corpus through terms/expressions that refer to her physical characteristics; photos and editing of articles (disposition on the page and colors used, for example) of aspects related to the beauty and behavior of this group. As a qualitative-interpretative study, carried out by comparing the statements, this work is based on the discursive perspective of Bakhtin and the Circle, especially on the notions of ideological sign, ideological sign, and concrete statement; and it is also based on studies on racial issues – taking as a starting point that racism is structural and that, therefore, influences the way black people and blackness are treated in the spheres of human activities. As a result, when comparing the printed magazines and the website, we noticed an ambivalent alteration both in the construction of the identity of the young black man and in the image of the interlocutor, which is seen in the themes related to beauty and in the way social aspects are approached in these two moments. of the corpus, for example.

Keywords: *Capricho*. Young black woman; representation; dialogical relations.

LISTA DE FOTOS

Figura 1	Charge feita por Mark Knight, cartunista australiano	55
Figura 2	Capa da primeira edição da revista <i>Capricho</i>	62
Figura 3	Capa da edição 629, da revista <i>Capricho</i>	63
Figura 4	Capas das revistas impressas que constituem o <i>corpus</i>	66
Figura 5	Reprodução da matéria “ <i>Blush vale-tudo</i> ”, da edição impressa 1178, de 30 de junho de 2013	69
Figura 6	Reprodução da matéria “ <i>Vai virar moda</i> ”, da edição impressa 1165, de 30 de dezembro de 2012	70
Figura 7	Reprodução da matéria <i>Olho escândalo</i> ”, da edição impressa 1179, de 14 de julho de 2013	71
Figura 8	Reprodução da matéria <i>Use no inverno</i> ”, da edição impressa 1171, de 24 de março de 2013	72
Figura 9	Reprodução da matéria “ <i>Escolha seu nude</i> ”, da edição impressa 1181, de 11 de agosto de 2013	73
Figura 10	Reprodução da matéria “ <i>Raul Melo: o consultor criativo e maquiador da ‘Quem Disse, Berenice?’ entrega seus truques</i> ”, retirada da revista <i>Capricho</i> .	74
Figura 11	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	77
Figura 12	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	77
Figura 13	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	78
Figura 14	Reprodução de montagem de fotos de Thelma Assis	80
Figura 15	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	83
Figura 16	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	83
Figura 17	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	84
Figura 18	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	84

Figura 19	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	86
Figura 20	Reprodução da matéria “ <i>Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	87
Figura 21	Reprodução da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”, retirada da edição impressa 1145	90
Figura 22	Reprodução da matéria “ <i>Seu cabelo vai fazer você brilhar</i> ”, retirada da edição impressa 1145	91
Figura 23	Reprodução da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”, retirada da edição impressa 1192 da <i>Capricho</i>	95
Figura 24	Reprodução da matéria “ <i>Recupere seu cabelo</i> ”, retirada da edição impressa 1192 da <i>Capricho</i>	96
Figura 25	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	99
Figura 26	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	100
Figura 27	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	101
Figura 28	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	102
Figura 29	Reprodução da matéria “ <i>Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	102
Figura 30	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	104
Figura 31	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	105
Figura 32	Reprodução da matéria “ <i>Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist</i> ”, retirada do site da <i>Capricho</i>	106
Figura 33	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i> , do dia 29 de outubro de 2022	109
Figura 34	Reprodução da matéria “ <i>Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas</i> ”, da edição impressa 1178	111
Figura 35	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i>	113
Figura 36	Print da página inicial do site da <i>Capricho</i>	116

Figura 37	<i>Print da página inicial do site da Capricho</i>	117
Figura 38	<i>Print da página inicial do site da Capricho</i>	118
Figura 39	Reprodução da matéria “ <i>A incrível história da garota que vive em comunidade quilombola</i> ”, da edição impressa 1145 da <i>Capricho</i>	120
Figura 40	Reprodução da matéria “ <i>Morar no morro não me impediu de sonhar</i> ”, da edição impressa 1165 da <i>Capricho</i>	123

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Aparição de jovens negras nas revistas impressas: temáticas moda e beleza	67
------------------	---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	15
2 A PERSPECTIVA DISCURSIVA DE BAKHTIN E O CÍRCULO	20
2.1 O enunciado concreto	22
2.2 Signo ideológico	32
2.3 Aspectos teóricos-metodológicos	38
3 RACISMO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL	41
3.1 Racismo e a raça como consequências da construção social	41
3.1.2 Racismo estrutural	46
3.1.3 Racismo e representação	47
3.1.4 Racismo, o negro e a mídia	50
3.1.4.1 Mulher negra na mídia	54
3.2 Políticas públicas raciais	57
4 DISCURSOS SOBRE A JOVEM NEGRA NA <i>CAPRICHÔ</i>: REVISTA IMPRESSA E <i>SITE</i> EM RELAÇÃO DIALÓGICA	62
4.1 Maquiagem, pele e cabelo na revista impressa e no <i>site</i> da <i>CAPRICHÔ</i> : ambivalência da representação da jovem negra	67
4.2 Interlocutor da <i>CAPRICHÔ</i> : estabilidades e instabilidades	109
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	129
REFERÊNCIAS	134

1 INTRODUÇÃO

Uma das ideias fundadoras do Círculo de Bakhtin é que os enunciados são dialógicos e possuem um contorno social e histórico, ou seja, para o grupo de filósofos, os enunciados não são puros, mas são atravessados pelo contexto em que foram produzidos. Por isso, é possível afirmar que as mudanças históricas, as quais influenciam e determinam a dinâmica social e cultural de uma comunidade, permeiam diversos aspectos da vida humana, sejam eles coletivos ou individuais, especialmente no que diz respeito à língua, ao modo como ela é utilizada e aos enunciados que são emitidos, pois esses acompanham e se desenvolvem conforme a vida social (VOLÓCHINOV, 2019).

Nesse sentido, a partir da perspectiva do Círculo, ao considerarmos a intrínseca relação entre o contexto sócio-histórico e o discurso, podemos analisar a influência que o racismo estrutural exerce sobre as produções discursivas no Brasil. O racismo é parte constituinte da estrutura social, o que significa que ele se manifesta em todos os âmbitos sociais e dita como se darão as relações existentes em cada um deles. Portanto, negá-lo é incoerente e irresponsável, pois afeta direta e indiretamente um pouco mais da metade da população brasileira, composta por aproximadamente 56% de pessoas negras, segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (TOTAL...2022).

Aliás, não faltam dados que escancarem o racismo no Brasil. Um exemplo alarmante é o da violência. A edição de 2021 do Atlas da Violência, feita pelo Instituto de Pesquisa e Economia (IPEA), mostra que a violência contra pessoas negras é um problema antigo e que está longe de ser resolvido. De acordo com o documento, em 2019, os negros representaram 77% das vítimas de homicídios e, ainda, em relação aos não negros, os negros têm 2,6 vezes mais chances de serem vítimas de assassinatos. Em relação a mulheres negras, esse índice também é elevado, quando comparado ao de mulheres não negras: aquelas correspondem a 66% do total de mulheres assassinadas no Brasil. Esses números contrastam com o fato de que a redução dos homicídios se concentrou principalmente entre a população não negra, com uma queda de 30%; já na população negra, a redução foi de apenas 15% (BRASIL, 2021). De acordo com o documento, as causas para essa desigualdade racial gritante são três: a primeira delas é consequência dos aspectos socioeconômicos e demográficos, que conferem a essa parcela da população maior vulnerabilidade e dificultam o acesso a melhores condições de vida; a segunda é a injustiça cometida pelas instituições do sistema de justiça, que se baseiam em critérios raciais para a execução de estratégias de policiamento cujos alvos geralmente são

pessoas negras; por fim, a terceira causa é a falta de políticas públicas efetivas (BRASIL, 2021).

Essas situações de vulnerabilidade e a dificuldade de acesso a serviços básicos são resultados de um longo processo histórico, pois tiveram início antes mesmo de os portugueses chegarem ao Brasil, no momento em que os africanos escravizados - desprovidos de qualquer dignidade - eram colocados nos navios negreiros, e foram intensificadas com a abolição da escravidão, já que, apesar de contraditório, depois que a prática teoricamente se tornou ilegal, não houve nenhuma diferença real nas condições de vida para os “ex-escravos”. A suposta liberdade, portanto, foi apenas uma fachada, porque as situações subumanas às quais estavam sujeitos continuaram, tornando-se enraizadas na sociedade.

É nesse contexto, tomado e construído a partir de uma ótica racista, que se dão as atividades humanas nas esferas sociais no Brasil. Consequentemente, os enunciados nelas produzidos são atravessados por ecos racistas; e as peças publicitárias, midiáticas, culturais que circulam socialmente, por exemplo, desse contexto, muitas vezes, são responsáveis por reafirmá-los e propagá-los. Desse modo, o corpo negro ainda é continuamente marginalizado e destituído de dignidade, pois isso é visto, historicamente, como natural. Um dos reflexos disso é que a negritude e tudo a ela relacionado, nesses meios, também são afetados por uma ótica racista.

Entretanto, há, em tal cenário descrito, a insurgência de discursos antirracistas, como forma de oposição ao racismo estrutural, que são potencializados pelo movimento negro, principalmente. Soma-se a isso o advento das redes sociais que, com a sua intensa troca de informação, promove um maior alcance dessas discussões e permite que nós, enquanto mulheres e homens negros, tenhamos nossas vozes ampliadas. A noção de representatividade, então, ganha força e aponta para a necessidade de que a nossa história e a nossa identidade sejam valorizadas e incorporadas nos diversos âmbitos sociais.

Percebemos, pois, um embate ideológico entre essas duas forças opostas: de um lado, há a disseminação do racismo estrutural e, de outro, há a atuação de movimentos antirracistas. É na língua, tal qual afirma o Círculo, enquanto signo ideológico por excelência, que esse embate se manifestará. Esse breve panorama, aprofundado nos capítulos subsequentes, serve como plano de fundo para compreendermos a conjuntura em que a revista *Capricho*, objeto de estudo deste trabalho, está. A revista, pertencente à Editora Abril, foi publicada pela primeira vez em 1952 e, ao longo de seus 71 anos, passou por alterações tanto em seu formato quanto em seu conteúdo, a fim de se adequar ao contexto histórico-social em que estava inserida e, consequentemente, atender às demandas mercadológicas da época. Desse modo, como um

exemplo dessas alterações, há o fato de que, em 2014, deixou de ser impressa para ser veiculada somente por plataformas digitais, as quais passaram a ter mais relevância do que os meios impressos de comunicação.

Assim, considerando as pautas raciais e os estudos desenvolvidos pelo Círculo de Bakhtin, este trabalho analisa dialogicamente a construção da identidade da jovem negra na revista *Capricho*. O *corpus* desta pesquisa é composto por enunciados selecionados nas revistas impressas entre os anos de 2012 a 2014 e nas matérias retiradas do site da *Capricho* entre os anos de 2012 (ano escolhido por coincidir com a data das revistas impressas) a 2022, totalizando 10 anos de *Capricho*. Aqui, partimos das seguintes questões: a revista, durante esse período, de alguma forma, incorpora essas temáticas raciais em seu discurso, sobretudo no que diz respeito ao modo como a negritude e aspectos a ela relacionados são abordados? de que modo a revista considera o destinatário ao longo desses anos? Para isso, investigamos as questões de representatividade, especificamente na forma que são abordados os aspectos físicos e histórico-culturais da jovem negra, quais são os termos utilizados para fazer referência a ela, se há a presença de articulistas negras nos veículos analisados e de pessoas negras nas fotos e matérias da revista.

O objetivo geral desta pesquisa é analisar o discurso sobre a jovem negra e se, ao longo de 10 anos, na revista *Capricho*, impressa entre 2012 e 2014, e em sua plataforma digital, até 2022, houve mudança nesse discurso e, havendo, como ela se dá. Como objetivos específicos, temos:

- a) Analisar, no *corpus*, se ocorre e como ocorre a alteração na construção do interlocutor pressuposto.
- b) Analisar a construção da identidade da jovem negra no *corpus* por meio de termos/expressões que fazem referência às suas características físicas; fotos e edição de matérias (disposição na página e cores utilizadas, por exemplo) de aspectos relacionados à beleza e ao comportamento desse grupo.

Este estudo tem caráter qualitativo, já que as análises dos dados se dão a partir da interpretação do que foi encontrado no *corpus* da pesquisa - o qual é formado por vinte e três números impressos da *Capricho* e por matérias retiradas da revista eletrônica. Como um estudo qualitativo-interpretativo, feito por meio do cotejo entre os enunciados, este trabalho baseia-se em dois estudos bibliográficos. O primeiro, já mencionado anteriormente, é um sobre a perspectiva discursiva do Círculo de Bakhtin, cujos conceitos mobilizados foram as relações dialógicas dos enunciados, o signo ideológico e o enunciado concreto. O segundo é sobre as questões raciais no Brasil, partindo do fato de que o racismo é estrutural, ou seja, está

na estrutura da sociedade e todas as instituições que a ela pertencem apenas reproduzem esse racismo. Nesse estudo, recuperamos brevemente a história do Brasil, especialmente o período escravocrata, pois as relações raciais atuais são frutos da construção social e histórica do país.

Por causa de sua grande circulação e relevância social, principalmente na primeira década dos anos 2000, diversos trabalhos foram desenvolvidos sobre a *Capricho*, a partir de inúmeras perspectivas teóricas e áreas. A título de exemplo, com base nos estudos do Círculo de Bakhtin, tem-se Silva e Símaro (2007), que analisam as mudanças discursivas em sete exemplares impressos da revista *Capricho*, publicados entre os anos de 1987 e 2007; Biajoti (2016) analisa os enunciados verbais e não verbais da revista impressa e propõe uma reflexão sobre as vozes dos leitores nas matérias da *Capricho*; e Ferreira (2015, 2015) que discute a construção da imagem do público leitor, nas edições de 2013, através das marcas deixadas na materialidade do texto, na seção *Terapia em Grupo*. Já na área da comunicação, Chassot (2006) estuda as relações existentes entre o projeto editorial e o gráfico da revista *Capricho*, utilizando números publicados entre 1995 e 2005. Na perspectiva da semiótica francesa, temos Gurgel (2010), que, por causa das mudanças gráficas e editoriais da *Capricho*, analisa se a alteração da idade do público-alvo corresponde à mudança no perfil do enunciatório da revista. Goellnerl e Figueira (2002) discutem, fundamentadas nos Estudos Culturais e na História do Corpo, a forma como o corpo feminino e a identidade de gênero feminino são construídas e veiculadas pela *Capricho*. Na área da saúde, Niemeyer e Kruse (2008) analisam os discursos sobre o corpo adolescente na revista, os quais são, de acordo com as autoras, um artefato cultural que ajuda a produzir sujeitos anoréxicos; para tanto, elas utilizam como aporte teórico a Análise do Discurso associada ao pós-estruturalismo.

Esses são só alguns dos trabalhos desenvolvidos utilizando a *Capricho* como objeto de pesquisa. Muitos outros poderiam ser citados; contudo, apesar de numerosos, são poucos os estudos que utilizam a raça como recorte para olhar criticamente para a revista *Capricho*. Para nós, é necessário considerar o racismo - especialmente seu caráter estrutural - como um dos pilares da análise aqui desenvolvida porque é ele que dita como a identidade de parcela significativa da população (e consequentemente de parte do público leitor da *Capricho*) será construída. Isso justifica a relevância que este trabalho possui, ao promover reflexões sobre como o atual momento histórico brasileiro, em que a representatividade se faz necessária, reflete-se na mídia, em gêneros discursivos e suportes diferentes, haja vista que se espera que as produções de um contexto sociocultural específico passem a incorporar as mudanças sociais ocorridas. Aqui, damos destaque ao povo negro, sobretudo à jovem negra, que foi afetado pelo movimento histórico de exclusão e de minimização de sua identidade.

Assim, esta pesquisa se insere nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), propostos pela Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU), cujo objetivo principal é erradicação da pobreza, a proteção do meio ambiente e promoção de paz e prosperidade em todos os lugares. (ONU, 2015) Ao todo, são 17 objetivos; mas, a este trabalho, são relevantes os de número 5 e 10 que visam, respectivamente, à igualdade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas e à redução das desigualdades dentro dos países; pois olhamos para forma como o racismo afeta a construção da imagem da jovem negra. Do quinto objetivo, damos destaque ao item 5.1, cuja intenção é “acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte”. Do décimo, ressaltamos os itens

10.2 Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra.

10.3 Garantir a igualdade de oportunidades e reduzir as desigualdades de resultados, inclusive por meio da eliminação de leis, políticas e práticas discriminatórias e da promoção de legislação, políticas e ações adequadas a este respeito.

10.4 Adotar políticas, especialmente fiscal, salarial e de proteção social, e alcançar progressivamente uma maior igualdade. (ONU, 2015)

De modo geral, dividimos este estudo em três partes: a primeira é voltada para o estudo bibliográfico das noções discursivas do Círculo de Bakhtin; a segunda, um estudo bibliográfico dedicado aos aspectos raciais no Brasil, e a terceira parte consiste na análise dos dados levantados no *corpus* da pesquisa e subdivide-se em dois eixos de análise: o da Beleza, em que analisamos a forma que aspectos como cabelo, maquiagem e pele são tratados pela *Capricho* e a forma que isso contribui para a construção da jovem negra; e o da Inclusão, em que discutimos a presença da jovem negra na *Capricho* e a alteração sofrida pelo destinatário da revista - impressa e virtual.

2 A PERSPECTIVA DISCURSIVA DE BAKHTIN E O CÍRCULO

O Círculo de Bakhtin é o nome dado a um grupo de autores russos, originado em Nevel, cujos estudos centralizam-se em questões discursivas de uso da linguagem, em diferentes esferas de atividade humana, a partir de uma perspectiva dialógica. Apesar das diferenças que constituem seus escritos, todos eles, em uma vasta obra, veem a linguagem a partir de seu caráter social e, conseqüentemente, como um produto social e móvel - já que seu desenvolvimento está estritamente relacionado às mudanças que ocorrem na sociedade -; e é ela que, por fim, vai ser mediadora da realidade em que vivemos.

Um dos princípios fundadores para Bakhtin e o Círculo é o diálogo, que vai ser a base para a construção da teoria do grupo. Para os estudiosos, o diálogo não se restringe àquele feito entre os indivíduos, face a face, mas diz respeito ao modo como os enunciados relacionam-se uns com os outros, tanto em sua produção quanto em sua compreensão, que também é dialógica. As relações dialógicas não são, assim, da língua, mas do discurso, da comunicação.

Valentin Volóchinov, no ensaio “A construção do enunciado”, de 1930, afirma que “(...) toda comunicação discursiva ocorre na forma de uma *troca de enunciados*, isto é, na forma de um *diálogo*”(VOLÓCHINOV, 2019, p. 272) e que esse diálogo enquanto “*troca de enunciados*” é a forma mais natural de linguagem, pois toda e qualquer enunciação sempre possui um interlocutor - imediato ou não - para quem se dirige o enunciador.

De igual modo, Mikhail Bakhtin, em “Os gêneros do discurso”, critica as correntes linguísticas que, nas relações comunicativas, consideram apenas as figuras do falante e do ouvinte, sem relacioná-la ao movimento vivo da língua e aos outros participantes do processo comunicativo. Assim, para o autor, a noção individual de “ouvinte” e de “entendedor” - nesse caso, os únicos participantes do processo comunicativo - seria mera *ficção científica*, pois apenas o falante teria função ativa na comunicação, enquanto o ouvinte somente receberia de modo passivo aquilo que foi dito, então

Tais ficções dão uma noção absolutamente deturpada do processo complexo e amplamente ativo da comunicação discursiva (...) sugere-se um esquema de processos ativos de discurso no falante e de respectivos processos passivos de recepção e compreensão do discurso no ouvinte. Não se pode dizer que esses esquemas sejam falsos e que não correspondam a determinados momentos da realidade, contudo, quando passam ao objetivo real da comunicação discursiva, eles se transformam em ficção científica. (BAKHTIN, 2020, p. 271)

Assim, em uma perspectiva dialógica da linguagem, não há possibilidade de o ouvinte ser um mero receptor no processo de comunicação e comportar-se passivamente diante do discurso que lhe é transmitido, pelo contrário: a ele, cabe um papel tão ativo quanto ao falante, nesse processo. Dessa forma, pode-se afirmar que a compreensão é responsiva ativa, pois o ouvinte apreende o que lhe foi passado de modo crítico e pode, conseqüentemente, posicionar-se favoravelmente ou não e pode, ainda, pensar em uma resposta, por exemplo, a partir do que foi recebido, o que garante ao enunciado um acabamento. Assim, as relações dialógicas são contínuas, porque, após o processo de compreensão e com sua subsequente resposta, o ouvinte passa a ocupar o papel de falante e assim sucessivamente. De acordo com o autor, então,

(...) o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepare-se para usá-lo etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2020, p. 271)

Por sua vez, o próprio falante espera por uma resposta ao seu enunciado, seja ela de qualquer natureza, e mais do que isso, o próprio falante, no momento de produção do seu enunciado, está respondendo a outros enunciados que foram produzidos anteriormente. Essa possibilidade de resposta está atrelada ao gênero discursivo mobilizado na enunciação e ao seu projeto de dizer, os quais possuem formas e objetivos específicos; entretanto, há sempre uma possibilidade de resposta, que pode se realizar “(...) nos discursos subsequentes ou no comportamento do ouvinte.” (BAKHTIN, 2020, p. 273). Ressaltamos que essa relação dialógica é válida para qualquer manifestação discursiva, oral ou não. Os enunciados ligam-se uns aos outros, como elos, e assumem diferentes valorações em relação aos que já forma e aos que ainda serão produzidos, independentemente de sua natureza. Nesse sentido, Bakhtin afirma que, ao produzir um enunciado, o falante não só o faz a partir do sistema linguístico disponível, mas também o faz a partir de enunciados já existentes:

Ademais, todo falante é por si mesmo um respondente em maior ou menor grau: porque ele não é o primeiro falante, o primeiro falante a ter violado o eterno silêncio do universo e pressupõe não só a existência do sistema da língua que usa, mas também de alguns enunciados antecedentes - dos seus e alheios - com os quais o seu enunciado entra nessas ou naquelas relações

(baseia-se neles, polemiza com eles, simplesmente os pressupõe conhecidos do ouvinte). Cada enunciado é um elo na corrente complexamente organizada de outros enunciados (BAKHTIN, 2020, p. 272).

Para o Círculo de Bakhtin, então, *todos* os enunciados são dialógicos. Por exemplo, segundo Volóchinov, em *A construção da enunciação*, até os enunciados que têm o caráter mais monológico, ou seja, aquilo que ele chama de um “enunciado longos de um falante (...)” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 273), e aqueles que são mais interiores também são dialógicos, em sua composição, em seu estilo e em sua compreensão, porque coincidem com a visão, opinião e valoração da classe à qual o enunciador pertence. Além de sua dialogicidade, em primeiro lugar, enquanto unidade do discurso, todos os enunciados são delimitados pela alternância dos participantes do processo comunicativo, então os enunciados são iniciados e encerrados a partir de enunciados que os antecederam e daqueles que ainda existirão. Tal como em um diálogo face a face, parte-se da premissa de que há uma alternância entre os sujeitos participantes da comunicação, ou seja, a palavra, de alguma forma, é sempre passada para o outro. Em segundo lugar, outra característica do enunciado é a sua conclusibilidade, que seria justamente a possibilidade de respondê-lo (BAKHTIN, 2020).

Para tanto, a resposta ao enunciado é dependente de três elementos. O primeiro deles é a exauribilidade do objeto e do sentido, em que, quando o objeto se torna tema de uma enunciação, ou seja, único e fruto de uma produção específica em um contexto específico, o que faz com que o tema não seja repetível (CEREJA, 2005), ele adquire certa conclusibilidade, a qual depende daquilo que foi planejado pelo autor. O segundo elemento é o projeto de discurso do autor, que é o responsável pela construção geral do enunciado. Por fim, o último elemento são as formas típicas composicionais e de gênero de acabamento. O enunciado de um autor sempre se manifestará por meio dos gêneros discursivos, os quais são responsáveis por moldar nossos discursos e são o meio pelo qual nos comunicamos (BAKHTIN, 2020).

Para este trabalho, os conceitos mobilizados são, além de diálogo, enunciado concreto e signo ideológico, os quais serão necessários para a análise das questões discursivas na *Capricho*.

2.1 O enunciado concreto

Falar sobre dialogismo é falar, de igual modo, sobre o enunciado concreto, pois um conceito está intimamente ligado ao outro. O enunciado concreto, para o Círculo de Bakhtin,

não é um conceito isolado, mas está relacionado às relações dialógicas, aos gêneros discursivos e tantos outros conceitos que são base da teoria da Análise Dialógica do Discurso (MENDONÇA, 2022). Ao partirmos do princípio de que a língua é dialógica, evocamos a noção de enunciado concreto, o qual também é dialógico em sua construção e compreensão. Afinal, o enunciado concreto, de acordo com Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, é caracterizado por ser um elo na cadeia discursiva, por relacionar-se a outros enunciados, não sendo isolado em si mesmo, e por necessariamente ser compreendido a partir de outros enunciados; ele é um “todo de sentido” (MENDONÇA, 2022)

Todo enunciado concreto é um elo na cadeia da comunicação discursiva de um determinado campo. Os próprios limites do enunciado são determinados pela alternância dos sujeitos do discurso. Os enunciados não são indiferentes entre si nem bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente o caráter. Cada enunciado é pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva. Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma *resposta* aos enunciados precedentes de um determinado campo (aqui concebemos a palavra “resposta” no sentido mais amplo): ela os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo, os leva em conta. (BAKHTIN, 2011, p. 296 - 267)

Ao contrário das palavras e das orações, as quais fazem parte do sistema da língua, mas não têm o que ele chama de “expressividade” (BAKHTIN, 2020, 296), os enunciados são construídos e dotados de valoração, conferida pelo enunciador. Assim, além dos valores sociais, os enunciados também se definem pelo objeto do discurso e pelos recursos linguísticos fornecidos pela língua. Por causa de seu caráter dialógico, pode-se afirmar que não há um enunciado que seja livre de ecos de outros enunciados, pois, em maior ou menor escala, eles são sempre perpassados por outras atitudes enunciativas responsivas, pertencentes a diversas esferas comunicativas. É preciso ressaltar que a atitude dos falantes em relação aos enunciados anteriores não deve ser, obrigatoriamente, positiva; ao contrário, essa relação pode ser de objeção, de conformidade ou de rejeição, por exemplo (BAKHTIN, 2020).

Ainda sobre os ecos que os discursos possuem, Bakhtin afirma que a pureza discursiva é inexistente, pois, ao contrário de Adão, que, biblicamente, foi responsável por nomear os seres, todo objeto discursivo do falante já foi, em determinado momento, objeto de outros enunciados e, então, também já é atravessado por diferentes valores. Assim, o autor reitera que há, nos enunciados, uma constante atitude responsiva com aqueles que o antecederam,

[...] O falante não é um Adão, e por isso o próprio objeto do seu discurso se torna inevitavelmente um palco de encontro com opiniões de interlocutores imediatos (na conversa ou na discussão sobre algum acontecimento do dia a dia) ou com pontos de vista, visões de mundo, correntes, teorias etc. (no campo da comunicação cultural). Uma visão de mundo, uma corrente, um ponto de vista, uma opinião sempre têm uma expressão verbalizada. Tudo isso é discurso do outro (em forma pessoal ou impessoal), e este não pode deixar de refletir-se no enunciado. O enunciado está voltado não só para o seu objeto, mas também para os discursos do outro sobre ele. (...) Reiteramos: o enunciado é um elo na cadeia da comunicação tanto de fora quanto de dentro, gerando nele atitudes responsivas diretas e ressonâncias dialógicas. (BAKHTIN, 2020, p. 300)

Em *A construção do enunciado*, Valentin Volóchinov traça uma das características essenciais do enunciado concreto, que é a sua orientação social, iniciada no momento de sua projeção. Para o autor, no Círculo, a linguagem é, de modo geral, social e se organiza a partir da luta de classes e da organização social do trabalho (VOLÓCHINOV, 2019). Por isso, um dos aspectos importantes do enunciado e que é responsável por defini-lo é a sua orientação social. De acordo com o autor, todo e qualquer enunciado pressupõe um falante e um ouvinte, este último pode ou não ser uma pessoa real, mas isso não altera o fato de que o enunciado é socialmente orientado e sempre recebe alguma valoração ideológica. Outro aspecto é que a língua não é algo “imóvel” (VOLÓCHINOV, 2019), mas é algo que se altera conforme as mudanças sociais e a partir das relações comunicativas entre os indivíduos, o que gera outros tipos de enunciado.

(...) A língua não é, de modo algum, um produto morto e petrificado da vida social: ela movimenta-se ininterruptamente, seguindo em seu desenvolvimento a vida social. Esse movimento progressivo da língua realiza-se no processo da comunicação do homem com o homem, comunicação esta que não é só produtiva, mas também *discursiva*. É na comunicação discursiva (um dos aspectos da comunicação mais ampla: a social) que são elaborados os mais variados tipos de comunicação social. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 267)

Sobre a *situação*, Volóchinov vai dizer que é a “(...) realização efetiva, na vida real, das diferentes formações ou variedades da comunicação social.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 269) e que é o nome dado aos “(...) três aspectos subentendidos da parte extraverbal do enunciado, encontrados por nós - o *espaço* e o *tempo* do acontecimento do enunciado (o “onde” e o “quando”), o objeto ou *tema* do enunciado (“sobre o quê” se fala) e a *relação* dos falantes com o ocorrido (“avaliação”) (...)” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 285). Ela seria as condições do contexto que envolvem a produção do enunciado e o próprio enunciado, sem as

quais não seria possível compreendê-lo, pois a situação determinaria, por exemplo, quais seriam os integrantes da comunicação social, ou seja, o auditório

Além da parte *verbal* expressa, todo enunciado cotidiano (...) consiste de uma parte não expressa, porém subentendida e *extraverbal* (situação e auditório), sem a qual não é possível compreender o próprio enunciado. Esse enunciado, como unidade da comunicação discursiva e como um *todo* semântico, constitui-se e toma uma forma estável precisamente no processo de determinada interação discursiva gerada por um tipo de comunicação social. Cada um dos tipos dessa comunicação citados por nós organiza, constrói e finaliza, *a seu modo*, a forma gramatical e estilística do enunciado, sua *estrutura típica*, que chamaremos de *gênero*. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 269).

Dessa forma, por causa de seu caráter dialógico, o enunciado sempre vai se dirigir a alguém, então ele deve se adequar ao seu destinatário, isto é, ao seu auditório. Nessa relação entre o interlocutor e o destinatário, há o peso sócio-hierárquico do auditório (a quem se dirige o enunciado), que é basicamente a orientação social, a qual abrange “(...) pertencimento de classe dos interlocutores, dos seus bens, da profissão, do cargo (...)” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280). O autor ainda pontua que qualquer orador que desconsidere qualquer um desses aspectos pode ser considerado um mau orador, por não considerar o seu auditório - a quem se dirige - em seu discurso. Notamos, pois, a importância da orientação social, que é um dos fundamentos para a construção da enunciação e da sua compreensão, já que ela “(...) é justamente uma daquelas forças vivas organizadoras que, junto com as condições do enunciado (a situação), constituem não somente a sua força estilística, mas até mesmo a sua estrutura puramente gramatical.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 280). Isso vale para todo enunciado, dos verbais aos não verbais, não importando como ele se materializa.

Outra característica fundamental do enunciado é o significado. Ele também é situado, no sentido de que não pode ser compreendido individualmente, desconsiderando a condição em que foi produzido, porque a significação está diretamente relacionada ao seu momento de produção, assim “(...) por mais que nos esforcemos, não compreenderemos o sentido desse enunciado se não conhecermos todas as condições nas quais ele é pronunciado. Em condições e em um ambiente diferentes, esse enunciado sempre terá sentidos distintos.” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 283). Nesse caso, podemos afirmar que o mesmo enunciado pode ter significados diferentes por ser enunciado em momentos diferentes, ao ser atualizado. O exemplo dado pelo autor é do enunciado “Mas que história!” (VOLÓCHINOV, 2019), que, dependendo da situação, pode significar alegria, tristeza, indignação, entre outras coisas. Ou seja,

Quase toda palavra de nossa língua pode ter várias significações a depender do *sentido geral* do todo do enunciado. O sentido depende por inteiro tanto do ambiente mais próximo, gerador imediato do enunciado, quanto de todas as causas e condições sociais mais longínquas da comunicação discursiva. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 283).

A *Capricho*, tanto nas revistas impressas quanto no *site*, nos discursos que veicula, está inserida nessa cadeia de enunciação e, por isso, ela somente pode ser compreendida em relação a outros enunciados. Em suas publicações, discursos socialmente vigentes se fazem presentes, sem uma pureza enunciativa, que, como já visto, é inexistente. Entretanto, os enunciados produzidos por ela podem assumir diferentes relações com os que circulam na sociedade, ou seja, podem, ao mesmo tempo, refutá-los e reafirmá-los, por exemplo. Aliás, esses dois movimentos serão percebidos nos momentos distintos em que a empresa jornalística é analisada neste trabalho. Em um primeiro momento, nas revistas impressas, ela reafirma (e reproduz) discursos racistas; já em um segundo momento, agora em seu *site*, ela refuta tais discursos. Ampliaremos essa discussão na análise, mas, a título de exemplo, consideramos a matéria, retirada do *site* da *Capricho*, intitulada “*Branco, não anule a luta antirracista falando que todas as vidas importam*” (OTTO, 2020).

Para compreendê-la melhor, faz-se necessário resgatar o momento sócio-histórico em que essa matéria foi produzida, ou seja, a *situação* de produção; no *site*, ela foi publicada no dia seis de junho de dois mil e vinte. Naquele ano, para além da pandemia, outros problemas sociais, apesar de já existentes, ganharam maior relevância e visibilidade, após trágicos acontecimentos ao redor do mundo. Um desses problemas foi o racismo, que se tornou pauta especialmente após o assassinato de George Floyd, nos Estados Unidos. E, concomitantemente a esse caso, outros crimes hediondos motivados pelo racismo acontecerem em outros lugares do mundo, incluindo no Brasil, com o assassinato de João Pedro Mattos Pinto, por exemplo, de 14 anos, no Rio de Janeiro. João foi morto durante uma operação da Polícia Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, em São Gonçalo, Rio de Janeiro, enquanto brincava com amigos. Na ocasião, os policiais chegaram disparando tiros à casa onde estavam os meninos e um dos disparos acertou João na barriga. Ele foi levado de helicóptero para receber “socorro”; entretanto, seus familiares passaram a noite procurando-o em hospitais e só encontraram o corpo após 17 horas, no Instituto Médico Legal (G1, 2020).

Como consequência desses acontecimentos, surgiram movimentos como *Black Lives Matter* (BLM), nos Estados Unidos, os quais culminaram na onda de protestos com o mesmo nome, ao redor do globo - no Brasil, o movimento e os protestos ficaram conhecidos como *Vidas Negras Importam*. Consequentemente, discussões relacionadas ao racismo e à luta de

movimentos antirracistas se intensificaram, mas a tentativa de minimizá-los também. Assim, enquanto havia o grito pela valorização das vidas negras, com o *BLM*, nas redes sociais e em outros veículos midiáticos, havia, em contrapartida, os movimentos de oposição, que insistiam pela valorização de *todas* as vidas, sem considerar o racismo existente na sociedade e quais as consequências disso, sobretudo para o povo negro.

Desse modo, nessa matéria da *Capricho*, publicada nesse período específico, partindo do pressuposto de que todo enunciado é dialógico, podemos perceber ecos discursivos distintos: os antirracistas e os racistas. Aqui, evidenciamos as relações dialógicas entre esses discursos, os quais são parte de uma cadeia enunciativa ainda maior. Então, a partir do vocativo “branco” e do imperativo “*não anule a luta antirracista falando que todas as vidas importam*”, há o posicionamento valorativo do enunciador, no caso, a revista, em relação ao assunto em pauta: ele assume um posicionamento contrário aos discursos racistas que circulavam e se posiciona, ao mesmo tempo, de modo antirracista, a favor das movimentações dessa causa. Isso é reforçado pelo subtítulo da matéria, que diz “Nem neutralize o racismo dizendo que é ‘algo natural’ ou que ‘a maioria dos crimes é cometido por pessoas negras (*sic*)’, porque não é verdade” (OTTO, 2020), neste caso, tanto “é natural” quanto “a maioria dos crimes é cometido” são alguns dos argumentos comumente utilizados pelos grupos racistas. Entretanto, aqui, esses dizeres, ao serem transcritos entre aspas, adquirem uma nova valoração, pois são enunciados atribuídos a um outro, produzidos em uma perspectiva antirracista, em um contexto e momento diferentes; então, o enunciado é atualizado e ressignificado. Logo, reitera-se que as relações dialógicas não são somente *entre* os discursos, mas também entre eles e as situações de produção.

Outro aspecto que pode ser ilustrado por essa breve análise é a orientação social do enunciado, ou seja, para quem ele é direcionado, seu *auditório*. Nesse caso, a construção verbal do enunciado indica-o, como observamos no trecho a seguir, transcrito da matéria do site:

(...) Você, branco, que vive em um bairro nobre, tem um trabalho estável, teve acesso à educação de qualidade, não precisa escolher entre pagar um boleto ou comprar um quilo de feijão e não se sente ameaçado ao sair na rua por causa da sua cor de pele, você realmente acha que dá para colocar sua realidade na balança quando do outro lado dela temos um preto, que vive na periferia, precisa pegar vários transportes públicos para chegar ao trabalho ou à escola, que fica localizada numa região de risco, não tem como pagar por um plano de internet, mas precisa fazer EAD e prestar o Enem para enfim ser o primeiro da família a cursar uma faculdade, e tem o constante medo de sair na rua e ser morto por sua cor de pele? (OTTO, 2020)

O excerto acima mostra que o público para qual esse enunciado se dirige é formado por pessoas brancas, de classe média ou média alta que não acreditam na existência do racismo e que tiram a credibilidade do movimento antirracista. Constatamos isso, por exemplo, no uso do pronome “*você*” como em “(..) você dá a entender que o movimento #Black Lives Matter é supremacista de alguma forma e acredita que vidas brancas não importam, deturpando completamente a questão.”; e na contraposição entre as realidades de dois grupos sociais em “*você*, branco, que vive em um bairro nobre, tem um trabalho estável, teve acesso à educação (...) e não se sente ameaçado ao sair na rua por causa da cor da pele, *você* realmente acha que dá para colocar a sua realidade na balança quando do outro lado temos um preto que vive na periferia (...)”. Assim, além do uso do pronome, o destinatário também é mostrado por meio do contraste entre as duas realidades, uma formada por pessoas que são diretamente afetadas pelo racismo e outra por quem é indiferente a essa situação. E é nesta última que o destinatário, nesse caso, se enquadra.

Outra característica da constituição deste destinatário é o teor didático do texto, que explica de maneira simples as implicações de se repetir discursos racistas. O texto se inicia com um breve panorama histórico, que vai do início da escravidão dos povos negros pelos portugueses às leis de segregação racial nos EUA, cuja intenção é mostrar como esses processos históricos culminam no racismo e no óbvio privilégio branco.

Em 1444, os portugueses deram início à escravidão, comprando negros do Sudão e transformando-os em propriedade enquanto exploravam a costa da África e colonizaram as Américas. Em 1539, os primeiros escravos chegaram ao Brasil, inicialmente para trabalhar em lavouras e depois exercendo qualquer tipo de trabalho que o branco não queria fazer ou não considerava digno de ser feito. Em 1860, as primeiras tentativas de uma política de segregação racial começaram a aparecer nos Estados Unidos. Uma delas foi a criação da Ku Klux Klan, seita supremacista branca da extrema direita criada por ex-combatentes de tropas sulistas que atacavam líderes afro-americanos por não admitir que os negros recém0libertos tivessem os mesmos direitos que os brancos (...) (OTTO, 2020)

Então, além dos pontos já mencionados sobre a imagem do destinatário, depreende-se também que ele não é politizado e não tem consciência de seus privilégios, o que o faz naturalizar o racismo. Por isso, com base nos traços linguísticos do texto, é como se a publicação se responsabilizasse, essencialmente, por educar o público.

Outro aspecto que nos é relevante, neste trabalho, é que, por ser um todo de sentido, os enunciados multissemióticos devem ser observados a partir de sua integralidade. Isso significa que não há possibilidade de analisá-los somente pela esfera verbal ou somente pela não

verbal, mas, ao contrário, devemos considerá-las juntas, já que essas dimensões são indissociáveis. No Brasil, muitos estudos relevantes foram desenvolvidos a respeito do caráter multissemiótico do enunciado, e fazemos menção a alguns dos trabalhos já feitos.

A primeira delas é Luciane de Paula que, baseando-se nos estudos do Círculo de Bakhtin, compreende os enunciados multissemióticos a partir de uma perspectiva tridimensional da linguagem. Para a autora, a linguagem articula-se na dimensão verbal, visual e sonora, as quais também devem ser analisadas juntas, pois seriam indissociáveis; na dimensão sonora, o sujeito também utilizaria a entonação e, conseqüentemente, a prosódia, para a construção do seu enunciado. É nessa articulação que se pode perceber como a língua, enquanto produto social, é viva. (PAULA; LUCIANO, 2020). Para a autora, o sujeito, ao se expressar por meio da linguagem, mobilizaria esses três aspectos, o sonoro, o verbal e o visual, para ter uma máxima expressividade da linguagem, ao elaborar seu projeto de dizer. Desse modo,

(...) o sujeito apoia-se na máxima expressividade da linguagem para concretizar seu projeto de dizer por meio das formas do enunciado que lhe são disponíveis (...). Assim, no caso das artes plásticas, por exemplo, na ausência da possibilidade de utilizar o aspecto sonoro, o pintor pode deslocá-lo na entonação dada ao compor a tela: no modo de pincelar o quadro, nas cores utilizadas, no título da obra, na expressividade de elementos pictóricos etc. (são como *vestígios* da verbivocovisualidade que contribuem para a construção do sentido. Trata-se da potencialidade da linguagem, tridimensional em sua constituição. (PAULA; LUCIANO, 2020, p. 16)

Por outro lado, é preciso destacar os estudos de Beth Brait sobre o caráter verbo-visual de determinados enunciados – a autora analisa, por exemplo, uma peça publicitária e uma capa de livro (BRAIT, MELO, 2005) e receita (BRAIT, 2009). Em *Tramas verbo-visuais da linguagem*, ela afirma que, nesses enunciados, a verbo-visualidade é constitutiva e que

(...) a linguagem verbo-visual será aqui considerar uma enunciação, um enunciado concreto articulado por um projeto discursivo do qual participa, com a mesma força e importância, a linguagem verbal e a linguagem visual. Essa unidade significativa, essa enunciação, esse enunciado concreto, por sua vez, estará constituído a partir de determinada esfera ideológica, a qual possibilita e dinamiza sua existência, interferindo diretamente em suas formas de produção (BRAIT, 2010, p. 3728).

A autora pontua que esses enunciados estão inseridos em contextos comunicativos específicos e, consecutivamente, em esferas ideológicas com características próprias. Como exemplo de um projeto discursivo verbo-visual, Brait cita a esfera jornalística, na qual o

projeto discursivo de um jornal é constitutivamente verbo-visual por causa de suas muitas imagens, ilustrações, gráficos e outros elementos visuais que são inevitavelmente atrelados ao texto verbal; ademais, soma-se a isso também a disposição das matérias nas páginas e nos cadernos. Desse modo,

O diálogo entre diferentes textos constrói sentidos por meio das especificidades da dimensão verbo-visual (...) O projeto discursivo verbo-visual, assim concebido, permite observar que uma foto pertencente à esfera jornalística vem, necessariamente, acompanhada de uma legenda, a qual participa da produção de sentidos, sinalizando a maneira como o leitor deverá compreender essa foto. Foto e legenda formam um todo indissociável: o lugar ocupado na página, a forma de composição que as associa e a relação de proximidade - geralmente a legenda vem sob a foto, ocupando toda a sua largura - as torna um único enunciado, uma única enunciação (BRAIT, 2009, p. 143 - 144).

Logo, se as fotos apresentadas em uma revista fossem deslocadas para outros contextos, como o de uma exposição de arte, elas formariam um novo enunciado concreto, já que foi alterada a esfera de atividade na qual estão inseridas, a recepção e a circulação do novo enunciado, diferindo-se das especificidades da esfera jornalística. A partir das particularidades de cada esfera, torna-se importante salientar a concepção sobre a natureza do texto, o que não é limitado somente ao verbal, mas abrange “o verbal, o verbo-visual, o projeto gráfico, como participantes da constituição de um enunciado concreto, que deve, portanto, ser analisado com base nas especificidades da natureza de seus planos de expressão e da esfera em que circula” (BRAIT, 2009, p. 144).

Para Sheila Grillo, em *Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais*, são os seguintes aspectos que permitem uma abordagem bakhtiniana de enunciados verbo-visuais: o diálogo, a estética, a autoria e a delimitação de um objeto de estudo. Em primeiro lugar, a autora pontua, de acordo com Amorim (2001), que as correntes teóricas positivistas, em que os próprios objetos determinam o modelo de análise, e idealistas, em que o sentido é construído pelo homem e seus modelos teóricos, tornam um discurso monológico porque desconsideram as diferentes enunciações que um objeto de pesquisa pode produzir; excluindo a relação existente entre o sujeito cognoscente e o sujeito a conhecer, entre o objeto falado e o objeto falante (GRILLO, 2012). Para Bakhtin, os estudos nas Ciências Humanas devem ser baseados na compreensão, no diálogo, na interrogação e na interpretação dos significados dos signos (GRILLO, 2012). Por isso, é no diálogo do pesquisador e sua teoria com o objeto falante que se pauta a epistemologia da teoria

bakhtiniana e, além disso, baseando-se em tal perspectiva para a análise de enunciados verbo-visuais, “deve se pautar, por um lado, no seu caráter real e objetivo e na sua capacidade, enquanto manifestações humanas, de determinar o seu modelo de análise, e, por outro, nas questões e categorias teóricas previamente definidas pelo pesquisador.” (GRILLO, 2012, p. 247).

Em segundo lugar, em relação à estética, para o Círculo, são dois os princípios importantes para uma abordagem verbo-visual: a não restrição a enunciados verbais, mencionada anteriormente, e a relação entre os diversos campos culturais. Ao passo que, para os formalistas russos, eram essenciais a construção de uma ciência particular para cada forma de arte e a rejeição da generalização das manifestações artísticas, para Bakhtin era imprescindível a definição de uma estética geral que se baseia em um objeto estético arquitetônico. O autor busca, portanto, entender a arte a partir de uma ótica estética que não é restrita ao material verbal, mas atende às implicações verbo-visuais (GRILLO, 2012).

Em terceiro lugar, a respeito da noção de autoria, para Bakhtin, a figura do autor faz-se presente não somente em obras verbais, mas também em visuais, tais como a pintura, em que, apesar de não ser explicitamente visível, é possível sentir a presença do autor na obra. Logo, a questão da autoria é constitutiva nas duas dimensões.

Neste trabalho, adotamos a noção de verbo-visual pela especificidade de nosso *corpus*, em que o aspecto multissemiótico se manifesta em linguagem verbal escrita e em imagens (das quais se destacam fotos, cores, logotipos, distribuição desses elementos na página impressa e na página do *site*), mas não em linguagem oral ou musical. Assim, entendemos que é necessário analisar conjuntamente essas dimensões verbais e não verbais do enunciado. Destacamos, ainda, que não adotamos aqui o aspecto de uma possível potencialidade tridimensional da linguagem, como defende Paula (2020); analisamos o aspecto multissemiótico tal como ele se manifesta no enunciado concreto, tomado como um todo de sentido (MENDONÇA, 2022; LARA, 2017).

Como vimos, a linguagem não se restringe somente ao verbal, pois o signo¹ se materializa de diversas formas. Volóchinov, em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, afirma que a consciência se nutre do signo e, ao se afastar dele, não há consciência. Assim, ela se materializaria através da palavra, da imagem, dos gestos, entre outras formas. Ainda, o autor, ao abordar o fato de a palavra ser um fenômeno ideológico por natureza, afirma que a compreensão dos fenômenos ideológicos será sempre atrelada ao discurso interior e que os

¹A noção de signo ideológica é ampliada na próxima seção.

signos não verbais, os quais compreendem as manifestações visuais do signo, não estão desvinculados dos signos verbais.

(...) Os processos de compreensão de qualquer fenômeno ideológico (*de um quadro, música, rito, ato*) não podem ser realizados sem a participação do discurso interior. Todas as manifestações da criação ideológica, isto é, todos os *outros signos não verbais* são envolvidos pelo universo verbal, emergem nele e não podem ser isolados, nem separados dele por completo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 100, grifo nosso)

Desse modo, vemos que os signos podem se expressar por meios verbais ou não, tais como a música e os quadros, por exemplo, os quais são de natureza sonora e visual, respectivamente. O único requisito para que um objeto, independentemente de sua natureza se torne um signo é a sua capacidade de refletir e refratar a realidade, ao apontar para uma realidade exterior a si mesmo.

De acordo com Mendonça e Lara (2017), os enunciados que são compostos por diferentes linguagens não podem ser analisados separadamente daquilo que lhe constitutivo e que lhe dá sentido. Considerando o objeto de estudo deste trabalho, na *Capricho*, tanto no site quanto nas revistas impressas, os enunciados são construídos a partir de um projeto que mobiliza igualmente as dimensões verbais e não verbais, o que impossibilita que as análises se voltem somente a um desses aspectos, pois ambos são igualmente relevantes. Por isso, quando analisamos questões relacionadas à construção da negritude, como propomos aqui, importam a construção verbal - ou seja, o caráter linguístico - e as imagens que compõem cada matéria. Nesta dimensão, os valores passados pelo enunciador podem ser identificados na paginação das imagens ou até mesmo em quais imagens são permitidas no projeto de dizer da *Capricho*. Juntas, essas dimensões formam um enunciado concreto, que possui, então, valores sociais e ideológicos, e constroem a imagem da jovem negra.

2.2 Signo ideológico

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Valentin Volóchinov, ao iniciar a discussão a respeito de ideologia, parte do princípio de que todo signo é ideológico e que, logo, “(...) onde não há signo, não há ideologia” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91). Para o autor, há uma estreita relação entre os signos e a ideologia; por ser fruto da interação social, o signo é responsável por refleti-la e refratá-la. Assim, ao se tornar a representação de algo que é exterior a si mesmo, adquire significação e, portanto, assume uma coloração ideológica. Desse modo, um corpo físico qualquer por si só, por exemplo, não teria significado algum, porém, ao se tornar

a representação mental de algo, passa a ter uma significação e, então, torna-se ideológico (VOLÓCHINOV, 2017).

Não há nenhuma restrição no que diz respeito à possibilidade de um objeto tornar-se um signo ideológico, pois todo e qualquer objeto físico pode assumir uma coloração ideológica, o que também pode ocorrer com o que o autor vai chamar de instrumentos de produção ou com os de consumo, por exemplo (VOLÓCHINOV, 2017). Sozinhos, esses produtos ou objetos serviriam apenas como um instrumento para desenvolver suas funções predeterminadas. Entretanto, ao se tornarem um signo ideológico, deixam de ser um mero objeto ou produto, e representam uma realidade externa a si mesmos, o que pode ser visto na foice e no martelo, que, em contextos específicos, simboliza o movimento comunista; e no pão e no vinho, os quais, deslocados para um contexto cristão, são um dos representantes dos sacramentos deixados por Cristo.

(...) qualquer corpo físico pode ser percebido como a imagem de algo. (...) Essa imagem artístico-simbólica de um objeto físico já é um produto ideológico. O objeto físico é transformado em um signo. Sem deixar de ser uma parte da realidade material, esse objeto, em certa medida, passa a refratar e refletir a realidade (...) Um instrumento de produção é em si mesmo privado de significação e possui apenas uma utilidade; a de servir para algum objetivo de produção. O instrumento serve a esse objetivo na qualidade de objeto singular, sem refletir e refratar nada. No entanto, um instrumento de produção também pode ser transformado em um signo ideológico. É o que ocorre com a foice e com o martelo [...] Do mesmo modo, um produto de consumo pode ser transformado em um signo ideológico. Por exemplo, o pão e o vinho se tornam símbolos religiosos no sacramento da comunhão cristã. No entanto, os produtos de consumo, assim como os instrumentos, podem ser relacionados aos signos ideológicos, mas nessa relação não se apaga a evidente fronteira semântica. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 92 - 93)

Consequentemente, ao possuir uma significação, o signo aponta para uma realidade que vai além de si, torna-se um representante da realidade social, no sentido de que a reinterpreta, ou seja, “(...) o signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante. (...) Onde há signo há também ideologia. *Tudo o que é ideológico possui significação sýgnica*” (VOLCÓCHINOV, 2017, p. 93).

Os signos ideológicos, tal como a linguagem para o Círculo, também são frutos da interação social e só existem por meio dela, pois, segundo Volóchinov, é unicamente nesse meio, a partir das vivências compartilhadas pelas consciências individuais, que eles nascem e

se desenvolvem, desse modo “(...) essa cadeia ideológica se estende entre as consciências, individuais, unindo-as, pois o signo surge apenas no processo de interação *entre* consciências individuais. E a própria consciência individual está repleta de signos.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Não somente isso, mas a própria consciência passa a existir por causa dos signos, já que ela, enquanto fato social e ideológico, se materializa através do material sgnico, no processo da comunicação de uma coletividade organizada. (VOLÓCHINOV, 2017).

Desse modo, o caráter social do signo é reforçado pelo fato de, tal qual o enunciado concreto, ele se associa à condição social de produção em que o enunciador está. Quando, nesse meio, há qualquer tipo de mudança, ela se refletirá no signo e, conseqüentemente, nos enunciados e gêneros discursivos existentes nessa comunidade, pelos quais o signo se materializará.

(...) todo signo surge entre indivíduos socialmente organizados no processo de sua interação. Portanto, *as formas do signo são condicionadas, antes de tudo, tanto pela organização social desses indivíduos quanto pelas condições mais próximas da sua interação.* A mudança dessas formas acarreta uma mudança do signo. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 109)

Como resultado da relação entre o signo e a interação social, há outro aspecto que se atrela a isso: a luta de classes. Sheila Grillo, em seu ensaio introdutório de *Marxismo e filosofia da linguagem*, afirma que é a ideologia a responsável por formar a consciência, já que esta se constrói no universo produzido pelos signos, o qual surge da interação social, ou seja, da luta entre classes.

A ideologia não é uma formulação da consciência, mas, ao contrário, a ideologia forma e constitui a consciência por meio de sua realidade material, isto é, dos signos ideológicos. Esses signos, por sua vez, são constituídos no processo de interação social em que os interesses das diversas classes sociais direcionam o processo de construção das representações materializadas na palavra. (GRILLO, 2017, p. 55)

A luta de classes é um fator importante na formação do signo. É através dela e da interação social que os signos nascerão. No signo há uma convergência de posições ideológicas distintas, as quais são determinadas pelas classes sociais, fato que o torna refrator da realidade, pois “[...] O que determina a refração da existência no signo ideológico? O cruzamento de interesses sociais multidirecionados nos limites de uma coletividade sgnica, isto é, *luta de classes*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 112). A explicação para isso é que as

classes sociais, geralmente, usam as mesmas formas de comunicação, por exemplo, são todos falantes de uma língua; dessa forma, possuem igual acesso aos signos que surgiram das interações sociais da comunidade à qual pertencem. Todavia, embora compartilhem a língua, usam-na de forma diferente, pois partem de posições sociais diferentes, assim, os signos são frequentemente atualizados e ressignificados. Isso é o que vai mantê-los vivos, já que fora dessa arena (e, portanto, da interação social), eles deixariam de existir enquanto signos.

A classe social não coincide com a coletividade s gnica, ou seja, com a coletividade que utiliza os mesmos signos da comunicação ideológica. Por exemplo, várias classes podem utilizar a mesma língua. Em decorrência disso, *em todos os signos ideológicos cruzam-se ênfases multidirecionais*. O signo transforma-se no palco da luta de classes. Essa *multiacentua  o* do signo ideológico é um aspecto muito importante. Na verdade, apenas esse cruzamento de acentos proporciona ao signo a capacidade de viver, de movimentar-se e de desenvolver-se. Ao ser retirado da disputa social acirrada, o signo ficará fora da luta de classes, inevitavelmente enfraquecendo, degenerando em alegoria e transformando-se em um objeto da análise filológica e não da interpretação social viva (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113).

É nesse movimento constante do signo que ele reflete e refrata a realidade, pois, nele, há múltiplas posições e significações que nem sempre coincidem umas com as outras, evidenciando um aspecto contrastante na composição s gnica que o torna dual. Para exemplificar tal ocorrência, Volóchinov (2017) pontua que um xingamento, apesar de ser ofensivo, quando deslocado para outro contexto, pode ser visto como um elogio, ou talvez uma verdade absoluta, t mb m em outro contexto, pode ser uma mentira. A essa dualidade, o autor d  o nome de *dial tica interna do signo*.

(...) essa contradição contida em todo signo ideológico é incapaz de revelar-se em absoluto, pois na ideologia dominante o signo ideológico é sempre um pouco reacionário, em uma espécie de tentativa de estabilizar o momento anterior do fluxo dial tico da formação social, ou seja, de enfatizar a verdade de ontem como se fosse a verdade social de hoje. Isso determina a particularidade do signo ideológico de refratar e distorcer a realidade dentro dos limites da ideologia dominante (VOLÓCHINOV, 2017, p. 113 - 114).

Embora todo e qualquer objeto tenha a capacidade de se tornar um signo ideológico, é a palavra que é considerada o *signo ideológico por natureza*. Do ponto de vista do conteúdo, esses objetos poderiam adquirir uma coloração ideológica, já que a única exigência para isso é que eles estivessem no que o autor chama de *horizonte social* do enunciador, o que corresponderia aos possíveis objetos que poderiam receber essa coloração (VOLÓCHINOV,

2017). Para isso, “(...) é necessário que ele esteja relacionado com as premissas socioeconômicas essenciais da existência desse grupo; é necessário que, de algum modo, ele toque, mesmo que parcialmente, as bases da existência desse grupo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111) Assim, é preciso que o objeto faça parte do imaginário compartilhado entre indivíduos, para o autor, “(...) *somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.*” (VOLÓCHINOV, 2017, 111).

Entretanto, apenas a palavra é absolutamente capaz de se materializar enquanto signo tão claramente. Ela é um *fenômeno ideológico par excellence* (VOLÓCHINOV, 2017) e é o meio mais sensível às mudanças sociais. Outra característica essencial da palavra é que ela é *neutra*, à medida que os outros signos pertencem a esferas específicas, são materializados em formas específicas e não possuem uma significação em si mesmos, a palavra é o único signo que está em todas as esferas e campos, e pode assumir qualquer valoração ideológica.

Cada campo possui seu próprio material ideológico e forma seus próprios signos, símbolos específicos inaplicáveis a outros campos. Nesse caso, o signo é criado por uma função ideológica específica e inseparável dela. Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa. (VOLÓCHINOV, 2017, p. 99)

Ao contrário dos objetos - tais como os de consumo ou os de produção, por exemplo -, que podem ser tocados fisicamente, a base da palavra é o som, algo imaterial, que não pode ser apreendido com algum dos sentidos, a não ser a audição. Todavia, para se tornar uma palavra, não basta apenas a produção sonora, faz-se indispensável “(...) *[a palavra]* ser compreendida como algo que reflete e expressa certos fenômenos da realidade: fenômenos da natureza ou da consciência social” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 313, grifos nossos). A palavra, para existir como tal, passa pela compreensão, fruto da consciência - a qual é social e ideológica e depende exclusivamente da linguagem anterior.

Ao compreendermos uma palavra ou uma combinação de palavras, é como se as traduzíssemos do discurso exterior (ouvido ou lido) de outra pessoa para o nosso discurso interior, como se reproduzíssemos essas palavras uma e outra vez, como se as rodeássemos com outras palavras e as situássemos em lugar especial no fluxo discursivo geral da nossa consciência. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 313)

Assim como os outros signos, a palavra também vai refletir e refratar a realidade, mas não será a realidade em si, pois nenhum material sógnico, independentemente de sua materialidade, refletirá rigorosamente a realidade. A palavra é sempre usada em um contexto,

em um momento da história, por um sujeito específico que a direcionará a um interlocutor definido, logo, a palavra não tem significado fora da enunciação.

Nenhuma palavra reflete de modo absolutamente preciso (“objetivo”) o seu objeto, o seu conteúdo. A palavra não é uma fotografia daquilo que ela significa. A palavra é um som significante, emitido ou pensado por uma pessoa real em um determinado momento da história real, e que é, portanto, um enunciado vivo, a palavra só existe nos dicionários, mas lá ela é uma palavra morta, mero conjunto de linhas retas ou semicirculares, marcas de tinta tipográfica nas folhas de um papel em branco [...] a palavra torna-se palavra somente na comunicação social viva, no enunciado real, que pode ser compreendido e avaliado não só pelo falante, mas também por seu auditório possível ou presente. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 314 - 315)

Por ter significado somente na enunciação, a palavra sempre aponta para um ponto de vista avaliativo da realidade (VOLÓCHINOV, 2019), marcada pela luta de classes; aquela, então, não poderia deixar de refletir os movimentos e os embates sociais causados por esta última (VOLÓCHINOV, 2019). Assim, a palavra como signo ideológico provavelmente terá valorações diferentes ao ser proferida por enunciadores de classes diferentes, pois irá refletir/refratar, neste caso, perspectivas distintas, com isso, refletirá também “(...) diferentes relações com uma mesma realidade (...)” (VOLÓCHINOV, 2019, p. 316). A palavra é, pois, o que Volóchinov vai chamar de *arena da luta de classes*.

Aqui nos defrontamos mais claramente com as relações de classe, que, ao organizarem também o gosto estético, vão nos ditar a escolha de uma ou outra palavra, uma ou outra expressão, portanto, aqui também a palavra torna-se uma arena para a luta de classes, um palco para a disputa de opiniões e interesses de classe diversamente orientados. [...] Um ponto de vista não é resultado pessoal de um sujeito cognoscente: ele é o ponto de vista da classe à qual o sujeito pertence. Portanto, a objetividade e a plenitude do ponto de vista (a medida de correspondência da palavra à realidade) são condicionadas pela posição de dada classe na produção social. Diferentes classes também possuem diferentes pontos de vista; na língua de cada classe existe uma medida especial para a correspondência entre a palavra e a realidade objetiva. (VOLÓCHINOV, 2019, p. 317 - 318)

A título de exemplo, recuperamos o enunciado anteriormente analisado, retirado do *site da Capricho*, intitulado “Branco, não anule a luta antirracista falando que todas as vidas importam”, podemos admitir que a oração “*Vidas negras importam*” (e a sua versão em inglês, *Black Lives Matter*), recorrente ao longo do texto da matéria, é um signo ideológico. Esses dizeres, enquanto signos ideológicos, refletem e refratam a realidade material, simbolizando a luta antirracista. Desse modo, em uma sociedade em que as vidas negras são comumente destituídas de humanidade, esses dizeres em *hashtags* nas redes sociais apontam para a

necessidade de preservação dessas vidas. Longe desse contexto e fora das interações sociais, “*Vidas negras importam*” ou “*BLM*” não têm valor algum enquanto signo.

Ao mesmo tempo, por causa do seu caráter sógnico, esse enunciado pode ser ressignificado e, conseqüentemente, atualizado, caso seja proferido em uma perspectiva e em uma situação social distintas. Isso pode ser constatado no uso de enunciados como “*Todas as vidas importam*”. Neste caso, o slogan antirracista foi atualizado e não mais aponta para uma necessidade de valorização da vida de pessoas negras, mas para a valorização igualitária de todas as vidas, o que desconsidera as mazelas sociais às quais determinados grupos são submetidos. Aqui, este signo adquire uma valoração racista.

2.3 Aspectos teórico-metodológicos

O *corpus* desta pesquisa é composto por vinte e três números da revista *Capricho*, impressos entre 2012 e 2014,² e por matérias retiradas do *site* da *Capricho*, publicadas entre 2012 e 2022; ao todo, então, temos um recorte temporal de 10 anos da revista. Os enunciados que escolhemos para a análise são relacionados à moda e à beleza, pois são esses que abordam, direta ou indiretamente, questões relacionadas à pele e ao tipo de cabelo, por exemplo, e que permitem compreender, a partir desses indícios, como se dá a construção da identidade da jovem negra.

Este trabalho tem, de modo geral, caráter qualitativo, já que analisamos os dados a partir de nossa interpretação daquilo que encontramos no *corpus* da pesquisa. Wanderley Geraldi, em *Heterocientificidade nos estudos linguísticos*, afirma que a interpretação dos sentidos “(...) opera isomorficamente através de outros sentidos expressos também eles simbolicamente” (GERALDI, 2012, p. 28), o que significa que a interpretação não é uma ciência exata, mas é fruto das relações dialógicas existentes entre os enunciados. Isso se justifica, pois, segundo Bakhtin, em *Metodologia das ciências humanas*, nas ciências humanas, não há uma coincidência entre seus objetos de estudo, composto pelo “(...) ser expressivo e falante (...)” (BAKHTIN, 2011, p. 395), o que permite que seu sentido e significados sejam múltiplos.

A interpretação, desse modo, não é neutra, mas é formada a partir de determinados pontos de vista (GERALDI, 2012), sendo resultado da interação do texto, para além de seus limites, com outros textos e contextos. Para Bakhtin (2011), essa relação com os contextos se

² A *Capricho* deixou de ser veiculada de modo impresso em 2014.

dá no que ele chama de “*movimento dialógico da interpretação*”, em que há um ponto de partida, com determinado texto; seguido da relação entre ele e contextos anteriores - chamado de “movimento retrospectivo” -, e, por fim, tem-se a iniciação do novo contexto, também chamado de “movimento prospectivo” (BAKHTIN, 2011). Essa interação garante a longevidade do texto, pautada totalmente no diálogo dos enunciados e que não pressupõe somente uma atitude de oposição entre eles, como já vimos anteriormente, e sim infinitas possibilidades de respostas.

Outro aspecto importante é que o contexto dialógico não é finito, ele não possui limitações passadas ou futuras, pois “não existe a primeira nem a última palavra (...)” (BAKHTIN, 2012, p. 410). Além disso, o sentido, como fruto das relações dialógicas, é inacabado, instável e se renova frequentemente; em um constante movimento de mudança, dependendo do contexto em que está inserido, o sentido pode ser esquecido, lembrado, reinventado e revivido, mas ele nunca deixa de existir completamente. Esse fluxo do sentido pode ser resumido de maneira belíssima nas próprias palavras de Bakhtin: “(...) não existe nada absolutamente morto: cada sentido terá sua festa de renovação. Questão do grande tempo” (BAKHTIN, 2012, p. 410).

A esse vínculo entre a interpretação e o contexto, que origina novas vozes, as quais dialogam entre si, dá-se o nome de “*cotejo*”

Dar contextos a um texto é **cotejá-lo com outros textos**, recuperando parcialmente a cadeia infinita de enunciados a que o texto responde, a que se contrapõe, com quem concorda, com quem polemiza, que vozes estão aí sem que se explicitem porque houve esquecimento de da origem (...) Ao ir cotejando os textos com outros textos, vai elaborando conceitos ou reutilizando conceitos produzidos em outros estudos (até mesmo de outros campos) com que se aprofunda a penetração na obra em estudo (...) Interpretar é construir um sentido para um discurso, para um texto, e a validade desta interpretação se mede por sua profundidade e pela consistência e coerência de seus argumentos. (GERALDI, 2012, p 33)

O objetivo do cotejo é a compreensão profunda do texto, a construção do sentido baseada em nas relações dialógicas. Dessa forma, neste trabalho, de caráter qualitativo-interpretativo, o cotejamento - as relações dialógicas existentes entre os textos - foi feito a partir dos próprios materiais que compõem o *corpus* e entre outros textos que circulam socialmente na esfera jornalística e em outras esferas de atividade verbal. Assim, mobilizamos, ao longo do trabalho, por exemplo, discursos relacionados às questões raciais

no Brasil (textos acadêmicos, jornalísticos, legais), os quais, de alguma forma são reafirmados ou refutados pela *Capricho*, e isso é reflexo do contexto de produção.

Além disso, as análises são embasadas em estudos bibliográficos de estudos de/sobre Bakhtin e o Círculo (resenhados e discutidos neste capítulo) e sobre as questões raciais no Brasil, com base nos estudos de Almeida (2020), Ribeiro (2015), Ramos (2007), Moura (2019), Carneiro (2011), Fonseca (2009), Corrêa (2019), hooks ³(2019, 2019).

Por fim, ressaltamos que partimos de um breve levantamento quantitativo para darmos início às análises desenvolvidas. A partir da leitura dos 23 números impressos, contabilizamos a temática relacionada às jovens negras na seção *Beleza*, nas dicas de cuidados com a pele e o cabelo, no caso os crespos ou cacheados. Essa seção nos confere um panorama geral sobre a forma como a negritude e os aspectos a ela relacionados são tratados e representados na *Capricho*, por isso o discurso presente nela é analisado neste trabalho. No *site*, foram selecionados enunciados sobre a mesma temática para serem cotejados com os enunciados dos números impressos da revista.

³ Neste trabalho, adotamos bell hooks, em letras minúsculas, como a grafia para o nome da célebre autora norte-americana, cuja intenção era que nossa atenção fosse voltada para sua obra e não somente para sua identidade.

3 RACISMO, MÍDIA E REPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NO BRASIL

A fim de compreendermos a representação do negro, e mais especificamente, da mulher negra, na mídia, de modo geral, é imprescindível considerar o racismo e as questões raciais no Brasil. Assim, a intenção deste capítulo é analisar como o racismo, por ser estrutural e, conseqüentemente, naturalizado, está em todos os âmbitos da vida social e influencia, portanto, na necessidade de criação de políticas públicas que garantam a dignidade e a humanidade à população negra e no modo como essa parcela teve sua imagem construída e representada na mídia, ao longo dos anos, por exemplo.

3.1 Racismo e a raça como consequências da construção social

O racismo se relaciona ao poder e sua existência está atrelada ao sistema, às instituições e à estrutura social, assim, é um problema estrutural, pois é consequência da formação histórica, política e social do país e, de modo mais amplo, da história das Américas. Logo, suas raízes deixaram marcas que podem ser percebidas facilmente em toda e qualquer esfera de atividade humana.

De acordo com Sílvia Almeida, em “*Racismo estrutural*”, o racismo seria definido como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo social ao qual pertencem.” (ALMEIDA, 2020, p. 13). Desse modo, o racismo é a desigualdade baseada na raça e manifestada nas relações sociais, sejam elas interpessoais, institucionais ou corporativas; percebe-se, então, que essa mazela já é naturalizada, pois faz parte também das relações políticas e econômicas de um povo, o que confere ao racismo seu caráter *sistêmico* e *estrutural*. Por isso, está relacionado à discriminação racial e propaga as condições subalternas de determinados grupos sociais e a segregação racial.

Para Almeida (2020), o conceito de raça é histórico, social e politicamente construído, já que essa noção não é natural e, tal qual a definição do que é o homem enquanto indivíduo, depende exclusivamente das condições históricas do momento em que é utilizada e que “por trás da *raça* sempre há contingência, conflito, poder e decisão, de tal sorte que se trata de um conceito *relacional* e *histórico*. Assim, a história da raça ou das raças é a história da constituição política e econômica das sociedades contemporâneas.” (ALMEIDA, 2020, p. 25).

Um exemplo dessa construção social pode ser visto na relação entre a Revolução Francesa e a Revolução Haitiana. Na primeira, fruto dos ideais iluministas, o homem era sujeito e objeto de conhecimento e, portanto, deveria gozar de direitos universais, tais como a liberdade, a fraternidade e a igualdade; a universalidade do homem e da razão foram essenciais para a consolidação da civilização e para a definição de humanidade. Entretanto, a Revolução Haitiana, semelhantemente à Francesa, foi feita para reivindicar esses mesmos direitos. Contudo, apesar de o país ter se tornado livre em 1804, a revolução do povo negro explicito que “(...) projeto liberal-iluminista não tornava todos os homens iguais e sequer faria com que todos os indivíduos fossem reconhecidos como seres humanos” (ALMEIDA, 2020, p. 28).

Isso também se estende ao colonialismo e à escravidão de populações das Américas e da África, as quais eram consideradas “menos evoluídas” do que as “civilizações” europeias. Assim, essa *desumanização* (ALMEIDA, 2020) foi e ainda é responsável pela manutenção do racismo, genocídios e discriminação de grupos minoritários. Desse modo, no contexto brasileiro, como efeito do processo de expansão marítima de Portugal, essa desumanização foi a base da economia do Brasil colonial, em um primeiro momento, com os povos autóctones, e, em seguida, com os povos trazidos da África. Darcy Ribeiro, em *O povo brasileiro*, pontua que, ao embarcarem nos navios negreiros, os negros eram destituídos de sua língua materna, de suas crenças, de seu povo e de todo e qualquer resquício de cultura que ainda possuíam, assim,

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga; depois, para ser outro, quando transfigurado etnicamente da linha consentida pelo senhor, que é a mais compatível com a preservação dos seus interesses. (RIBEIRO, 2015, p. 89)

O engenho açucareiro foi o que possibilitou a expansão do domínio europeu sobre as terras tropicais, por ter sido como uma grande “empresa agroindustrial” (RIBEIRO, 2015). Um dos aspectos fundamentais para o êxito desse empreendimento foi o uso de mão de obra escrava. Enquanto os indígenas “não constituíam uma força de trabalho facilmente disciplinável e explorável” (RIBEIRO, 2015, p. 205) e se voltavam mais para uma agricultura de subsistência, os africanos escravizados não tinham outra escolha: capturados

principalmente da costa continental da África, as condições subumanas já se iniciavam antes mesmo da travessia do Atlântico, em que

Apresado aos quinze anos em sua terra, como se fosse uma caça apanhada numa armadilha, ele era arrastado pelo pombeiro – mercador africano de escravos – para a praia, onde seria resgatado em troca de tabaco, aguardente e bugigangas. Dali partiam em comboios, pescoço atado a pescoço com outros negros, numa corda puxada até o porto e o tumbeiro. Metido no navio, era deitado no meio de cem outros para ocupar, por meios e meio, o exíguo espaço do seu tamanho, mal comendo (...) Escapando vivo à travessia, caía no outro mercado, no lado de cá, onde era examinado como um cavalo magro. (...) Outro comboio, agora correntes, o levava à terra adentro, ao senhor das minas ou dos açúcares, para viver o destino que lhe havia prescrito a civilização: trabalhar dezoito horas por dia, todos os dias do ano (RIBEIRO, 2015, p.90)

Mesmo com a tardia Abolição da Escravatura, em 1888, a subalternidade se intensificou e favoreceu o processo de marginalização dos ex-escravos. Ribeiro (2015) estima que pelo menos 12 milhões de negros foram a principal mão de obra responsável pela edificação do Brasil de tal forma que, ao final do período colonial, era a maior massa populacional do país. Entretanto, apesar de legalmente não mais submetido à escravidão, na prática, sua situação não foi alterada, pois, conforme afirma Carneiro (2011), após a abolição, não houve medidas que garantissem a inserção social, política e econômica dos recém-libertados, o que ainda marca a história desse povo. Segundo a autora, há

(...) a prevalência da concepção de que certos humanos são mais ou menos humanos do que outros, o que consequentemente, leva à naturalização da desigualdade de direitos. Se alguns estão consolidados no imaginário social como portadores de humanidade incompleta, torna-se natural que não participem do gozo pleno dos direitos humanos (...). (CARNEIRO, 2011, p. 15).

Assim, sem qualquer amparo governamental, o resultado disso foi a eminente miséria, que reduziu suas chances de viver e tornou, consecutivamente, a população menor em número. Logo, apesar de livres, não viviam como tal, já que não tinham acesso à terra, ao trabalho e ao mínimo para sua subsistência. Ribeiro (2015) pontua que as classes econômicas dominantes brasileiras, formadas pelos descendentes dos senhores de engenho e donos de escravos, negaram a essa parte da população

(...) a posse de qualquer pedaço de terra para viver e cultivar, de escolas em que pudesse educar seus filhos, e de qualquer ordem de assistência. Só lhes deu, sobejamente, discriminação e repressão. Grande parte desses negros

dirigiu-se às cidades, onde encontravam um ambiente de convivência menos hostil. Constituíram, originalmente, os chamados bairros africanos, que deram lugar às favelas. Desde então, elas vêm se multiplicando, como a solução que o pobre encontra para morar e viver. (RIBEIRO, 2011, p. 167)

Dessarte, pode-se afirmar que a marginalização do povo negro é fruto tanto da escravidão quanto da abolição da escravatura, que intensificaram a desigualdade social à qual este grupo é submetido, o que mostra que, no Brasil, a desigualdade é ampliada pela discriminação racial e pelo racismo (RIBEIRO, 2015). Apesar de estar à margem da sociedade, de não ter participação ativa nela e de ter sido aculturado, o povo negro foi responsável não somente pela produção de quase tudo o que há aqui, mas também pela “sua introdução sorrateira, mas tenaz e continuada, que remarcou o amálgama racial e cultural brasileiro (...)” (RIBEIRO, 2015, p. 87). Tornou-se, portanto, a base da cultura popular, em que é possível ter destaque mesmo sem escolaridade - já que lhe foi negado o acesso ao ensino.

3.1.2 Racismo estrutural

A partir desse breve panorama e considerando que raça é um conceito socialmente construído, podemos nos aprofundar nas questões relacionadas ao racismo como um fenômeno estrutural. Em sua obra, Silvio Almeida destaca que há três tipos de racismo: o individualista, o sistêmico e o estrutural, os quais descrevem fenômenos com dimensões específicas e impactos distintos, especialmente os dois últimos.

Na noção individualista, o racismo é reduzido a uma questão de falha de caráter e, então, seria algo superficial, pois, por ser algo restrito ao comportamento do indivíduo ou de alguns grupos, não existiriam sociedades ou estruturas racistas. De igual modo, a sua resolução também seria “superficial”, e o investimento em educação e a conscientização resolveria o problema. Desse modo,

O racismo, segundo esta concepção, é concebido como uma espécie de “patologia” ou anormalidade. Seria um fenômeno ético ou psicológico de caráter individual ou coletivo, atribuído a grupos isolados; ou, ainda, seria o racismo uma “irracionalidade” a ser combatida no campo jurídico por meio da aplicação de sanções civis – indenizações, por exemplo – ou penais. Por isso, a concepção individualista pode não admitir a existência de “racismo”, mas somente de “preconceito”, a fim de ressaltar a natureza psicológica do fenômeno em detrimento de sua natureza política. (ALMEIDA, 2020, p. 36).

Mesmo que reducionista, essa noção embasa análises atuais sobre o racismo, as quais desconsideram a história e reflexões mais aprofundadas. Ao vê-lo somente como um problema comportamental, ignora-se o fato de que grandes atrocidades geradas pelo racismo foram todas legalizadas e com o apoio de líderes políticos (ALMEIDA, 2020), tais como o *apartheid*, os movimentos segregacionistas nos EUA, a escravidão no Brasil e, na história recente de nosso país, temos como exemplo também o Massacre do Carandiru.

A segunda concepção abordada pelo autor é a institucional. Neste caso, o racismo não seria algo comportamental ou individual, mas “(...) tratado como o resultado do funcionamento das instituições que passam a atuar em uma dinâmica que confere, ainda que indiretamente, desvantagens e privilégios com base na raça.” (ALMEIDA, 2020, p. 38). Ela se relaciona à política e à economia, contudo, cada sociedade possui um Estado que é único e com características próprias, dessa forma, manifesta-se de modos diferentes em sociedades diferentes.

As instituições são as responsáveis por formar o comportamento humano e é por meio delas que os indivíduos se tornam sujeitos, pois eles agem dentro daquilo que é permitido em determinada estrutura social. E, para ser um sistema estável, dependem da normalização de comportamentos e ações dos membros de uma comunidade, ou seja, “(...) da capacidade das instituições de absorver os conflitos e os antagonismos que são inerentes à vida social.” (ALMEIDA, 2020, p. 39).

Então, por tê-los absorvido, os conflitos raciais seriam parte das instituições. Nessa perspectiva, a desigualdade racial existe e é uma característica da sociedade porque as instituições são dominadas por determinados grupos raciais que “utilizam mecanismos institucionais para impor seus interesses políticos e econômicos.” (ALMEIDA, 2020, p. 40). Percebe-se, pois, que aqui o racismo relaciona-se ao poder e não é visto de modo simplista tal como na concepção individualista. Grupos dominantes fazem a manutenção do poder ao impor à sociedade regras e padrões do que é aceito ou não. Como consequência disso, tem-se

o estabelecimento de parâmetros discriminatórios baseados na raça, que servem para manter a hegemonia do grupo racial no poder. Isso faz com que a cultura, os padrões estéticos e as práticas de poder de determinado grupo tornem-se o horizonte civilizatório do conjunto da sociedade. Assim, o domínio de homens brancos em instituições públicas (...) e instituições privadas (...) depende, em primeiro lugar, da existência de regras e padrões que direta ou indiretamente dificultem a ascensão de negros e/ou mulheres, e, em segundo lugar, da inexistência de espaços em que se discuta a desigualdade racial e de gênero, naturalizando, assim, o domínio do grupo formado por homens brancos. (ALMEIDA, 2020, p. 41)

Na visão institucional, o racismo é visto como parte de um projeto político e econômico específico, comandado por um grupo dominante específico. Mesmo que seja mais difícil de percebê-lo, ele ainda é destrutivo para grupos raciais subalternos - como as famílias e comunidades negras ou indígenas que vivem em desvantagens sociais-. pois é exercido por mecanismos de ordem social e, conseqüentemente, naturalizado e menos repudiado publicamente.

A terceira concepção seria a estrutural que parte do pressuposto que a sociedade é racista e isso faz parte de sua estrutura. Nesse aspecto, as instituições são racistas porque apenas reproduzem o racismo já intrínseco às ordens sociais em que estão inseridas. Ou seja, “(...) as instituições são apenas a materialização de uma estrutura social ou de um modo de socialização que tem o racismo como um de seus componentes orgânicos.” (ALMEIDA, 2020, p. 47).

Nesse caso, para combater o racismo, são necessárias medidas antirracistas que de fato funcionem, pois, ao tratarem a desigualdade racial somente como um problema superficial e ao não oferecerem soluções ativas, as instituições somente reproduziram práticas racistas já normalizadas. Para isso, segundo o autor, políticas internas devem ser desenvolvidas, a fim de:

- a) Promover a igualdade e a diversidade em suas relações internas e com o público externo - por exemplo, na publicidade;
- b) Remover obstáculos para a ascensão de minorias em posições de direção e de prestígio na instituição;
- c) Manter espaços permanentes para debates e eventual revisão de práticas institucionais;
- d) Promover o acolhimento e possível composição de conflitos raciais e de gênero. (ALMEIDA, 2020, p. 48 – 49)

Ainda assim, esse problema não se reduz unicamente à noção de representatividade, que é relevante, mas sozinha não tornaria a instituição menos racista, já que a presença de negros em posições de poder ou a sua presença em publicidades, por exemplo, sempre seriam permeadas pelos elementos estruturais da sociedade e por questões de ordem política, econômica e jurídica. Logo, a representatividade é importante, mas não é ela que vai resolver a desigualdade racial. Em suma,

A viabilidade da reprodução sistêmica de práticas racistas está na organização política, econômica e jurídica da sociedade. O racismo se expressa concretamente como desigualdade política, econômica e jurídica. Porém, o uso do termo “estrutura” não significa dizer que o racismo seja

uma condição incontornável e que ações políticas institucionais antirracistas sejam inúteis (...) o racismo, como processo histórico e político, cria as condições sociais para que, direta ou indiretamente, grupos racialmente identificados sejam discriminados de forma sistemática (...) *[Raça]* É uma relação social, o que significa dizer que se a raça se manifesta em atos concretos ocorridos no interior de uma estrutura social marcada por conflitos e antagonismos. (ALMEIDA, 2020, p. 51 – 52)

Ao indivíduo, nessa perspectiva, compete as ações e práticas antirracistas, já que o racismo ser parte da estrutura social não os isenta de qualquer responsabilidade no assunto. Isso ocorre porque o racismo constrói subjetividades em que os sujeitos naturalizam o racismo, explicando-o de modo racional e naturalizando a discriminação e a violência, por exemplo, tal fato faz com que o racismo seja perpetuado. Desse modo, enquanto ideologia - ou seja, “(...) a representação da nossa relação com a realidade” (ALMEIDA, 2020, p. 66) -, o racismo molda e reproduz as práticas discriminatórias e o imaginário racista nos meios de comunicação e em outras esferas sociais. Neste trabalho, adotamos a concepção de racismo estrutural, justamente porque ele, enquanto formador das relações sociais, também seria responsável por construir e propagar as práticas racistas, as quais influenciam no modo como a identidade da negritude é construída.

3.1.3 Racismo e representação

Logo, nota-se que, a fim de compreendermos plenamente as questões raciais atuais no Brasil, é impossível desconsiderar o panorama histórico-social da formação do país, pois aquelas são consequências dos longos anos de escravidão e deixaram marcas estruturais profundas na sociedade, que atravessam os diversos níveis da atividade humana - por isso, foi caracterizado como racismo estrutural. Desse modo, a subalternidade dos negros e negras e, por conseguinte, os ideais de superioridade racial vão além da desigualdade social, mas são reproduzidos em outras dimensões - tais como nas científicas, políticas e midiáticas, por exemplo -, o que é uma forma de preservar o poder e o controle sobre as formas de representação e sobre a produção de conhecimento, perpetuando, assim, o racismo (BANAJI, 2017).

Nesse sentido, como consequência do racismo, a imagem socialmente construída do negro também é marginalizada e estereotipada; e, ainda, seu pertencimento à sociedade é inviabilizado, sobrando-lhe apenas lugares de subalternidade. Por exemplo, de acordo com Fernandes (2019), isso pode ser percebido na falta de figuras negras centrais na mídia

brasileira, como revistas ou telejornais, e, quando aparecem, são retratadas em imagens de pobreza, de violência, de hipersexualização, de exclusão, a partir dos estereótipos comumente disseminados - os quais nada mais são do que “uma forma de representação”, na tentativa de deixar o Outro “menos ameaçador” (hooks, 2019). Por isso, a mídia, ao apenas propagar esses ideais sem problematizá-los, é racista por reproduzir aquilo que é parte do corpo social e, automaticamente, atesta a ideologia do domínio da superioridade branca (BANAJI, 2017). Bell hooks, na introdução de seu compilado de ensaios intitulado “*Olhares negros: raça e representatividade*”, quando se refere à representação do povo negro na sociedade norte-americana, afirma que houve poucas mudanças nesse quesito, pois

(...) Ao abrir uma revista ou livro, ligar a TV, assistir a um filme ou olhar fotografias em espaços públicos, é muito provável que vejamos imagens de pessoas negras que reforçam a reinstitui a supremacia branca. Essas imagens podem ser construídas por pessoas não brancas ou negras que vejam o mundo pelas lentes da supremacia branca - racismo internalizado. É claro, aquele entre nós comprometidos com a luta da libertação dos negros, com a liberdade e autonomia de todas as pessoas negras precisam encarar todos os dias a realidade trágica de que, coletivamente, realizamos poucas revoluções em termos de representação racial - se é que fizemos alguma. (hooks, 2019, p. 32)

Aqui, então, ressaltamos a noção de representatividade, sua importância e sua estrita relação com o racismo. Apesar de hooks tratar especificamente sobre o contexto norte-americano, essas questões raciais, infelizmente, não são restritas a ele, mas assemelha-se ao brasileiro também, em que a representação desse povo é feita de forma marginalizada, como reflexo da história do país e do racismo. Para a autora, ser uma mulher negra nos Estados Unidos é uma experiência difícil justamente por causa da ideologia da supremacia branca e da grande mídia que é racista, assim, dando a entender que, nesse contexto, a negritude é algo que não é digno de uma reflexão e uma análise decentes já que suas vidas não seriam consideradas “complexas o suficiente” (hooks, 2019). Desse modo, tanto os prazeres quanto as dores do povo tornam-se, muitas vezes, inarticuláveis e um dos motivos para isso seriam os modelos hegemônicos que moldam as autopercepções do grupo e o modo como pensa sobre si mesmo, impedindo-o de enxergar sob outras perspectivas e construir uma imagem diferente de si, uma que seria libertadora (hooks, 2019).

Logo, hooks (2019) e Banaji (2017) se aproximam por atrelar os ideais da supremacia branca e patriarcal à naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que são responsáveis por conservar o estado de constante opressão dos negros nos diversos âmbitos sociais. A autora norte-americana defende que essas imagens da

negritude e de pessoas negras “(...) sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar. Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial” (hooks, 2019, p. 33).

Assim como Almeida (2020), que propõe que a representação, apesar de importante, não é a solução para a desigualdade racial e que apenas medidas verdadeiramente antirracistas seriam capazes de solucioná-las, bell hooks (2019), em sua obra, apresenta posicionamento semelhante ao do autor, ao dizer poderosamente que a representação é o lugar da luta, contudo, é imprescindível, além de subverter as imagens, transformar os paradigmas sociais também (hooks, 2019). A autora ainda aponta que a falta de representação e a falta de controle sobre a imagem do negro afetam drasticamente a construção da individualidade desse povo e a sua capacidade de reconhecimento. Entretanto, isso apenas será alterado ao não se limitar as noções de raça e de representação, pois isso

(...) não se restringe apenas a criticar o status quo. É também uma questão de transformar as imagens subverter, apresentar alternativas críticas e transformar nossas visões de mundo e nos afastar de pensamentos dualistas acerca do bom e do mau. Abrir espaço para imagens transgressoras, para a visão rebelde fora da lei, é essencial em qualquer esforço para criar um contexto para a transformação. E, se houve pouco progresso, é porque nós transformamos as imagens sem alterar os paradigmas, sem mudar as perspectivas e modos de ver (hooks, 2019, p. 36-37).

A falta de criticidade na produção das imagens do negro apenas reforça a perspectiva imperialista, aquela que é responsável pela dominação, pela subjugação e pela colonização. Seria necessário, portanto, tratar a representação e a raça com atitudes revolucionárias, que não sejam somente superficiais, mas que resolvam a problemática considerando sua complexidade e profundidade; afinal, como já visto, apenas medidas antirracistas ativas seriam capazes de dar fim à desigualdade racial e às suas manifestações. Uma das atitudes revolucionárias defendidas pela autora é a descolonização, que consistiria em desvencilhar-se de valores e pensamentos estabelecidos pela supremacia branca - os quais concebem os negros como sendo “(...) inferiores, inadequados, marcados pela vitimização etc.” (hooks, 2019, p. 58) - e que permitiria o amor pela negritude, considerado um ato de revolução por romper com o que foi normalizado; esse processo originou-se na cultura de resistência, como o *apartheid* e o da segregação racial norte-americana.

Porém, ainda de acordo com a pensadora, mesmo que uma das principais heranças de movimentos separatistas, tal como a segregação racial nos Estados Unidos, tenha sido o

surgimento das lutas civis no país, na década de 60, e tenha gerado os movimentos de resistência, os quais promoviam e exaltavam a negritude, a partir do uso de slogans como “*black is beautiful*”, valores não descolonizados ainda são disseminados massivamente por meio, principalmente, da escola e da mídia, o que faz com que esses ideais ainda sejam internalizados. Desse modo, sem uma visão positiva acerca da negritude e sem medidas antirracistas, as crises de autoimagem continuarão acontecendo e o racismo estrutural continuará dominando as relações sociais e individuais.

(...) Enquanto as pessoas negras forem ensinadas a rejeitar nossa negritude, nossa história e nossa cultura como única maneira de alcançar qualquer grau de autossuficiência econômica, ou ser privilegiado materialmente, então sempre haverá uma crise na identidade negra. O racismo internalizado continuará a erodir a luta por autodefinição. Massas de crianças negras vão continuar a sofrer de baixa autoestima. E, ainda que sejam motivados a se empenhar ainda mais para alcançar o sucesso, porque desejam superar os sentimentos de inadequação e falta, esses sucessos serão minados pela persistência da baixa autoestima (hooks, 2019, p. 58).

Percebe-se, pois, que, embora a representação não seja a solução de todos os problemas causados pelo racismo, ela é necessária não somente por motivos superficiais, mas porque afeta o modo como um povo enxerga a si mesmo e constrói a própria imagem e, além disso, determina como ele se relaciona com o mundo que o cerca. Então, em um país cuja história foi moldada por padrões coloniais e racistas, as relações entre as estruturas sociais e a sociedade são tão afetadas quanto as relações individuais do negro, principalmente no que diz respeito à construção de sua identidade. É na representação, portanto, que o negro encontra espaço de resistência e ressignificação de sua imagem.

Neste trabalho, a representação e a construção da imagem do negro serão relacionadas à noção de ideologia, a fim de se compreender como se materializa, no signo, a construção da imagem da jovem negra, fruto da refração da realidade.

3.1.4 Racismo, o negro e a mídia

A mídia, como um produto do meio social, é racista por muitas vezes reproduzir o racismo, tornando-o algo comum. Assim, a existência de uma ideologia que pregue - nem sempre de modo sutil - a superioridade racial da branquitude não está distante dos veículos midiáticos. Ao analisar-se o contexto brasileiro de comunicação, observa-se que a falta de criticidade na construção da imagem do negro faz-se presente, tal como proposto bell hooks, e que se valoriza aquilo que se adequa ao padrão de beleza adotado socialmente - o belo, então,

é tudo aquilo semelhante ao europeu, reforçando a visão imperialista de mundo, também apontada pela autora.

Desse modo, os lugares de subalternidade ocupados pelos negros ainda são perpetuados na mídia, já que a eles, geralmente, são reservados os papéis que refletem a história do Brasil: desde a chegada dos portugueses às Américas, o negro é usado para servidão, sem lugar de destaque. A partir disso, então, nasce a ideia de que esses são os únicos papéis possíveis, em telenovelas, filmes ou propagandas, porque simbolizam, hipoteticamente, a miscigenação no Brasil e o mito da democracia racial - que é a ideia de o povo brasileiro, por ser fruto das relações entre brancos, indígenas e negros, ter uma alta tolerância racial (CARNEIRO, 2000) e transpor “(...) a divisão racial da nossa formação” (ARAÚJO, 2006, p. 76). Entretanto, isso apenas evidencia o que Araújo (2006) vai chamar de “internalização da ideologia de branqueamento”, cujo principal objetivo permanece o de homogeneizar a população.

(...) a acentuação de traços negros ou indígenas significa a possibilidade de viver um eterno sentimento de inferioridade, e uma consciência difusa e contraditória de ser uma casta inferior que deve aceitar os lugares subalternos intermediários do mundo social [...] A internalização da ideologia do branqueamento provoca uma “naturalidade” na produção e recepção dessas imagens, e uma aceitação passiva e a concordância de que esses atores⁴ realmente não merecem fazer parte da representação do padrão ideal de beleza do país (ARAÚJO, 2006, p. 76 e 77).

Nota-se, pois, que a questão da falta de representatividade não é algo recente, porém a discussão a respeito desse problema foi maximizada nas últimas décadas, com a globalização, e foi nesse mesmo período que a necessidade de naturalizar outras etnias fez-se latente. A princípio, segundo o autor, foi uma tendência de os meios de comunicação apropriar-se de elementos culturais negros e indígenas ao mesmo tempo em que desconsideravam as identidades desses povos; nesse contexto, também, havia a tentativa de uniformizar os produtos culturais para a sociedade massificada pela indústria cultural, tornando-a compatível aos Ideais da supremacia branca. Contudo, em um segundo momento, a intenção não é mais massificar e tornar a identidade única, mas destacá-la (ARAÚJO, 2007). Ou seja,

(...) nesta etapa intensa de globalização, acontece um fenômeno inverso, de emergência das identidades étnicas, e de intensa pressão sobre as mídias pelo seu reconhecimento (...) E entramos agora em um novo momento da história

⁴ Aqui, o autor se refere aos atores de pele escura.

da humanidade, que já não é mais aquele movimento migratório do morador do campo para os centros metropolitanos, de dissolução das comunidades negras e indígenas que vieram para os centros urbanos buscando se integrar nas sociedades de massas. Neste novo momento, a característica central é a intensa circulação planetária e, se não forem elaboradas políticas específicas a respeito, se os meios de comunicação não assumirem suas responsabilidades, estarão contribuindo para as atitudes reacionárias (...) e para a intensificação do racismo e da xenofobia (ARAPUJO, 2007, p. 70).

Consequentemente, outro fato sobre a falta de diversidade nesse âmbito é que ela não pode ser justificada pela falta de público, uma vez que os negros constituem mais da metade da população do Brasil, segundo mostram dados oficiais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. Ou seja, há um público consumidor negro, pois, ao considerarmos a publicidade, por exemplo, de acordo com o Instituto Locomotiva, a população negra brasileira movimentou cerca de 1,5 trilhão em consumos de bens e serviços, em 2017; contudo, de acordo com a pesquisa, há uma defasagem entre a publicidade e a população negra do Brasil (SOUZA, LEITE, 2019). Essa insuficiência nesses campos relaciona-se ao fato de a mídia ser controlada pelo grupo dominante, que a utiliza para manter o poder e perpetuar o racismo por meio das imagens veiculadas. Considerando a perspectiva de Bakhtin do Círculo, não há, portanto, na imprensa brasileira neutralidade, pois, por serem parte de uma cadeia de enunciação, os discursos que ela transmite possuem ecos de outros enunciados, os quais apenas reforçam aqueles que circulam socialmente. Novamente, demonstra-se que, para que haja uma mudança significativa nas questões raciais, deve-se começar no seio social, uma vez que, discursivamente, os enunciados não podem ser desvinculados do contexto em que são produzidos, o que faz deles apenas um reflexo de seu meio.

Para Souza e Leite (2019), as tecnologias, a internet e as redes sociais são as responsáveis por reivindicar mudanças nos meios midiáticos, e, por causa da abrangência desses recursos, são grandes a visibilidade e o alcance dessas manifestações. Ainda de acordo com as autoras, contestar o que elas chamam de “lugar sógnico” midiático do negro é imprescindível para combater a perpetuação dessas por aqueles que controlam a mídia. As redes sociais, por exemplo, permitem outras formas de manifestação como as organizações de campanhas *on-line*, os boicotes e o movimento do Black Money - caracterizado como um conjunto de estratégias que visa manter a circulação de dinheiro dentro das próprias comunidades negras, emponderando-as economicamente -; esses recursos possibilitam “enfrentar, modificar e inscrever novas/outras percepções no *status quo* dos processos da produção publicitária e midiática do Brasil. Esse cenário denota a exigência da sociedade para a construção de diálogos, com sua mídia publicitária.” (SOUZA, LEITE, 2019, p. 165).

Um exemplo desses movimentos oriundos das redes sociais é a chamada “geração tombamento” (SOUZA, LEITE, 2019), que ganhou maior relevância entre os anos de 2014 e 2015, com o lançamento da música e do videoclipe “Tombei”, da cantora Karol Conka. Com isso, a expressão “tombamento” passou a denotar uma estética propriamente negra, cujo objetivo era valorizar a beleza e a identidade negras. A estética, nesse grupo, foi usada como forma de posicionar político e ideologicamente, a qual, de acordo com as autoras, se torna um signo ideológico, pois simboliza a valorização de tudo aquilo que foi negado à população negra ao longo dos anos, no Brasil, assim

Essas contestações, ainda em pauta, buscam combater um processo sócio-histórico de opressão, tomado pela diretriz de uma cultura dominante e hegemônica que tradicionalmente vem silenciando, desvalorizando (...) e mitigando os esforços, as contribuições (intelectuais, culturais etc.) da população negra brasileira [...] a “geração tombamento”, que se põe como uma expõe como uma expressão sígnica de contestação para se reivindicar a valorização socia, política, econômica, histórica e cultural, negligenciada aos negros e às negras, tradicionalmente, pela sociedade, e as suas instituições de poder, como a mídia. (SOUZA, LEITE, 2019, p. 166 – 167)

Outros movimentos semelhantes a esse podem ser encontrados nos Estados Unidos, na República do Congo e na África do Sul, com os *Afropunks*, os *Sapeurs* e os *Fashion Rebels*, respectivamente, os quais servem de inspiração para o movimento brasileiro. A fim de valorizar a estética negra, a geração tombamento preza pelo fortalecimento da autoestima, da ancestralidade e da beleza como forma de luta, enaltecendo os cabelos, os corpos, os traços naturais da negritude, para questionar e redefinir o conceito de beleza, que sempre foi centrado no padrão de beleza europeu. O cabelo, nesse cenário, adquire caráter político e de resistência, pois se torna símbolo da libertação de um processo de homogeneização e de embranquecimento, então o cabelo *afro* ganha destaque, juntamente com o incentivo ao uso de maquiagens vibrantes, roupas e acessórios inspirados na cultura africana (tais como estampas étnicas e turbantes, por exemplo) (SOUZA, LEITE, 2019).

Nota-se, pois, que há uma demanda por inserção desse grupo na mídia de modo geral, a qual passou a ser suprida com o surgimento e alcance das redes sociais, que se transforma em espaços de mobilização e de resistência do povo negro (principalmente da juventude) ao qual sempre foi negada uma voz para denunciar as mazelas e opressões sofridas. Como as modificações sociais ditam a produção discursiva, os meios publicitários e midiáticos - este último relevante para este trabalho - incorporam, de alguma forma, essas alterações, mesmo que movidos por valores mercadológicos.

3.1.4.1 Mulher negra na mídia

Tal como vimos anteriormente, de modo geral, o negro na mídia comumente ocupa lugares de subalternidade, o que é consequência do histórico racista de nosso país; então, a ele são dados os papéis relacionados à criminalidade e os de conotações pejorativas, que seriam considerados “naturais da raça”, ou seja, aqueles que representam “(...) a violência, a degeneração, a imoralidade, a preguiça, a inferiorização de suas capacidades intelectuais (...)” (SANTANA, SILVA, ANGELIN, 2018, p. 55).

No que diz respeito especificamente à mulher negra, a representação subalterna é, muitas vezes, intensificada por causa da erotização da negritude; isso acontece porque, segundo Sueli Carneiro (1995), em *Gênero, raça e ascensão social*, a mulher negra está na base do que a autora chama de “pirâmide de privilégios”, o que a torna mais vulnerável às violências de gênero e de raça. Segundo Carneiro (1995), “(...) as mulheres negras são socialmente desvalorizadas em todos os níveis, inclusive esteticamente” (1995, p. 547), o que significa que elas são desrespeitadas e desvalorizadas nas esferas sociais, em níveis pessoais, profissionais, afetivos, entre outros. Além disso, em *Enegrecer o feminismo: A situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero*, a autora afirma que, enquanto as mulheres brancas eram vistas como frágeis, por causa do “*mito da fragilidade*” (Carneiro, 2001) e, por isso, recebiam a toda proteção paternalista dos homens e eram os alvos dos discursos feministas, as mulheres negras não eram vistas a partir dessa ótica, já que elas nunca foram tratadas como frágeis, “(...) fazemos parte de um contingente de mulheres que trabalharam durante séculos como escravas nas lavouras ou nas ruas, como vendedoras, quituteiras, prostitutas (...)” (CARNEIRO, 2001).

Por não ser vista como “frágil”, muitas vezes a mulher negra é retratada, pejorativamente, como “forte” ou “agressiva”, de forma que seus aspectos físicos são desqualificados e inferiorizados, como aponta Sodré (2015). Um exemplo disso é analisado por Costa e Sousa (2019), em *O outro do autor: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia*, em que as autoras analisam como parte da mídia noticiou o episódio em que Serena Williams perde um jogo final do campeonato de tênis *US Open* e discute com o juiz da partida (BBC, 2018). As autoras dão ênfase para a seguinte charge que repercutiu ao redor do mundo:

Figura 1: Charge feita por Mark Knight, cartunista australiano.



Fonte: Página da BBC News Brasil (BBC, 2018).

Segundo elas, a charge transmite estereótipos racistas ao apresentar, negativamente, uma mulher negra de forma “avantajada e raivosa”, o que confere a ela um aspecto animalesco, irracional e infantilizado, longe de qualquer resquício de feminilidade ou fragilidade. Já a sua oponente Naomi Osaka, desenhada no plano mais afastado da imagem, apesar de ser japonesa e ter a pele mais escura, é retratada como branca loira e tem seus traços afinados; esse embranquecimento, para as autoras, dá a ela um aspecto de maior fragilidade e mais feminilidade, associados à brancura (COSTA, SOUSA, 2019).

Para Carneiro (2001), as mulheres negras têm a identidade de um objeto, que é útil por estar a serviço do outro. Então, enquanto as mulheres brancas eram vistas como “as rainhas do lar” - uma atualização da figura da sinhá - e como “as musas dos poetas”, as mulheres negras “(...) não são rainhas de nada, que são tratadas como antimusas da sociedade brasileira, porque o modelo estético de mulher é a branca (...)” (CARNEIRO, 2001). Quando pensamos na representação da mulher negra na mídia, percebemos que esses lugares de subalternidades influenciam no modo como essa representação ocorre. Assim, os estereótipos acerca da mulher negra são, muitas vezes, reiterados e reproduzidos nas telenovelas, nas publicidades, nas publicações escritas e na mídia, de modo geral.

Os mais comuns atribuídos a ela são o da negra submissa ao branco, e que ocupa posições desprivilegiadas em relação a ele, e o da negra sensual. Segundo Maia & Silva (2016), em um estudo dos estereótipos raciais sobre a mulher negra na sociedade brasileira, nas telenovelas, elas eram retratadas como escravas, cuidadoras e empregadas domésticas; e, além disso, poderiam ser associadas às “(...) herdeiras das mucamas, amas de leite, “bisbilhoteiras”, as que não sabiam “seu lugar”, submissas ou mesmo como um objeto de

desejo dos padrões” (MAIA, SILVA, 2016, p. 21). Geralmente, essas mulheres também estão à margem da sociedade e não possuem grande relevância para a narrativa.

Segundo Lélia Gonzales, em *Racismo e sexismo na cultura brasileira*, outro papel comumente conferido às mulheres negras, na mídia, de modo geral, é o da negra “sensual”, hipersexualizando-a, de tal forma que elas se tornam objetos de desejo - sendo este um dos poucos momentos em que ela será considerada desejável de alguma forma. Seus corpos são retratados, muitas vezes, animalescamente, o que reafirma os discursos racistas do século XIX, que

“(…) atribuíam determinadas características morais e comportamentais distintas às diferentes etnias (...) De acordo com tais teorias, pessoas negras seriam degeneradas moralmente (...), movidas por instintos, seriam apenas corpo, apenas natureza, não movidas por racionalidade ou qualquer preceito moral” (MAIA, SILVA, 2016, p. 22).

Maia & Silva (2016), em *Sexo e as negas: empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia*, analisam a minissérie *Sexo e as negas*, exibida pela Rede Globo, entre setembro e dezembro de 2014. De acordo com as autoras, antes mesmo de sua estreia, a obra já tinha sido alvo de boicote por uma parte do movimento negro, nas redes sociais, porque, especialmente as mulheres negras, não se sentiam representadas pela minissérie e nem pelos estereótipos por ela reforçados. Além disso, após sua estreia, a obra recebeu três denúncias e dezessete acusações de racismo, as quais eram encaminhadas à Secretaria Especial de promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e ao Ministério Público Federal do Rio de Janeiro (MFP-RJ) (MAIA, SILVA, 2016). Apesar de a proposta original da série ser a de representar mulheres negras empoderadas e personagens principais de suas próprias histórias, acaba apenas reproduzindo os estereótipos racistas já banalizados.

A trama narra a história de quatro mulheres negras moradoras de uma comunidade - Zulma, Matilde, Soraia e Lia - e todas elas se enquadram no que já é comumente retratado sobre a mulher. A respeito do trabalho, as quatro exercem profissões subalternas e “nenhuma delas se encontra em uma profissão não subalterna ou que lhes assegure estabilidade econômica, assim como não são proprietárias de nada (MAIA, SILVA, 2016, p. 22). Nesses lugares sociais, elas apenas “(...) protagonizam apenas conflitos amorosos, situações de racismo, assim como o que tange a questão sexual (...)” (MAIA, SILVA, 2016, p. 22); ou seja, suas histórias são reduzidas aos estigmas atribuídos à mulher negra, os quais já são naturalizados socialmente.

No que diz respeito à sexualidade, alguns corpos são mais evidenciados do que outros. Assim, as mulheres negras de pele clara, na minissérie, são mais expostas e hipersexualizadas, o que se encaixa no estereótipo da “mulata fogosa”; já as mulheres negras de pele retinta, na minissérie, têm a sexualidade negada e seus corpos pouco evidenciados. Sobre isso, as autoras pontuam que alguns corpos negros, então, são mais tolerados do que outros porque se associam “(...) a um conjunto de características identificadas como pertencentes à estética branca” (MAIA, SILVA, 2016, p. 23).

Assim, na mídia, de modo geral, há uma predileção por aquilo que se encaixe no padrão de beleza, em que o normal, o belo e o adequado estão relacionados à branquitude; logo, tudo aquilo que não se adequa a este padrão é “inadequado”, sendo tratado de forma negativa. Isso não seria diferente, então, com a forma que o negro - e aqui enfatizamos a mulher negra - é tratado na mídia. Essa representação nada mais é do que reflexo de uma sociedade racista e que teve sua história pautada na exploração e desumanização de corpos negros.

3.2 Políticas públicas raciais

Com base nos estudos bakhtinianos, sabemos que as produções discursivas são socialmente dirigidas e construídas, o que significa que os enunciados concretos são formados a partir da situação social que os circundam, eles estão em situação dialógica com o momento social e com outros discursos anteriores ou posteriores a ele, ou seja, eles não são alheios à história. E, tal como Silvio Almeida pontua em sua obra *Racismo estrutural*, anteriormente já abordada, pelo fato de o racismo ser estrutural, é preciso que políticas públicas afirmativas sejam feitas para garantir direitos básicos à população negra, que, ao longo da história do país, foi marginalizada. O contexto sociocultural brasileiro, então, vai influenciar diretamente no modo como se dão (ou não) as produções discursivas sobre as pautas raciais e sobre a construção da identidade da jovem negra.

De acordo com Conceição (2010), em *Superando as desigualdades raciais: uma análise das principais políticas públicas*, apesar de o Estado brasileiro ter adotado medidas para contenção da desigualdade racial no país, esse movimento é relativamente recente, visto que só ganhou ênfase a partir dos anos 70. Antes disso, porém, problemas raciais não foram tratados com a relevância que deveriam, visto que, após a abolição da escravidão, aos negros não foram concedidos aparatos legais que lhes garantissem o direito a uma vida digna. Então,

apesar de livres, foram destinados a uma condição subalterna que se perpetuar ao longo dos anos.

Desse modo, com a intensificação das atividades dos movimentos negros, na década de 80, houve a criação de “espaços de interlocução com os poderes públicos” (CONCEIÇÃO, 2010, p. 87), foi nesse período, por exemplo, que ocorreu a Convenção Nacional do Negro na Constituição, em Brasília, que foi promulgada a nova Constituição Federal, em 1988 - 100 anos após a abolição da escravidão -, essa nova versão do documento legal

(...) tornou o racismo um crime inafiançável e imprescritível; reconheceu quilombolas como bens nacionais, além de admitir o direito da população remanescente de quilombolas como bens culturais nacionais, além de admitir o direito da população remanescente de quilombos à propriedade definitiva das terras que ocupavam; e afirmou a diversidade cultural como um patrimônio comum a ser valorizado e preservado (CONCEIÇÃO, 2010, p. 87).

Outro marco para a década de 80 foi a criação da Fundação Cultural Palmares, cujo principal objetivo era valorizar a influência negra nos âmbitos sociais. Mesmo com a criação dessas entidades e da atualização da Constituição, a situação da desigualdade social não foi significativamente alterada. Foi somente em 2001 que ocorreu a implantação de políticas públicas voltadas para a diminuição e combate das desigualdades geradas pelo racismo. Um importante marco nesse percurso foi a participação do Brasil na III Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que aconteceu em Durban, na África do Sul (CARNEIRO, 2011; CONCEIÇÃO, 2010). Como *políticas públicas*, Conceição (2010) entende medidas promovidas pelo Estado voltadas para a solução de problemas causados pelas disparidades sociais que atingem determinados grupos sociais. Para esses casos, as políticas consideradas universais não seriam o suficiente porque não resolveria tais questões em seu cerne, naquilo que ela chama “assimetria social”, exemplificada pela discriminação racial.

Apesar de as cotas raciais receberem maior atenção e serem mais debatidas, elas não são as únicas políticas públicas criadas a fim de diminuir as barreiras criadas pelas desigualdades raciais. Para além delas, outras foram criadas para as diferentes instâncias sociais. De acordo com Conceição (2010), depois da conferência ocorrida em Durban, aqui no Brasil, último ano de governo de Fernando Henrique Cardoso, com o propósito de incentivar a criação de proteção dessas políticas públicas afirmativas voltadas para os grupos sujeitos à discriminação racial e a proteção dessa parcela da comunidade. Nesse mesmo ano, foram

instituídos um número de cotas para negros no mercado de trabalho, promovidas pelo Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério da Cultura e Ministério da Justiça; e houve também a criação do Programa Nacional de Ações Afirmativas.

Em 2003, início do governo Lula, foi dada continuidade às medidas anteriormente propostas, as quais faziam parte do projeto “Brasil sem Racismo” (CARNEIRO, 2011). Então, três órgãos foram criados a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), o Conselho Nacional de Promoção da Igualdade Racial (CNPIR) e o Fórum Intergovernamental de Promoção da Igualdade Racial (FIPIR); todos esses, em nível federal, eram responsáveis pelo combate ao racismo e pela promoção de políticas públicas voltadas para a igualdade racial.

Um detalhe interessante é que políticas públicas voltadas para a área da saúde também foram elaboradas, a fim de combater o racismo estrutural. Apesar de a área mencionada não ser pertinente a este trabalho, observa-se o modo como o racismo afeta a vida de grupos étnicos e raciais em diversos âmbitos, incluindo na forma em que são ou deveriam ser tratados em relação à sua saúde. Isso parte do pressuposto de que, por causa de sua cor, determinados grupos seriam discriminados e tratados de forma ineficiente, baseada em estereótipos racistas. (CARNEIRO, 2011, CONCEIÇÃO, 2010).

No que diz respeito à educação, foi promulgada a Lei n.10.639/03, de 9 de janeiro de 2003, que incluía no currículo escolar a obrigatoriedade de temáticas relacionadas à História da África e das culturas afro-brasileiras, e de outros povos, para

oferecer aos alunos brancos a oportunidade de conhecer a história e cultura desses outros povos, fornecendo-lhes os fundamentos necessários para maior reflexão acerca das desigualdades raciais que maculam a nação brasileira e para seu posicionamento mais consciente no embate que a sociedade, hoje, trava diante dessa questão (BRASIL, 2003; BRASIL, 2008).

Nesse contexto educacional, também surgiram as cotas para o ingresso nas universidades públicas, as quais reservam vagas para estudantes negros, indígenas e estudantes de escolas públicas. Apesar de altamente polemizadas por determinados setores sociais, elas permitem a ampliação do acesso e da permanência desses grupos nas universidades.

Para as discussões deste trabalho, é relevante a lei do Estatuto da Igualdade Racial. Fruto do projeto de lei PL 3198/2000, foi promulgada pelo deputado Paulo Paim, em 20 de julho de 2010 (CAPAITULINO, 2021; BRASIL, 2010). Seu primeiro artigo explicita seu

objetivo de “garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica” (BRASIL, 2010).

O documento reitera os projetos e leis mencionados anteriormente, pois seu texto abrange as áreas da educação, da saúde, da moradia, do trabalho, da cultura, entre outras. Um aspecto pertinente para este trabalho está no capítulo VI, que é voltado para os meios de comunicação. Nessa parte, ela estabelece que os meios de comunicação devem valorizar o povo negro e a sua cultura, como partes da história do país. Mais especificamente nos artigos 44 e 45, ela propõe que as produções visuais do país, do cinema à propaganda, tenham negros atores e figurantes participantes, além de propor que haja oportunidades de empregos para esse grupo também na parte técnica dessas produções.

Art. 43. A produção veiculada pelos órgãos de comunicação valorizará a herança cultural e a participação da população negra na história do País.

Art. 44. Na produção de filmes e programas destinados à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas, deverá ser adotada a prática de conferir oportunidades de emprego para atores, figurantes e técnicos negros, sendo vedada toda e qualquer discriminação de natureza política, ideológica, étnica ou artística. Parágrafo único. A exigência disposta no **caput** não se aplica aos filmes e programas que abordem especificidades de grupos étnicos determinados.

45. Aplica-se à produção de peças publicitárias destinadas à veiculação pelas emissoras de televisão e em salas cinematográficas o disposto no art. 44.

Art. 46. Os órgãos e entidades da administração pública federal direta, autárquica ou fundacional, as empresas públicas e as sociedades de economia mista federais deverão incluir cláusulas de participação de artistas negros nos contratos de realização de filmes, programas ou quaisquer outras peças de caráter publicitário.

§ 1º Os órgãos e entidades de que trata este artigo incluirão, nas especificações para contratação de serviços de consultoria, conceituação, produção e realização de filmes, programas ou peças publicitárias, a obrigatoriedade da prática de iguais oportunidades de emprego para as pessoas relacionadas com o projeto ou serviço contratado.

§ 2º Entende-se por prática de iguais oportunidades de emprego o conjunto de medidas sistemáticas executadas com a finalidade de garantir a diversidade étnica, de sexo e de idade na equipe vinculada ao projeto ou serviço contratado (BRASIL, 2010).

Teoricamente, a promulgação desta lei tornaria obrigatória a participação do povo negro nas produções midiáticas e lhes daria uma maior representação, mesmo que, na prática, essas normas não tenham sido imediatamente cumpridas. Apesar disso, elas ainda apontam para a inserção de outros corpos e de outras imagens nos meios de comunicação, como a

Capricho e nos meios publicitários. É nesse contexto, somado às redes sociais, que as discussões sobre a ocupação dos espaços por pessoas negras tomam maiores proporções.

4 DISCURSOS SOBRE A JOVEM NEGRA NA CAPRICHÔ: REVISTA IMPRESSA E SITE EM RELAÇÃO DIALÓGICA

Fundada em 1952, por Victor Civita, a *Capricho* foi a primeira revista feminina da Editora Abril e, no início de sua história, publicava apenas fotonovelas - novelas contadas em forma de quadrinhos. De acordo com Guimarães (2017), o que diferenciava esta revista das demais é que ela publicava novelas completas, enquanto as outras, somente capítulos. O sucesso era tanto que a sua primeira edição vendeu aproximadamente 26 mil exemplares e, ao final da década, a revista já vendia mais de 500 mil exemplares (GURGEL, 2010).

Figura 2: Capa da primeira edição da revista *Capricho*⁵



Fonte: RIBEIRO (2023).

Ao longo dos anos, para alcançar as demandas de seu público, a revista passou por algumas mudanças em seu formato e em seu conteúdo. Por exemplo, a partir de sua nona edição, passou a ser mensal e o seu tamanho foi aumentado, essas alterações favoreceram a venda do periódico, pois, posteriormente, mais de 100 mil exemplares foram vendidos. Na década de 80, contudo, as fotonovelas deixaram de ter tanto sucesso por causa das telenovelas, então, em outubro de 1980, a *Capricho*, a fim de resgatar suas vendas e o interesse de suas leitoras, publicou sua primeira revista em cores e passou a estampar, em suas

⁵ Fonte: <https://areademulher.r7.com/curiosidades/revista-capricho/>. Acesso em: 08 maio 2023

capas, a advertência “Desaconselhável para menores de 18 anos”. Entretanto, essa alteração não rendeu o resultado esperado, então, 1982, tornou-se uma revista de variedades voltada para um público-alvo de menor classe socioeconômica, porém essa medida também não foi bem recebida e o número de vendas começou a cair. A *Capricho*, nesse momento, havia sido rotulada pejorativamente como uma revista de fotonovela (GUIMARÃES, 2017).

Com isso, o editorial passou por outra reformulação e, dessa vez, assumiu como novo público-alvo os jovens, os quais se tornaram mais proeminentes enquanto consumidores, embora não tivesse produtos no mercado que fossem direcionados a eles. Assim, a *Capricho* passa a se destinar para um público feminino, que compreendia jovens entre 13 e 20 anos. Em seu novo formato, o conceito motor foi a “revista da gatinha”, o que justifica o “*miau*” presente na capa, como mostra a figura 3. Os conteúdos abordados, de forma geral, eram moda, beleza e comportamento. A primeira edição nesse formato saiu em 1988 e já era possível perceber também significativas alterações discursivas no periódico, que passou a valorizar e exaltar modelos e, consequentemente, um tipo específico de padrão de beleza. Em 1989, houve uma tentativa de dirigir a revista para um público mais velho, entre 17 e 25 anos, mas isso não foi bem recebido pelo público, o que a fez se voltar novamente para meninas mais novas (GUIMARÃES, 2017).

Figura 3: Capa da edição 629, da revista *Capricho*



Fonte: Reprodução de anúncio de venda da revista *Capricho*, edição 629, retirada do site Mercado Livre.⁶

⁶ https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-963564896-revista-capricho-629-milton-nascimento-madonna-tits-_JM

Com o surgimento de outras revistas femininas para o público adolescente, tal como a *Atrevida*, em 1994, a *Capricho* voltou a ser quinzenal, fato que possibilitou um maior diálogo com as questões de atualidade da época. Outra mudança desse momento foi a atualização do design das revistas. O final da década de 90 e o início dos anos 2000 foram momentos importantes para a consolidação e expansão da *Capricho* enquanto marca, para além das revistas impressas. Em 1998, ela e a *Tilibra*, grande marca de papelaria, tornaram-se parceiras e iniciaram a produção de cadernos da marca *Capricho*. Em 2000, houve o *NoCapricho*, um festival que contava com atrações musicais “(...) desfiles de grandes marcas de moda, um concurso de bandas novas, pista de skate, oficinas de customização e grafite, entre outras atividades (...)” (CHASSOT, 2006, p. 33). Já em 2002, ela e O Boticário também se tornaram parceiros e deram início à linha de cosméticos da *Capricho*. Desde então, a *Capricho* possui vários produtos, tais como roupas, sapatos e acessórios, com grandes marcas - entre elas, *Marcryn*, *Lupo*, *Le Postiche*, *Melissa*, por exemplo. Seu alcance é tanto, que se tornou mais do que apenas uma revista, mas também uma referência e um estilo de vida (CHASSOT, 2006; GUIMARÃES, 2017).

Em relação à temática da revista impressa, a *Capricho* aborda principalmente assuntos relacionados à moda, à beleza e a aspectos culturais e sociais que fazem parte do horizonte do leitor ideal presumido pela revista. Assim, de modo geral, ela é dividida nas seguintes seções: *Famosos*, *Diversão*, *Moda & Beleza*⁷ e *Você*. Em *Famosos*, a publicação trata de assuntos relacionados ao mundo das celebridades que fazem parte do universo do público, ou seja, são mais comuns as aparições de personalidades que têm fama entre adolescentes e jovens do público feminino. Em *Diversão*, são geralmente apresentadas as dicas culturais - tais como músicas, séries, filmes -; o horóscopo e algumas colunas da redação (por exemplo, a *Coluna do Jerri*, que é uma constante nos números analisados). *Você* geralmente aborda as questões relacionadas ao corpo, à saúde física e mental, à personalidade e à sexualidade. Já *Moda & Beleza* apresenta dicas de maquiagem, de cuidados com os corpos e cabelos, de roupas e acessórios, entre outras coisas.

Em relação às suas plataformas, nos anos 2000, a *Capricho* lançou seu próprio site, que facilitou a interação com suas leitoras e forneceu, por meio dele, acesso exclusivo a diversos conteúdos. Já em 2014, lançou o canal no *Youtube* e a versão virtual da revista para tablets, o que foi uma prévia de sua próxima fase, que ocorreu em 2015, quando houve a

⁷ Nem sempre as duas seções são vinculadas uma a outra; em alguns números, elas aparecem separadamente.

mudança integral para o formato digital, em junho desse mesmo ano, e o fim da versão impressa da revista (GUIMARÃES, 2017).

Desse modo, foi a partir da internet que a *Capricho* deu continuidade à sua história. Um dos meios utilizados para isso foram as suas redes sociais, as quais permitem uma maior interação entre a revista, o seu público e o contexto social em que está inserida. Isso pode ser observado no fato de que seu *Instagram* oficial tem 4,1 milhões de seguidores; seu *Twitter*, 2,6 milhões e seu canal no *Youtube* tem 1,57 milhões de inscritos⁸. Outro meio utilizado é o *site* da *Capricho*, que, em setembro de 2017, bateu o recorde por atingir uma média de 21 posts com aproximadamente 46 mil visualizações em cada (PORTAL...2017)⁹. Esses números evidenciam o alcance da *Capricho* e, consequentemente, a influência que ela pode exercer sobre o seu público; por isso, ela é uma das maiores publicações voltadas para o público jovem e feminino.

Para as análises deste trabalho, foram selecionados enunciados do *site* da *Capricho* e dos números impressos. Do primeiro, selecionamos cinco matérias, publicadas entre os anos de 2015 e 2022. Do segundo, selecionamos, ao todo, 23 números, os quais foram publicados entre os anos de 2012 e 2014, considerando que este foi o último ano de circulação da revista física; há, então, de 2012 e 2013, oito edições para cada um dos anos e seis para 2014. Não houve um critério específico de para a escolha dessa parte do *corpus*, porque ela foi adquirida em sebos - físicos ou virtuais -, fazendo com que essa seleção ocorresse com base no que havia disponível para compra, fato que a torna quase aleatória.

⁸ Dados retirados das redes sociais oficiais da *Capricho*, em 26 de outubro de 2022.

⁹ Não encontramos dados mais recentes.

Figura 4: Capas das revistas impressas que constituem o *corpus*



Fonte: Compilação da autora.¹⁰

Apesar de ser um grande número, as revistas impressas não são analisadas aqui em sua totalidade, apenas as partes que se mostraram pertinentes à pesquisa, especialmente no que diz respeito aos aspectos que se relacionam, de alguma forma, à negritude, à jovem negra e à presença desse grupo na revista. Esses aspectos também foram considerados na escolha das matérias do *site* da *Capricho* que compõem o *corpus* da pesquisa. Assim, priorizamos, de igual modo, matérias que abordassem as questões relacionadas à negritude e à presença nessas publicações eletrônicas; ao todo, foram aleatoriamente escolhidas seis, cujos anos de publicação vão de 2015 a 2022.¹¹

A análise centra-se, em ambos os veículos, na temática da beleza, por tratar diretamente de aspectos físicos e, consequentemente, com características naturais e únicas da negritude, como o cabelo e a pele, e tudo o que as envolve - por exemplo, a maquiagem. Nesse eixo, a intenção é analisar, caso esses traços da negritude sejam abordados, como se dá o tratamento dessas características tanto nas revistas impressas quanto no *site* da *Capricho*, considerando os momentos específicos em que cada um dos enunciados foi construído.

A partir dessas discussões, analisamos como e se a jovem negra é incluída na revista, no que diz respeito ao seu pertencimento à *Capricho*, em diversos aspectos, tais como a sua

¹⁰ Montagem a partir da compilação das capas das 23 edições impressas da revista *Capricho*.

¹¹ Apesar de realizarmos a busca até o ano de 2012 - que foram as publicações mais antigas que conseguimos encontrar, somente em 2015 que achamos a primeira matéria que fazia alguma referência à negritude.

presença nas matérias enquanto leitora e público-alvo dela; como a voz da jovem negra é presente ou não na revista e no *site*; como as referências a ela são feitas e, por fim, o que se diz sobre a jovem negra e o que ela diz sobre si. Outro fato importante para esse eixo é analisar se ocorre e como ocorre a mudança no interlocutor da *Capricho* no recorte temático estabelecido, o qual totaliza dez anos.

4.1 Maquiagem, pele e cabelo na revista impressa e no *site* da *CAPRICHÔ*: ambivalência da representação da jovem negra

Neste eixo, observamos a temática da beleza nas revistas impressas da *Capricho* e no *site*, pois aborda assuntos relacionados à pele e ao cabelo, por exemplo, os quais são propícios para que esses tópicos sejam relacionados, de alguma forma, à negritude. Inicialmente, tomamos os dados a seguir, levantados em leituras dos 23 números impressos, como um panorama geral da aparição de jovens negras nas temáticas moda e beleza.

Gráfico 1: Aparição de jovens negras nas revistas impressas da *Capricho*



Fonte: Gráfico desenvolvido pela autora.

Esses dados quantitativos foram baseados nos seguintes critérios: na aparição de modelos/artistas negras em *Make*, na aparição de modelos/artistas negras em editoriais de moda; nas dicas de cabelos cacheados ou crespos e na não aparição de jovens negras, em nenhum dos critérios mencionados. Em 5 periódicos impressos, não há aparição de jovens negras, mesmo que em propagandas ou editoriais, o que resulta em 22% do total de revistas

analisadas. Os números mais expressivos das aparições de modelos e artistas negras são em *Make* e em editoriais de moda, as quais são vistas em 13 e 9 revistas e totalizam 57% e 39% de aparições, respectivamente. Nas dicas de cabelos cacheados/crespos, há aparições em 3 revistas, totalizando 13%. Os números mais baixos estão relacionados às dicas para cabelos crespos e às dicas de maquiagem para pele negra, enquanto o primeiro inexistente na revista por não ter aparecido em nenhum dos números analisados, o segundo aparece apenas uma vez, ao longo de todo o *corpus*, o que é referente a somente 4% do recorte, como evidenciado pelo gráfico.

Esses dados reiteram que o apagamento da jovem negra se faz presente ao longo de todos os números analisados, o que é visto desde os textos verbais até os não verbais, englobando a disposição das fotos nas páginas e a escolha dos corpos que fazem parte da revista, por exemplo. Esses são alguns dos elementos que permitem, como veremos, a construção (ou não) da imagem da jovem negra. Comumente, nas publicações impressas - e assim como vemos em seu *site* -, a *Capricho* traz dicas de moda e de beleza, as quais mostram, entre outras coisas, as tendências de moda, de beleza e como se apropriar de cada uma delas. Para isso, usa personalidades famosas ou modelos que servem como exemplo do que pode ser feito.

A título de exemplo, partimos de *Make*, uma das temáticas inseridas no “grande tema beleza”, que possui o número mais expressivo de aparições de mulheres negras. Nessa temática, analisamos comparativamente três enunciados, um deles composto por um conjunto de textos retirados das revistas impressas e os outros dois são publicações do *site* da *Capricho*.

O primeiro enunciado é o conjunto de figuras a seguir, nas quais notamos que há mais aparições de figuras negras de pele clara e cujos traços se assemelham mais àquilo que, no momento que a revista foi veiculada, era a normalidade social. Outro fato importante é que é a mesma atriz, Kat Graham, que está nos recortes 5, 6 e 7. Ela, então, se torna a demonstração do padrão de negritude que é aceitável na *Capricho*, o qual é motivado por questões culturais. As figuras 8 e 9, com a modelo para a marca Anna Sui e a atriz Coco Jones, são as únicas, no recorte, que apresentam mulheres que têm a pele retinta. Além disso, essa é a primeira referência à negritude na temática da beleza, ao se usarem a palavra “negra” e mostrar dicas de como se usar batons “nudes” - cor da pele - em diferentes peles.

Figura 5: Reprodução da matéria "Blush vale-tudo"

make Colaboração Camila Saipp (texto)

Blush vale-tudo

O produto afina o rosto, dá um ar saudável e até um bronzeado. Com tanto poder, ele só podia virar o herói do nosso nécessaire!

Selena Gomez

Afinada básica
Para disfarçar a bochecha exibida, faça um bico e aplique blush pêssego abaixo do osso da maçã. Esfume bem.

Blush Pêssego, Sheer (R\$ 9,20)

Kat Graham

Ai, que saúde!
Ganhe uma coradinha passando um blush terracota nas maçãs do rosto e nas têmporas. Perfeito para a escola!

Blush Duo Terracota, Água de Cheiro (R\$ 29,90)

Pérola Faria

Bronzeada, eu?
O segredo para pegar um sol (só que de mentirinha) é espalhar blush bronzant nas maçãs, nas têmporas e no ossinho do nariz.

Blush cor 2, O Boticário (R\$ 26,99)

Zoëy Deschanel

Carinha de boneca
Faz a linha romântica? Então use um rosinha concentrado nas bochechas. Mas esfume bastante para evitar o look "festa junina", hein!

Blush Rosa, Vult (R\$ 12)

COMO FAZ?

Fazer a pele é fundamental

Pre-pa-ra!
O primer prolonga a duração do make. Seu blush agradece!

Primer Isabela Capeto, Parvêl (R\$ 28)

Cobertura impecável

A base uniformiza a pele, o que deixa o blush mais perfeito.

Base líquida, Eliana Archy (R\$ 11,50)

Faça a descansada

Olheiras detonam o colorido das maçãs. Corretivo nelas!

Corretivo HD, Koloss (R\$ 11)

Acabamento sequinho

O pó compacto ajuda a controlar a oleosidade do rosto. Uhu!

Pó compacto, Fenzza (R\$ 5)

Aplicação de expert

Para o blush ficar natural, use um pincel gordinho e macio.

Pincel para blush, Mundial (R\$ 10,88)

Quem deu as informações Rosy Balter, maquiadora do Hair's Design Coiffeur.

29 CAPRICHÔ

Fonte: CAPRICHÔ (2013).

Figura 6: Reprodução da matéria "Vai virar moda"

make Colaboração Isadora Attab (texto)

Vai virar moda

Em 2013, o batom vermelho ficará mais molhadinho, o lápis branco fará o olhar brilhar e as sombras chamativas vão reinar

Taylor Swift

Brilho vermelho
Nosso batom querido continua quente, mas fica mais vivo e com acabamento beem cremoso, molhadinho.

Batom Vermelho 21, Cigana (R\$ 7,80)

Kim Kardashian

Branco estrela
Parece um detalhe, mas passar o lápis branco na linha d'água abre o olhar imediatamente e destaca o make inteiro. Bonita!

Lápis Branco, Catharine Hill (R\$ 20,90)

Kat Graham

Pontos de cor
Não importa o tom, as sombras coloridas vão bombar. O legal é usar em toda a pálpebra. Ah, o verde vem forte em 2013. Pode apostar.

Sombra Cintilante Verdito, Quem disse, Berenice? (R\$ 21,90)

Jennifer Lawrence

Esfumado metal
A sombra com efeito metalizado deixa o smoky eye assim: com a cor forte e o desenho definido. Prata, dourado e cobre vão pegar.

Sombra Brilho Prata, Natura (R\$ 13,90)

COMO FAZ?

2 kits para o ano todo

Lápis Turquesa, Vult Cosmética (R\$ 11,20)

Sombra Golden Girl, Sephora (R\$ 49)

Batom Ultra Hidratante Nice, Dermage (R\$ 45,70)

Primavera e verão

O delineador azul com sombra dourada pede uma boca mais discreta, com batom nude.

Batom Urban Chic True Fuchsia, Artdeco (R\$ 69,90)

Batom Líquido Malted, Mary Kay (R\$ 32)

Sombra Soft Mousse Plaiser, Tracta (R\$ 28)

Outono e inverno

A tendência do azul dura o ano todo. Escolha entre a boca vinho (sexy!) e a apagadinha.

Quem deu as informações Juliana Rakoza, do Studio W Iguatemi; Porfírio Passos, do Studio W Higienópolis.

Onde comprar Catharine Hill: (11) 5070-1060; Cigana: (11) 4220-3516; Dermage: 0800-0241064; Frajo Internacional de Cosméticos (Artdeco): 0800-7733450; Mary Kay: (11) 4003-4620; Natura: 0800-115566; Quem Disse, Berenice?: 0800-7266482; Sephora: sephora.com.br; Tracta: 0800-122911; Vult Cosmética: (11) 4736-8890.

Fonte: CAPRICHO (2012).

Figura 7: Reprodução da matéria "Olho escândalo"

make Colaboração Camila Saipp (texto)

Olho escândalo

Em um look discreto ou na montagem da balada, uma sombra esfumada faz diferença. Hora de botar o pincel para trabalhar!

AnnaSophia Robb

Kat Graham

Colorido fofinho
O lilás esfumado até o côncavo é receita certa para um make *girlie*. Dica: acenda o canto interno com um pérola.

Lilax, Quem Disse, Berenice? (R\$ 23,90)

Efeito vibrante
Está aí um jeito incrível de dar cor ao *smoky eye* sem perder o poder. Destaque o azul com lápis preto no contorno.

Magnetic Eyes, Eudora (R\$ 32,90)

Mariana Rios

Troian Bellisario

Clássico do <3
O truque deste olho é aplicar uma sombra marrom na passagem entre o preto e a pele. Assim o desenho não fica tão marcado.

Black Nights, Yes Cosmetics (R\$ 14,90)

Pura riqueza
Ilumine o olhar com bronze no canto externo e dourado no interno. Para criar um degradê perfeito, esfume bem o encontro das cores.

Cor nº 6, Verdica II (R\$ 14,50)

COMO FAZ?

4 cílios à sua escolha

Supercompridos
Postiços longos e levemente separados + pincel de máscara fininho = cílios enormes.

Cílios Longos Intensos, Belliz (R\$ 10,50)

Supermáscara para cílios, Jequití (R\$ 29,90)

Curvatura máxima

O aplicador arqueado e os cílios trançados podem até fazer as vezes de curvex.

Máscara Super Curvaceous, Avon (R\$ 24,99)

Cílios de base trançada, Marco Boni (R\$ 19,90)

Volume, ativar!

Para multiplicar (e muito) os pelos, vá de escovas mais gordinhas e cílios fartos.

Cílios Eyecon, Ubu (R\$ 30,90)

Máscara Volume Glamour Max, Bourjois (R\$ 38,90)

Cantinhos em ordem

O pincel do tipo ouriço e os postiços em tufo deixam o acabamento pro.

Máscara Ultra Fantástica, Natura (R\$ 23,90)

Cílios individuais, QVS (R\$ 34), a embalagem com 60 unidades

Quem deu as informações: Angélica Telveira, maquiladora do Werner Coiffeur Dias Ferreira.

30 CAPRICHIO

Fonte: CAPRICHIO (2013).

Figura 8: Reprodução da matéria "Use no inverno"

(xto)

Use no inverno

As semanas de moda internacionais lançaram suas apostas para a próxima estação. Vontade de aderir já!

Anteprima

Bocão poderoso
O batom vermelho continua firme e forte (ebal), só que agora em tons mais escuros, tipo vinho e bordô.

Batom cor 7, Natura (R\$ 15,80)

BCBG Max Azria

Linda com pouco
O segredo está na pele natural, feita com base levinha. Complete com blush suave e lápis pérola na linha d'água.

Base líquida, Vult (R\$ 12,30)

Anna Sui

Superdelineador
O traço aparece grosso, comprido e invade até a parte de baixo dos olhos (use uma linha cheia em vez de bolinhas). Bateu aquela saudade da Amy!

Caneta delineadora Carbon Black, Kreati (R\$ 45)

Jason Wu

Olhos "esgatiados"
O nome esquisito vem do formato gatinho, conseguido aqui com sombra esfumada. Cores como lilás, azul e preto estão liberadas.

Sombra Lilbele, Quem disse, Berenice? (R\$ 23,90)

COMO FAZ?

2 kits para a temporada

Toque divertido
O delineador azul moderniza a dupla iluminador + boca nude

Batom Precious Nude, O Boticário (R\$ 31,99)

Delineador líquido Azul, Sheer (R\$ 12,60)

Pó iluminador, Eliana Archy (R\$ 16)

Diva reinventada
Que tal um gatinho preto? Com a boca rosa, fica incrível!

Sombra Coal, Mary Kay (R\$ 21)

Blush Rose Chaud, Payot (R\$ 38,90)

Batom Cachecol, Yes Cosmetics (R\$ 19,90)

Quem deu as informações Junior Alves, maquiador do Studio Lorena.

26 CAPRICHIO

Fonte: Capricho (2013).

Figura 9: Reprodução da matéria “Escolha seu nude”

make Colaboração Camila Saipp (texto)

Escolha seu nude

Veja abaixo e comprove: nem todo batom apagadinho é igual. Descubra os poderes da boca nada e encontre o tom do seu <3

Debby Ryan

Corzinha de leve
A versão alaranjada combina com todos os tons de pele e é perfeita para dar um toque de saúde ao make nada.

Club, O Boticário (R\$ 14,99)

Juliana Paiva

Apagado total
Quer toda a atenção nos seus olhos? Então invista em um batom superclaro, que faz a boca “sumir”. Chique!

Cor 332, Archy (R\$ 6)

Lea Michele

Pegada ladylike
O tom rosadinho vai bem tanto com aquele smoky eye da balada quanto com o olho mais neutro do dia a dia. Fica feminino e muito fofo!

Cor 67, Vult (R\$ 8)

Coco Jones

Marronzinho básico
O efeito do nude com fundo marrom é tão natural que parece até que você está sem nada nos lábios. Bapho na pele negra, hein!

Butter, Nyx (R\$ 39)

COMO FAZ?

2 ideias para os olhos

Look divers

Vá de gatinho azul. Lápis bege na linha-d'água e máscara preta destacam a cor.

Minha vida é natural face

Máscara para cílios Black Mahogany (R\$ 39)

Delineador Zuzuino, Quem Disse, Berenice? (R\$ 19,90)

Só no glamour

Bombe o olho com sombra verde e lápis preto (no canto externo). Cílios postiços estão liberados!

Sombra iluminadora Verde, Jequití (R\$ 10,90)

Lápis preto, Quem Disse, Berenice?

Cílios postiços, Belliz (R\$ 10,50)

Quem deu as informações Katia Talará maquiadora do salão Jacques Janine

32 CAPRICHO

Fonte: CAPRICHO (2013).

Figura 10: Reprodução da matéria "Raul Melo: o consultor criativo e maquiador da Quem Disse, Berenice? entrega seus truques."

BEAUTY EXPERT

Batom Azaleia, Avon (R\$ 11)

Raul Melo

O consultor criativo e maquiador oficial da Quem Disse, Berenice? entrega seus truques

Entrevista e reportagem Giulia Parca

TRENDSETTER

As marcas de make estão dois anos à frente das coleções que estão nas lojas. Na Quem Disse, Berenice? já fizemos até a linha de inverno 2015. Para adiantar as tendências, todos os anos viajo para Nova York e Paris. Também busco referências na arte de rua e em museus.

PODE APOSTAR

"Os tons azuis, dourados, amarelos e goiaba vão estar com tudo este ano. Pode apostar sem medo. A textura mate fica um pouquinho de lado e as cores cintilantes, com um brilho bem levinho, voltam a fazer sucesso. O mesmo acontece com os batons cremosos, que são a cara do verão."

DICAS DO RAUL

Acerte no rímel

"Sempre que compro uma máscara, dobro a ponta e deixo o pincel na horizontal. O caninho fica em formato de L. Isso facilita a aplicação e evita os fios grudadinhos."

Dê volume

"As orientais podem apostar nas cores metalizadas e nos iluminadores para dar volume aos olhos. Depois de passar a sombra, é só concentrar um pouco de produto com brilho no meio da pálpebra."

Para corrigir

"O corretivo em pó consegue controlar melhor a oleosidade da pele e não acumula. Mistura-o com um hidratante para o rosto, no dorso da mão, e depois aplique quantas camadas quiser."

VOCÊ SABIA?

Make-estrela

Maquiei a top Bruna Tenório no primeiro desfile dela na São Paulo Fashion Week

ESMALE Coral, OJA (R\$ 3,80)

ESMALE Coral, Hiss (R\$ 3)

SOMBRA Clay, Duda Molinos (R\$ 32)

LÁPIS Sunrise Blue, NYL (R\$ 42)

Yes! (R\$ 19,90)

O segredo da pele negra perfeita é misturar duas ou três bases

PREFERIDOS

"Os produtos essenciais da Quem Disse, Berenice? para a estação são os de tons terrosos, para criar um make bronzant, e o iluminador ourex (sou apaixonado por ele). Vale ficar de olho nas bases também. Você sabia que a marca é a única brasileira que tem 18 tons?"

Iluminador Ourex, Quem Disse, Berenice? (R\$ 29,90)

Blush Magronê, Quem Disse, Berenice? (R\$ 34,90)

Base líquida Cor 6, Quem Disse, Berenice? (R\$ 43,90)

40 CAPRICHIO

Fonte: Capricho (2014).

Um aspecto relevante é que as personalidades e modelos negras que aparecem possuem características que se aproximam do ideal de beleza vigente na sociedade. Isso significa que essas jovens, em suas poucas aparições, têm suas peles mais claras, os traços mais "finos" e o cabelo mais liso, atributos similares ao padrão branco de beleza, como se

pode ver nas figuras 5, 6 e 7. Das revistas analisadas, apenas em um dos números há a aparição de três jovens de pele retinta, mostradas nas figuras 8, 9 e 10.

Esses poucos indícios nos revelam, na revista, o apagamento da negritude, tanto no verbal quanto no não verbal. Ao considerarmos os dizeres “*pele negra*”, podemos considerá-los um signo ideológico silenciado, já que a sua ausência também é significativa. Obviamente, ela se deve ao fato de que, neste momento do recorte, embora as jovens negras estejam minimamente presentes nas matérias selecionadas, há apenas dois textos verbais que lhes fazem referência (figuras 9 e 10). Esse é um indício do apagamento da jovem negra, que se inicia na dimensão verbal do enunciado; consequentemente, isso aponta para o fato de que, em *Make*, matérias voltadas *para* a jovem negra são quase ínfimas.

Por outro lado, ao considerarmos “*pele negra*” enquanto fenótipo, ou seja, enquanto a cor da pele, percebemos que o apagamento da negritude ocorre também por meio de quais imagens de mulheres negras são permitidas na revista. Como nos evidenciam as figuras 5, 6 e 7, as mulheres negras que estampam a revista são aquelas de pele clara e de cabelos lisos ou ondulados. Essas características reforçam o padrão de beleza europeu, que é o mais aceito socialmente no Brasil, já que os sinais de negritude, neste caso, são “atenuados”, o que os torna aceitáveis, ao considerarmos que o *belo*, em nossa sociedade, é muitas vezes ditado a partir de uma perspectiva eurocêntrica. Para além disso, esses enunciados reafirmam a maneira racista que os negros são tratados na mídia, já que há uma exclusão daquilo que se afasta da normalidade - conceito estabelecido a partir da branquitude; logo, as imagens que podem compor esse enunciado são aquelas que mais se aproximam do que é visto como normal, belo e adequado.

Apesar de haver a presença - mesmo que ínfima - da negritude, neste recorte do *corpus* impresso, a *Capricho* recorre às representações de negritude que são, de alguma forma, tidas como “aceitáveis” ao que é o público ideal nesse período em que foi publicada. Assim, apesar de estar na publicação, a jovem negra não é foco central dela, ou seja, não é a ela a quem a revista se dirige. Sua imagem está presente na revista, mas isso não significa que ela pertença a esse espaço, já que a noção de negritude nas publicações é reduzida a determinado grupo e a estéticas específicas. Notamos, portanto, que há um movimento constante de ambivalência em como a negritude é representada, pois a revista, apesar de trazer o negro em raras situações para os seus enunciados, constantemente o apaga, como forma de frisar o seu não pertencimento ao público ideal da *Capricho* - a saber, jovens brancas e privilegiadas.

Podemos observar essa ideia latente de apagamento da negritude e do seu não pertencimento em certos momentos do *site*, como no segundo enunciado escolhido para a

análise, a matéria intitulada “*Maquiagem para quem tem a pele morena e negra*”, de 18 de dezembro de 2015. Ela já se inicia com a seguinte justificativa: “Um dos temas mais pedidos aqui no *blog* é de *makes* que combinam com a pele morena e negra” (CAPRICHÔ, 2015), dando a entender que o tema abordado é de interesse de parte considerável do público por haver uma aparente demanda. Ao longo do texto, ela ressalta quais tipos de maquiagem a pele negra ou morena pode usar.

Em geral, blush e batons que puxam para tons fechados de vermelho e vinho ficam bem nesses tons de pele, enquanto no item iluminador os mais indicados são os que têm variações de dourado e cobre. *Mas essas dicas não significam que não é para ousar! [...] Viu como as sombras coloridas são permitidas, sim?! É só apostar em tons mais escuros para evitar um contraste que deixe o look muito carregado [...] A Rihanna é louca por um make mais extravagante, mas também sabe investir em looks mais contidos* - que podem servir como uma boa inspiração! (CAPRICHÔ, 2015, grifos nossos).

Nos trechos destacados no excerto acima, vemos a repetição da ideia de *permissão*, indicando o que se pode usar e de que forma se usar. Assim, de acordo com a publicação, nas peles negras e morenas, é permitido o uso de *tons fechados de vermelho* e iluminador com tons variados de dourado e cobre, a fim de não deixar a maquiagem muito carregada ou contrastante, com exceção da figura 11, com a Rihanna. Entretanto, apesar de ser permitido, há um limite de onde se pode chegar com as maquiagens para pele negra ou morena: elas *podem* ousar, mas devem ser, ao mesmo tempo, *contidas*. Às peles negras e morenas, nesse momento, não se recomenda uma maquiagem que seja feita para “chamar a atenção”, mas uma que seja contida e sem muito destaque.

Para embasar essa afirmação, as personalidades usadas para representar as dicas dadas são as cantoras norte-americanas Beyoncé e Rihanna e a atriz Keke Palmer, também norte-americana. Tanto na escolha desse grupo de famosas como modelo quanto na escolha das famosas que estampam as dicas de maquiagens das revistas impressas, notamos uma valorização daquilo que *vem de fora*, apontando para o fato de que a cultura consumida pelo público da *Capricho*, pelo menos no momento em que essa matéria foi publicada e em que as revistas foram impressas, é construída pelo que vem do exterior e possui relevância justamente por vir da Europa e principalmente dos Estados Unidos, responsáveis pela produção cultural da época, e o que é proveniente desses lugares possui maior chance de ser aceito socialmente. Então, Beyoncé, Rihanna e Keke Palmer, por possuírem grande relevância, serem aceitas socialmente e fazerem parte do imaginário da revista, são tomadas como modelos do que pode ou não ser feito no que diz respeito à pele morena ou negra.

Figura 11: Reprodução da matéria *"Maquiagem para quem tem pele morena e negra"*



Fonte: Site da *Capricho* (2015).

Figura 12: Reprodução da matéria *"Maquiagem para quem tem pele morena e negra"*.



Fonte: site da *Capricho* (2015).

Figura 13: Reprodução da matéria “*Maquiagem para quem tem a pele morena e negra*”



Fonte: Site da *Capricho* (2015).

Rihanna e Beyoncé foram escolhidas para demonstrar as dicas para pele “*morena*” (essa é a caracterização usada no título da matéria: “*Maquiagem para quem tem a pele morena e negra*”). Apesar de serem mulheres negras e se considerarem como tal, aqui elas são caracterizadas como morenas, por terem a pele mais clara; ademais, nas fotos escolhidas, ambas estão com seus cabelos lisos e em tons de loiros. Já Keke Palmer é o único exemplo de pele “*negra*” (figura 13), em todas as fotos ela está com o cabelo liso, maquiagens leves e mais básicas, a fim de ilustrar o que é dito pela publicação. Novamente, há uma maior visibilidade para aquelas que foram consideradas “*morenas*”, com dois exemplos de diferentes artistas; enquanto, para pele “*negra*”, há apenas uma variação da mesma artista, em

diferentes momentos. É como se ela fosse a única possibilidade de se achar uma personalidade famosa de pele retinta.

Há um *você* subentendido, ou seja, a quem o enunciador se dirige no enunciado. A princípio, podemos perceber isso no enunciado “*Viu como as sombras coloridas podem ser usadas, sim?!*”, em que é feita uma menção ao leitor e, por isso, como a matéria é voltada para um grupo específico, ela também seria voltada a esse grupo - de pessoas morenas e negras. Entretanto, apesar de haver essa referência, ao término do texto, há uma observação, transcrita abaixo:

ps: o post é direcionado para quem tem pele morena e negra, mas se você tem pele mais clara também pode testar esses *makes*! Faça pequenas adaptações como optar por um batom de cor mais aberta em vez de tons escuros, e trocar o blush vinho por um rosa claro. (CAPRICHÔ, 2015)

Assim como a justificativa inicial, de que a matéria foi feita por causa da demanda, aqui a observação reitera que a matéria, embora seja voltada para um grupo particular, ela pode ser adaptada para se enquadrar às leitoras de pele mais clara. Novamente, temos o movimento ambíguo de inclusão e exclusão feito pela *Capricho*: apesar de incluir dicas de maquiagem de pele negra, voltadas para um determinado público, ela demonstra que esse grupo não é totalmente bem-vindo. Percebemos tal fato, no final do enunciado da publicação, por meio do uso de *você*, que não coincide com o que foi utilizado anteriormente, já que, neste caso, ele remete à leitora que é pouco contemplada pela matéria.

Esse enunciado, como um todo, ratifica o apagamento da negritude ao sugerir que a maquiagem usada na pele negra ou morena deve ser de forma contida, para que não chame a atenção. *Pele negra*, enquanto cor da pele, é mais uma vez um signo silenciado (tanto na revista impressa quanto no *site*). A sugestão de que a pele negra deve optar por cores douradas e tomar cuidado com tons coloridos vai além da questão do que favorece cada tipo de pele, e se enquadra em uma tentativa de apagamento da pele negra. Ao se usar apenas as cores propostas, os traços do rosto são “amenizados”, já que não seriam destacados e, consecutivamente, adequados ao que é construído pela *Capricho*. Apesar de ser velado, isso é um eco de discursos e práticas racistas que circulam socialmente e são naturalizados. Um exemplo disso é o caso da médica Thelma Assis, vencedora do Big Brother Brasil 20, que teve sua cor e seus traços apagados em uma sessão de fotos na qual a cor tema também era tons de dourado.

Figura 14: Thelma Assis, médica e vencedora do *Big Brother Brasil*, em ensaio fotográfico.



Fonte: Reprodução do *Twitter*.

Como mostra o *print* desse usuário do *Twitter*, esse acontecimento gerou revolta nas redes sociais, a ponto de os internautas reeditarem as fotos oficiais. Na imagem acima, o lado esquerdo é a foto original, divulgada depois do ensaio fotográfico; a do lado direito é um dos exemplos de como a foto seria caso tivesse sido trabalhada e editada da maneira correta. Além da maquiagem, que provoca um baixo contraste entre o dourado e a pele negra, outros erros que tornam a pele de Thelma acinzentada são a iluminação incorreta e as técnicas inadequadas de fotografia. Assim, amenizar os traços negroides, como o nariz e os lábios carnudos, implica que, para serem aceitos socialmente, eles necessitam de alguma alteração, que é a reafirmação de que eles são inadequados ou impróprios. Na matéria analisada, vemos que há um movimento ambíguo no que diz respeito à presença da jovem negra. Apesar de aparentar a inclusão desse público, percebemos a reprodução de discursos racistas.

Já no terceiro enunciado, a matéria intitulada “*Maquiagem para pele negra: veja dicas de experts sobre o assunto*”, publicada no dia 7 de junho de 2020, notamos algumas diferenças em relação à construção da negritude e do interlocutor. Ela traz dicas de maquiagem para pele negra, as quais foram dadas por três maquiadores negros, que são *experts* no assunto, como vemos no trecho a seguir:

Quando o assunto é *maquiagem para a pele negra*, muitas garotas têm dificuldade em encontrar produtos com a coloração certa, cosméticos que não deixem o acabamento acinzentado e que não pesem na pele. Isso acontece, em grande parte, porque infelizmente o mercado de beleza não oferece tantas opções para os tons de pele mais escuros. Apesar desse cenário estar evoluindo, a realidade ainda está longe do ideal. Pensando nisso, *a CH bateu um papo com quatro especialistas no assunto para tirar dúvidas e pegar algumas dicas certeiras para o momento da maquiagem.*

Josi Helena, maquiadora especializada em pele negra e dona do Instagram @NegraVaidosa, contou que entrou no mundo da beleza por necessidade, já que mesmo profissionais que eram experientes erravam na hora de conseguir acertar seu tom. *“A maquiagem me ajudou a fazer parte do grupo e foi através dela que eu comecei minha construção. Uma vez que percebi que não encontrava produtos para minha pele, passei a me questionar qual era o problema. Foi aí que criei consciência e entendi que isso estava diretamente relacionado ao racismo estrutural”*, contou a expert em entrevista à CH.

A experiência de **DaMata** foi em sentido contrário. Dani começou bem jovem a trabalhar com beleza graças a um estágio em uma empresa de cosméticos. No início a ideia era ganhar dinheiro para conseguir cursar direito, mas a maquiagem nunca mais saiu da sua vida. *“Minha primeira cliente era negra de pele retinta e eu percebi que não tinha produtos para ela”*, relembra. Por sorte, sua vivência a ajudou na hora de desenvolver uma ~alquimia~ dos pigmentos e chegar ao tom certo. *“Foi meu primeiro desafio e eu entendi que a questão era muito maior do que eu imaginava”*, completa (GIMENEZ, 2020, grifos nossos).

A publicação problematiza a falta de opções de maquiagens para a pele negra, explicando que o mercado de beleza ainda não oferece tantas opções de produtos para peles mais escuras. Já de início, a matéria estabelece relações dialógicas com discursos que denunciam a necessidade de inclusão e de diversificação no mercado de beleza, o qual passou aos poucos a atender às demandas do público negro consumidor. Essas relações dialógicas podem ser vistas no próprio site da *Capricho*, a título de exemplo, com a matéria *“70% das mulheres negras estão insatisfeitas com maquiagem à venda no setor”*, de 18 de novembro de 2020, a qual, com base em dados levantados com entrevistadas negras e pardas, mostra que as mulheres negras não são contempladas com as opções disponíveis no mercado, apesar de serem mais da metade da população brasileira. E, ainda, podem ser vistas também em outros portais de notícia, como a matéria *“Mercado de maquiagens ainda negligencia consumidores de pele negra”*, publicada no site *Brazilian Beauty News*, no dia 20 de outubro de 2020; a qual, de semelhante modo, também aborda o fato de que, apesar de haver um público consumidor, os itens de beleza que têm no mercado brasileiro são insuficientes para atender aos consumidores negros, pois muitos produtos lançados são em tons claros ou com fundos frios, o que deixa a pele negra com um aspecto acinzentado. Então, a discussão sobre a falta de representatividade no mercado de beleza é atual e é com ela que *“Maquiagens para pele*

negra: veja dicas de experts sobre o assunto” dialoga. Esse é o tom do projeto de dizer da matéria, o qual é ressaltado quando se afirma que “(...) infelizmente o mercado de beleza não oferece tantas opções para os tons de pele mais escuros. Apesar desse cenário estar evoluindo, a realidade ainda está longe do ideal” (GIMENEZ, 2020).

Considerando esse contexto, para as dicas de maquiagens, são entrevistados maquiadores, que, mais do que experiência profissional na área, possuem também a pessoal sobre o assunto, pois são pessoas negras, fator que foi decisivo em suas vidas profissionais. Ressaltamos o trecho a seguir:

Apesar da base ser um ponto importante, é preciso lembrar que muitos itens compõem a maquiagem completa. *Corretivos, sombras, blushes, iluminadores, e vários outros produtos também precisam ser encontrados em tons adequados para a pele negra (...).* Mas sempre tenha em mente que o importante é testar e usar aquilo que te deixa confortável (...) Outro problema frequente da maquiagem para peles negras é a falta de pigmentação. Por isso, Josi ensina um truque na hora de aplicar as sombras “Crie uma base mais clara com o próprio corretivo ou use um prime que ajuda na durabilidade da cor” (...) Na hora de escolher o blush, a expert garante que usa todas as cores desde as mais claras até as mais fechadas, mas confessa que ainda sente dificuldade de encontrar uma versão que não deixe o aspecto cinza no rosa, por isso, gosta de usar algumas sombras para cumprir este papel (GIMENEZ, 2020, grifos nossos).

As dicas aparentam se voltar para a valorização da pele negra, ao se apontar para algo que seja em tom adequado para essa pele, não para alterá-la ou amenizá-la, como vimos na matéria anterior, mas para destacá-la de forma positiva. Assim, o uso de cores nas sombras, blushes e iluminadores é incentivado, e há a reiteração de que provavelmente alguns truques são necessários - tal como usar sombra como blush ou usar um prime ou corretivo para fixar a cor da sombra - justamente porque há falta de produtos apropriados para a pele negra. Notamos, mais uma vez, vozes que confluem e reafirmam os discursos sobre o racismo estrutural, já que há um grupo consumidor cujas especificidades não são atendidas.

No que diz respeito ao interlocutor do enunciador, podemos percebê-lo através da fala da dermatologista Katleen Conceição, negra e especialista em pele negra, por meio do pronome *você*, no seguinte trecho:

Skincare, sim, senhora!

Quer um segredo para uma maquiagem per-fei-ta? Cuidados com a pele! O primeiro passo, e um dos mais importantes, é sempre passar protetor solar. Ter uma maior quantidade de melanina (composto responsável pela pigmentação da pele) não significa que *você* não precisa se proteger. Além do Brasil ser um país tropical, que costuma ter muitos dias de sol, não se

pode esquecer da exposição diária à luz dos ambientes, computadores e celulares (GIMENEZ, 2020).

O *Capricho* remete à figura do leitor, a quem a *Capricho* se dirige. Ele se volta a uma parte específica do público, e isso fica evidente no trecho que o antecede, em que se diz “*ter uma maior quantidade de melanina (composto responsável pela pigmentação da pele)*”, referindo-se possivelmente às leitoras negras. Assim, nesta matéria, percebemos a inserção desse grupo como parte do público leitor da *Capricho*, por meio do que se diz para a jovem negra e de quem lhe diz, ao considerarmos que os especialistas entrevistados, - os maquiadores e a dermatologista - são negros, o que imediatamente confere uma autoridade ainda maior do que aquela que seus títulos e especialidades lhes dariam. Dá-se relevância, então, à jovem negra e a quem diz algo para ela ou sobre ela. Neste momento do recorte, ela aparentemente não é tratada como o *outro*, mas como alguém que pertence ao imaginário criado pelo site da *Capricho*.

Ademais, ressaltamos duas características particulares do *site*. A primeira delas, demonstrada nas imagens a seguir, é o uso de *hiperlinks*, os quais encaminham o leitor para outras páginas de matérias com temáticas relacionadas à publicação.

Figura 15: Reprodução da matéria “*Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto*”

RELACIONADAS

16 garotas negras experts em beleza para você seguir nas redes sociais



Fotógrafa negra vira Princesas da Disney em série de autorretratos



Fonte: trecho retirado do *site* da *Capricho*.

Figura 16: Reprodução da matéria “*Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto*”.

RELACIONADAS

Em vídeo inesperado, Meghan Markle fala emocionada sobre #BlackLivesMatter



Esta técnica promete deixar suas sobrancelhas ainda mais poderosas



Fonte: trecho retirado do *site* da *Capricho*.

Figura 17: Reprodução da matéria “Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto”

RELACIONADAS

Quantidade ideal, como passar... Você aplica protetor solar do modo certo?



15, 30, 70... Você sabe o que significa o número de FPS do protetor solar?



Fonte: trecho retirado do site da Capricho.

Figura 18: Reprodução da matéria “Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto”

https://www.instagram.com/p/B_DqEYNIRGN/

Em uma entrevista à CH, **Katleen Conceição, especialista em pele negra**, explicou que garotas negras costumam ter uma quantidade maior de *Propionibacterium acnes*, uma bactéria que causa acne, e glândulas sebáceas que produzem mais óleo. Isso faz com que a pele negra tenda a ser mais oleosa. A dica, neste caso, é ter uma rotina de cuidados com produtos específicos para controlar a oleosidade. **Atenção:** importante consultar uma dermatologista para saber exatamente qual o seu tipo de pele e quais cosméticos são ideais para aplicar nela.

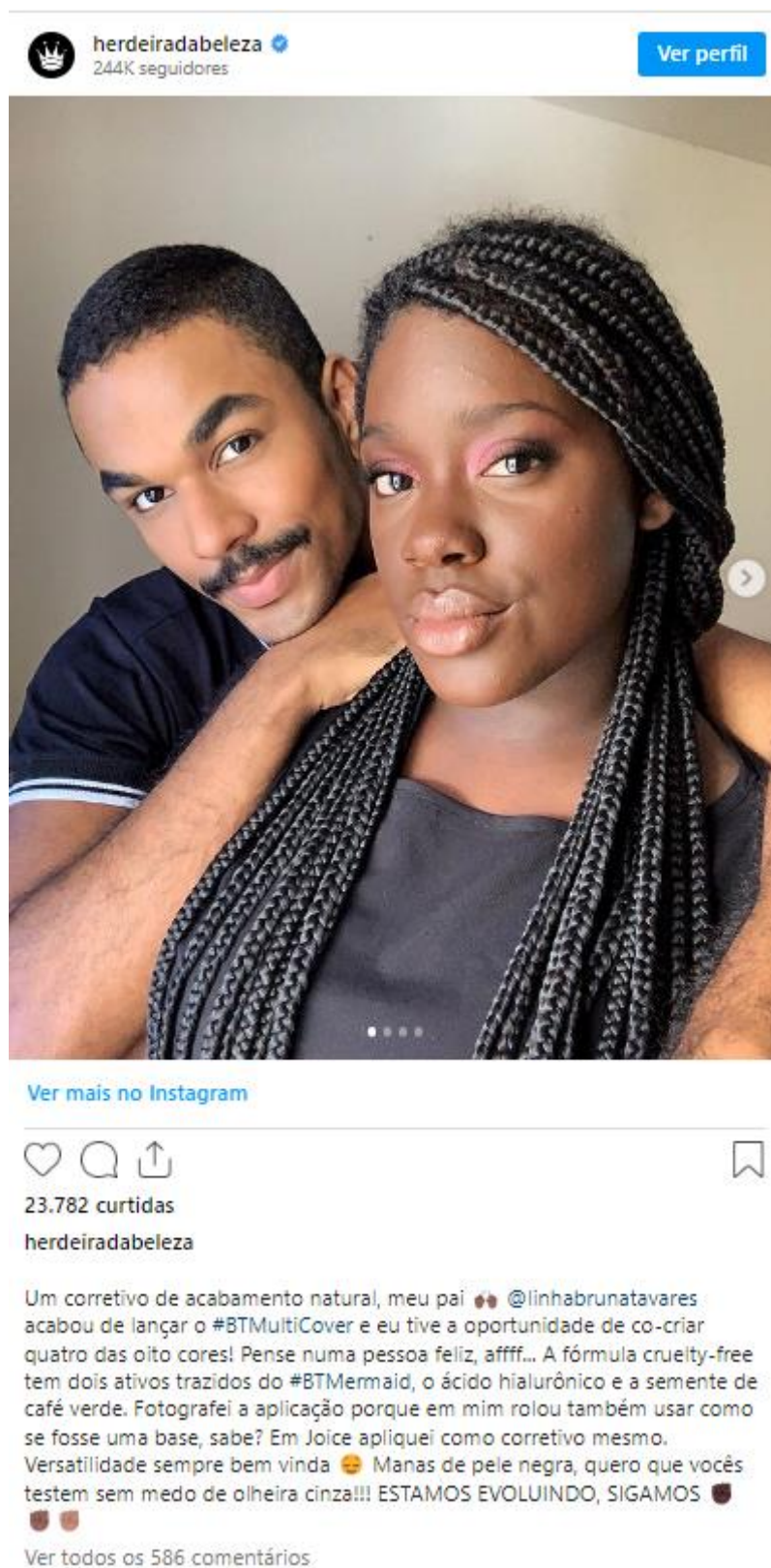
Fonte: trecho retirado do site da Capricho.

Os *hiperlinks* são uma especificidade do mundo digital e permitem uma expansão do assunto em pauta. Assim, os *hiperlinks* dessa matéria, como visto nas figuras 15 e 16 encaminham para publicações que se relacionam a outras mulheres negras, a assuntos politizados e à beleza, como as intituladas “16 garotas negras experts em beleza para você seguir nas redes sociais”, “Fotógrafa negra vira Princesas da Disney em série de autorretratos”, “Em vídeo inesperado, Meghan Markle fala emocionada sobre #BlackLivesMatter” e “Esta técnica promete deixar suas sobrancelhas ainda mais poderosas”. Já os links da figura 17 e 18 levam a matérias que abordam os cuidados com a pele, as quais são intituladas “Quantidade ideal, como passar.... Você aplica protetor solar do modo certo?” e “15, 30, 70 ... Você sabe o que significa o número de FPS do protetor solar?”. Esses *hiperlinks* evidenciam as relações dialógicas existentes entre este enunciado os outros que são anteriores a ele, como parte de um elo em uma cadeia, tal qual afirma Bakhtin; assim, apesar de ser único, nele encontram-se ecos de outros discursos. As relações dialógicas que compõem o projeto de dizer são feitas também entre os enunciados do próprio site, a

partir da “(...) remissão a outros enunciados, permitindo o estabelecimento de sentidos e a existência de relações semânticoaxiológicas no meio digital.” (MACHADO, 2016, p. 10).

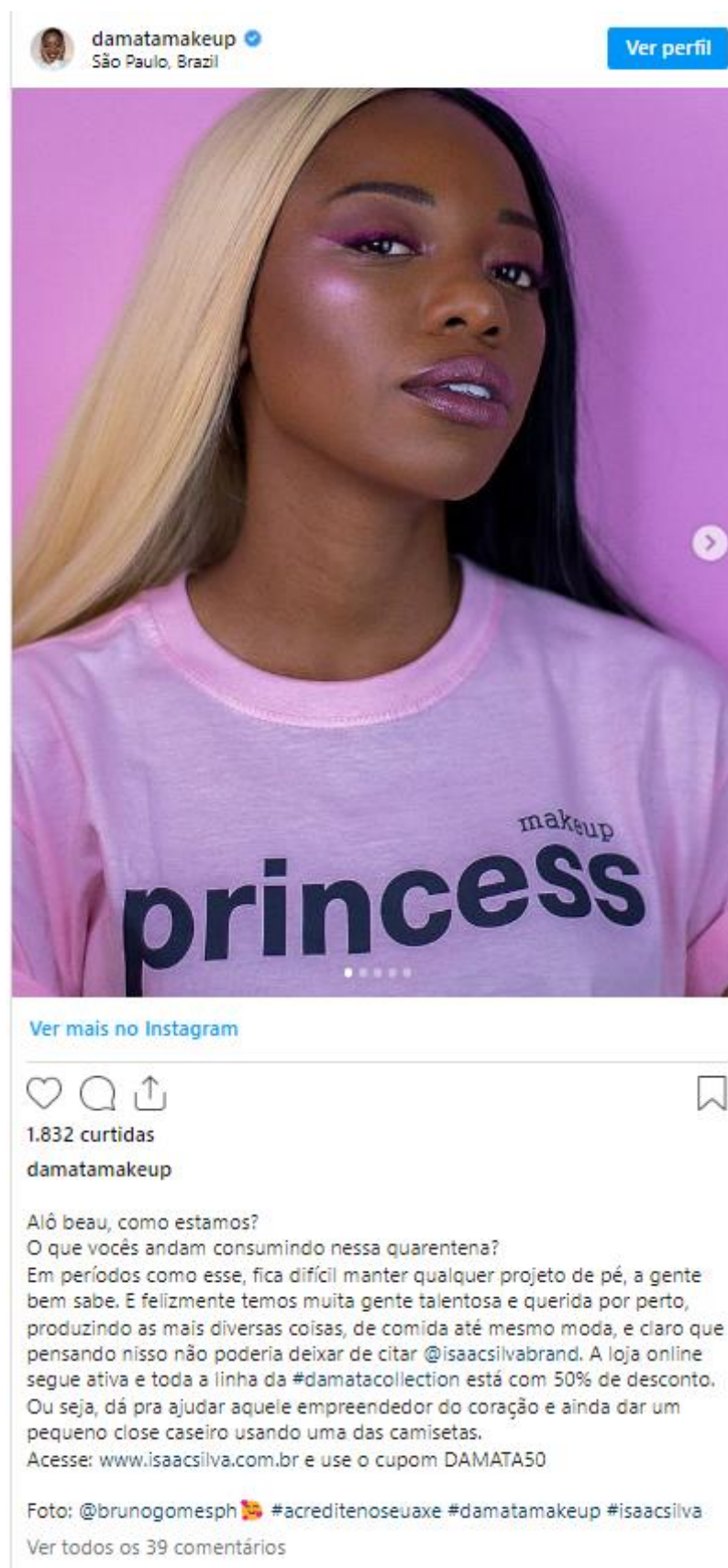
A segunda característica, que é particular a este momento do recorte do *site* da *Capricho*, é o uso de jovens comuns como exemplo das sugestões de beleza dadas. Desse modo, diferentemente da publicação *Maquiagem para quem tem a pele morena e negra*, em que as fotos usadas eram de artistas famosos, geralmente em grandes eventos, aqui, dá-se preferência a modelos “anônimas” e aos *digital influencers* (ou influenciadores digitais) - outro fenômeno originado na era digital - os quais possuem uma relação de extrema proximidade com seu público; são tidos como parâmetros do que se usar, consumir e pensar; e, ainda, são eles que disseminam e até mesmo ditam as novas tendências. Assim, as fotos retiradas do *Instagram* também são *hiperlinks*, os quais direcionam ao perfil do influenciador ou modelo, o que amplia as referências de moda e de beleza. Nesta matéria, há duas fotos, reproduzidas a seguir, que foram retiradas do *Instagram*, nas quais, como modelos, temos jovens de pele retinta e que usam maquiagens coloridas:

Figura 19: Reprodução da matéria “Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto”.



Fonte: trecho retirado do site da Capricho.

Figura 20: Reprodução da matéria “Maquiagem para quem tem pele morena e negra: veja dicas sobre o assunto”.



Fonte: trecho retirado do site da Capricho.

Desse modo, se em *Maquiagem para quem tem a pele morena e negra*, o signo pele negra, de modo geral, era silenciado e tinha uma valoração negativa, de algo que precisava ser contido, em *Maquiagem para pele negra: veja as dicas de experts*, esse signo é ressignificado, pois passa a assumir uma valoração positiva, já que as sugestões são dadas com o objetivo de ajudar pessoas negras a utilizarem os produtos disponíveis de forma que lhes seja confortável e que realce sua beleza. O fato de ser um signo silenciado também é ressignificado, pois não mais é silenciado por sua ausência na *Capricho*, enquanto enunciadora, mas silenciado socialmente, pelo racismo estrutural que ainda marginaliza a *pele negra* em todas as esferas sociais possíveis, incluindo a possibilidade de acesso a produtos de beleza, fato que exerce influência sobre o modo como o negro é representado e no modo como ele precisa se adaptar para ter suas necessidades atendidas. A função da *Capricho* passa a ser a de dar voz a esse silêncio, como se afirma na publicação, no trecho a seguir:

Apesar desse cenário estar evoluindo, a realidade ainda está longe do ideal. Pensando nisso, a CH bateu um papo com quatro especialistas no assunto para tirar dúvidas e pegar algumas dicas certeiras para o momento da maquiagem (GIMENEZ, 2020, grifos nossos).

Além disso, a ressignificação do signo *pele negra* também se reflete na escolha de quais fotos - e, consequentemente, de quais corpos - fazem parte da construção do enunciado. Enquanto anteriormente havia uma predileção por imagens - e corpos - que se aproximassem do padrão de beleza branco, com modelos e artistas negras de pele clara e com os cabelos lisos, neste enunciado, temos a presença de jovens negras de pele retinta, com os cabelos coloridos e trançados. Nesse terceiro enunciado, a estética negra e as características negras não são mais construídas como algo que deva ser alterado, amenizado ou como pertencentes a um *outro*, mas são valorizados e tratados como pertencentes ao público leitor, o qual, neste terceiro enunciado, aparenta compreender leitoras negras.

Nos três enunciados analisados, há uma diferença, tanto nas revistas impressas quanto no *site* da *Capricho*, em relação ao modo como o negro é retratado nas temáticas de beleza - neste caso, nas maquiagens - representado pelo signo *pele negra*. Em primeiro lugar, esse signo é silenciado, já que, apesar de se ter mulheres negras estampando os enunciados, eles não se dirigem a ela e há uma tentativa de apagamento, vista, por exemplo, na escolha de quais imagens de negritude são permitidas na revista. Em segundo lugar, já no *site*, há um movimento de inclusão e de exclusão: apesar de a *Capricho* abordar a temática da beleza voltada à pele negra, ela o faz como se essa questão fosse pertencente a um *outro*, que não faz

parte do que ela idealiza como leitora ideal. Em terceiro lugar, também no *site*, a jovem negra e suas características aparentam tornar-se parte daquilo que é idealizado pela *Capricho*, o que é visto ao longo da construção do enunciado. Neste caso, o signo ideológico *pele negra* é ressignificado: de signo silenciado pela *Capricho*, enquanto enunciadora, torna-se um signo silenciado socialmente e é a *Capricho* que dá voz a ele.

Observarmos processo semelhante em outro tema relacionado à beleza, dessa vez em *cabelo*. Mais uma vez, usamos quatro enunciados para uma análise comparativa, dois de revistas impressa e dois do *site*, relacionados à temática capilar. O primeiro deles é a matéria intitulada “*Seu cabelo vai fazer você brilhar*”, da edição 1145, de março de 2012. A publicação apresenta alguns “problemas capilares” - como a ponta dupla, o ressecamento, por exemplo - e as formas de resolvê-los. Na figura 21, abaixo, temos a abertura da matéria, cujo subtítulo é “*Pontas duplas, ressecamento, frizz, cor desbotada, caspa e excesso de volume. Dê um “tchau” para esses problemas que podem acabar com o poder dos seus fios e fique poderosa.*” (CAPRICHÔ, 2012). O primeiro “vilão” são as pontas duplas, as quais, segundo a matéria são consequência do “*abuso de tratamentos químicos (...), do secador e da chapinha. Os fatores naturais, como sol e o mar, também colaboram*” (CAPRICHÔ, 2012). Na estrutura geral do enunciado, após a apresentação do vilão, temos os produtos e os cuidados indicados para a reparação do cabelo e, ainda, e regras do que não se pode fazer, em “*Pare agora!*”; sendo essa a estrutura geral do enunciado.

Figura 21: Reprodução da matéria “Seu cabelo vai fazer você brilhar”,

Seu cabelo

vai fazer você brilhar

Pontas duplas, ressecamento, frizz, cor desbotada, caspa e excesso de volume. Dê “tchau” para esses problemas, que podem acabar com o poder dos seus fios e fique poderosa

Edição: Rafaela Siqueira (rsiqueira@abril.com.br) Texto: Carolina Cagno Fotos: Rodrigo Bueno Beleza: Sandro Borges Design: Alberto Lins Produção de moda: Josié Alves

O VILÃO:

Pontas duplas

Por que eu tenho?

As pontas duplas, triplas ou até quádruplas (sim, existe isso!) aparecem quando a cutícula, a parte externa do fio, se parte em duas, três ou até quatro partes. Elas acontecem quando você abusa de tratamentos químicos (coloração, progressiva, relaxamento, tintura), do secador e da chapinha. Os fatores naturais, como sol e o mar, também colaboram.

Patrulha de casa

Você não pode esquecer alguns cuidados básicos, como fazer uma hidratação semanal caseira e pentear os fios no banho, de preferência. O ideal é passar óleo de argan ou protetor térmico toda vez (mesmo!) que for usar a chapinha e o secador.

Spray Protetor Térmico Advance Techniques, da Avon (R\$ 13)

Óleo hidratante de argan, da Lola Cosmetics (R\$ 35)

Óleo de argan, da Embelleze (R\$ 25)

Vou ter que cortar o cabelo?

Notícia ruim: vai sim. Mas isso não significa um corte supercurto. Hoje em dia, existe uma técnica chamada bordado, que elimina as pontas duplas sem tirar mais de 1 cm do comprimento. Geralmente, é feita com o cabelo seco para o profissional ver exatamente quais fios estão mais estragados. Custa R\$ 180, em média.

E o reparador de pontas?

Quer saber se ele funciona? A curto prazo, sim. Os reparadores com silicone e queratina e os leave-ins são recursos de emergência. Eles até camuflam as pontas separadas, pois funcionam como uma cola, mas a mágica acaba na lavagem.



PARE AGORA!

- 1 De encostar o secador nos fios (respeite o limite de 20 cm) ou passar a chapinha várias vezes na mesma mecha. É pecado!
- 2 De tirar as pontas duplas com a tesourinha do estojo ou com as próprias mãos porque vai deixar o cabelo ainda mais sensível.
- 3 De escovar os fios molhados. Procure usar um pente com dentes largos e sempre comece a desembaraçar de baixo para cima. Tem que ter paciência!
- 4 De visitar o salão apenas uma vez ao ano. Você pode, sim, manter as madeixas longas (e bem mais fortes) cortando apenas as pontinhas de três em três meses.

Figura 22: Reprodução da matéria “Seu cabelo vai fazer você brilhar”,

O VILÃO:

Volume excessivo

Por que eu tenho?

São vários os fatores e cada caso é um caso. Pode ser culpa da fibra natural do seu fio, o que acontece principalmente com as cacheadas e crespas. Ou o culpado pode ser o ressecamento (cabelos ressecados tendem a ter mais volume e armarem).

Corre pro salão!

>> SE O SEU CABELO É CACHEADO OU CRESPO....

Faça um relaxamento à base de tioglicolato de amônia, que deixa os cachos soltos, definidos e com volume controlado. O método dura cerca de três meses.

>> QUEM É ONDULADA....

Deve investir numa hidratação profunda ou até na escova progressiva. Os dois processos não mudam a estrutura do cabelo, mas garantem um visual menos armado. Só tome cuidado com os produtos batizados com mais de 0,2% de formol! Eles são proibidos pela lei brasileira.

>> AS LISAS...

Podem apostar na reestruturação (pode pedir assim no salão!), que repõe a massa capilar com ativos presentes na superfície do fio, como a queratina, deixando-o mais assentado por um mês, pelo menos.

Patrulha de casa

Cuidado número 1: use um creme para pentear específico para o seu tipo de cabelo (cacheado, ondulado ou liso) toda vez que lavar os fios. Uma vez por semana, aplique uma máscara hidratante. Aqui, o segredo é a ordem do ritual: primeiro, use um xampu antirresíduos, que limpa e abre as escamas do fio. Depois, espalhe a máscara no comprimento e deixe agir conforme descrito na embalagem. E, por último, passe o condicionador, que vai fechar a cutícula do cabelo e fixar os ativos lá dentro. Enxágue.



PARE AGORA!

- 1 De lavar o cabelo com a água muito quente porque ela elimina a oleosidade natural dos fios, principalmente os mais fininhos. Não quer tomar o banho todo frio? Aposte numa ducha rápida para finalizar.
- 2 De escovar os fios secos (é pecado!). Assim você vai armar ainda mais o cabelo.
- 3 De usar o secador na temperatura e na velocidade máxima. Puxe sempre as mechas para baixo, com o bico do secador na mesma direção, e finalize a secagem com um jato de ar frio para os fios não ficarem revoltados.
- 4 De comprar qualquer tipo de xampu. As versões mais baratas costumam ter muito Lauril, um tipo de detergente químico, que agride demais o cabelo, criando volume.

O VILÃO:

Caspa

Como evitar?

Triste verdade: a caspa não tem cura ainda. Mas há vários jeitos para diminuir esse problema. Primeiro, para que ela não evolua da descamação (aqueles pontinhos brancos desagradáveis) para uma irritação no couro cabeludo, lave a cabeça todos os dias. Esse hábito vai tirar o excesso de oleosidade e a pele morta, algumas causas da caspa. Na pior das hipóteses, faça isso dia sim, dia não. Não esfregue o couro cabeludo com muita força ou com as unhas e nem pense em aplicar cremes na raiz do cabelo.

Patrulha de casa

Procure xampus anticaspa e use três vezes por semana. Despeje uma quantidade equivalente à moeda de 1 real (se o seu cabelo for comprido) porque o excesso de xampu pode deixar o couro cabeludo ressecado, causando o efeito rebote. Se não melhorar, vá ao dermatologista.



PARE AGORA!

- 1 De pensar que o xampu anticaspa vai ressecar os fios. Os produtos atuais contam até com ativos hidratantes, sabia?
- 2 De dormir com os fios úmidos. Esse hábito, a longo prazo, pode estimular a proliferação de fungos e caspa. Eca!

Quem deu as informações: Cris Dinos, proprietária do salão Laces and Hair e tricologista; Luciana Macedo de Oliveira, dermatologista e diretora médica da Clínica des Arts; Nando Ardore, cabeleireiro do salão L'Officiel; Rosiane Pinheiro, cabeleireira do salão 19 Hair; e Soraia Ferretti, proprietária do salão LunaBlu.

Avon: 0800-7082866; Basic Hair: (11) 5642-1344; Clear: 0800-7077512; Clairol Professional: 0800-117707; Dove: 0800-7077512; Embelleze: 0800-8812667; Kaedo Professional: (21) 2641-4188; Kerasilk: 0800-0213349; Knut: (14) 3204-2000; Lola Cosmetics: 0800-0738626; Mahogany: (11) 3686-6999; Natura: 0800-115566; Procter & Gamble (Head & Shoulders): 0800-7015515; Seda: 0800-7079911; TRESEmmé: 0800-7079911.

O vilão listado aqui é o volume excessivo e, de acordo com a revista, as causas e as consequências desse problema são as seguintes, respectivamente:

Por que eu tenho?

São vários os fatores e cada caso é um caso. Pode ser *culpa* da fibra natural do seu fio, o que acontece principalmente com as *cacheadas e crespas*. Ou o *culpado* pode ser o ressecamento (cabelos ressecados tendem a ter mais volume e a armarem).

Corre pro salão!

Se o seu cabelo é cacheado ou crespo...

Faça um *relaxamento à base de tioglicolato de amônia*, que deixa os cachos soltos, definidos e com volume controlado. O método dura cerca de três meses.

Quem é ondulada....

Deve investir numa hidratação profunda ou até na escova progressiva. Os dois processos não mudam a estrutura do cabelo, mas garantem um visual menos armado. Só tome cuidado com os produtos batizados com mais de 0,2% de formol! Eles são proibidos pela lei brasileira.

(....) (CAPRICO, 2021, grifos nossos).

No trecho em destaque, podemos afirmar que o signo ideológico *cabelo crespo* é associado a valores negativos e a imperativos de mudança. Assim fazem referência ao signo em questão, explicitamente, *culpa* e, implicitamente, *indefinidos e descontrolados*, os quais estão subentendidos no texto, como parte da constituição do cabelo crespo. O enunciado se constrói a partir do embate ideológico entre as forças *adequação* e *inadequação*, pois, na força *adequação*, temos as características que são socialmente aceitáveis para um cabelo, as quais são ditadas por um padrão de beleza branco e europeu; desse modo, é considerado *belo* o que é *controlado* e *definido*, típicos dos cabelos lisos ou até mesmo ondulados. Entretanto, esses fatores não são comuns aos cabelos crespos, os quais naturalmente são mais volumosos e, dependendo da curvatura do crespo, não necessariamente têm seus cachos “definidos”; por isso esse tipo de cabelo se enquadra na força *inadequação*: não são considerados *belos*, por serem *descontrolados* e *indefinidos*, e, conseqüentemente, não são aceitos socialmente.

Essa associação do cabelo crespo a algo negativo não é encontrada somente neste enunciado da *Capricho*, visto que a revista impressa, enquanto elo em uma cadeia discursiva, traz ecos, naquilo que produz, dos discursos racistas que circulam no cotidiano e são aceitos socialmente. Exemplo disso são as expressões como *cabelo duro*, *cabelo ruim* e *cabelo de ‘bombril’*, entre outras tantas, comumente usadas para se tratar do cabelo crespo e que são, muitas vezes, naturalizadas; por isso, não são raros os relatos de racismo envolvendo o cabelo crespo. A título de ilustração, temos a notícia “*Racismo: “Era chamada de cabelo duro, cabelo de bombril”, diz Erika Januza*”, de 3 de julho de 2020, em que a atriz Erika Januza

conta episódios de racismo vividos por causa da textura de seu cabelo; e a notícia intitulada “*Mulher é vítima de racismo ao ouvir que seu cabelo pode ‘causar doença’*”, de 3 de maio de 2022, a qual relata a experiência de Ana Rosa, mulher negra, no metrô em São Paulo, que teve seu cabelo crespo associado à transmissão de doenças (CAPRICHIO, 2020; NUNES, 2022).

Então, a forma de solucionar o “problema” é por meio do uso de tratamentos químicos, os famosos “relaxamentos”, os quais alteram a estrutura dos fios a fim de alisá-los. A sugestão é construída com um tom autoritário, já que há o uso do modo verbal imperativo ao se sugerir esse processo químico, como é visto em “*Corre pro salão*” e “*Faça um relaxamento*”, o que implica em uma certa urgência para a resolução da problemática. Além disso, o enunciado pressupõe um interlocutor, ao usar o pronome “*seu*” ao longo do texto, como em “*(...) pode ser culpa da fibra natural do seu_cabelo (...)*” e em “*se o seu_cabelo é cabelo é cacheado ou crespo*”, dirigindo-se diretamente ao seu interlocutor - neste caso, jovens de cabelo crespo, característica geralmente associada ao negro. Novamente vemos a movimentação de ambivalência da *Capricho* em relação ao negro enquanto parte de seu público, pois, ao mesmo tempo que o inclui, também o exclui, ao retratar suas características como algo inadequado; evidenciando mais uma vez que a jovem negra não se encaixa no padrão da leitora ideal da *Capricho*. Por razões como essa, o alisamento é o caminho escolhido por muitas mulheres negras, de diferentes idades, para que se adequem aos discursos sociais que defendem um tipo específico de beleza, como sintetizado por Oliveira e Mattos (2019),

Para mulheres negras, alisamentos e tratamentos capilares que têm como referência ideais de beleza brancos operam, conscientemente ou não, afastamentos em relação aos seus antepassados negros/as. Os cabelos das mulheres negras na sociedade brasileira dizem respeito ao conflito social presente nas relações sociais. Ao ouvirem que seu cabelo é “ruim”, as mulheres negras estão sendo também interpeladas em suas identidades. (OLIVEIRA, MATTOS, 2019, p. 450)

Desse modo, o signo *cabelo crespo* aponta para a necessidade de mudança imperativa e explícita, visto que não se adequa ao padrão de beleza imposto e é associado à desvalorização, à culpa, ao vilão e ao descontrole, ou seja, a atributos que fazem parte de um campo semântico pejorativo e, mais do que isso, reafirmam o racismo de nossa sociedade, em que um aspecto físico é marginalizado e torna subalterno os corpos negros. De acordo com Moraes et al. (2022), os cabelos lisos são um símbolo de poder e de dominação, enquanto o cabelo crespo é a marca do colonizado, daquele que pode ser subjugado:

Na contramão da liberdade dos fios soltos ou da formosidade de uma trança, estão os alisamentos. Alinhar o que é curvado, pois assim se aprendeu: o liso é a forma de cabelo ideal, símbolo de poder, elemento que autoriza alguém no topo do sistema, que domina o outro colonizado, que nasceu marcado por uma carga genética e social que o beneficia dentro de nossa organização social excludente (MORAES et al., 2022, p. 224).

Esse mesmo signo é repetido no segundo enunciado analisado, a matéria “*Recupere seu cabelo*”, da edição 1192, de 2014. Semelhantemente à primeira, há orientações específicas para alguns problemas capilares, tais como o *frizz*, o ressecamento, a falta de definição, e as possíveis soluções; as quais vêm acompanhadas com as fotos dos produtos sugeridos para cada caso, como vemos na abertura da matéria, nas figuras 23 e 24, a seguir:

Figura 23: Reprodução da matéria “Recupere seu cabelo”.

recupere seu cabelo

Uma temporada feliz de sol, mergulhos e preguiça resulta em fios que já não parecem tão saudáveis quanto antes das férias. Cuide bem deles!

Reportagem Giulia Parca
Design Débora Islas

1 Ai, que secura!

Guarde na memória as boas lembranças desse verão e prepare-se para uma temporada de tratamento intensivo para os seus cabelos. A radiação solar, o vento, a água do mar e o cloro da piscina deixam sequelas. Mas elas podem ser reversíveis. A gente ajuda você a diagnosticar o problema e a tratá-lo rapidinho.

PROBLEMAS X SOLUÇÕES

- ✳ **Ressecamento ao extremo:** sol, sal e vento removem facilmente a oleosidade dos fios, que funciona como uma espécie de protetor natural, e ainda deixam que a água escape.
- ✳ **Brilho zero:** os raios ultravioleta podem abrir as escamas dos fios. Daí, a superfície lisinha fica toda bagunçada e já não reflete a luz como antes!
- ✳ **Fios frágeis e quebradiços:** se a agressão é intensa, o fio, que já tem as escamas abertas, perde proteínas, os tijolinhos do seu cabelo.
- ✳ Quando voltar à rotina, reduza a quantidade de lavagens para dar tempo de a oleosidade se espalhar pelos fios até a ponta. Os finalizadores em óleo também vão ajudá-la.
- ✳ Silicones ajudam a selar temporariamente as escamas e devolvem a luminosidade. A longo prazo, cremes de tratamento têm esse efeito.
- ✳ Reposição de queratina é seu mantra. No creme de tratamento e na ampola (você pode misturá-la a uma máscara comum para potencializar seu efeito.)

Sérum Concentrado Nutri Ativo, A.D.C.O.S. (R\$ 12)

Amazonian Oil da L'Oréal Paris (R\$ 122)

LA ROCHE-POSAY KERIUM DOUX EXTREME (R\$ 64,90)

Máscara Lequim, La Roche-Posay (R\$ 64,90)

Máscara reposição de queratina, Phytoequilibrium (R\$ 22)

Ampola de queratina, Vizzcaya (5,90)

VIZZCAYA Keratina Líquida Liquid Keratin (20ml / 0.68 fl.oz)

Creme de Tratamento Iluminador, OX Plants (R\$ 15,99)

OX ILUMINADOR (300g)

CAPRICHIO 31

Fonte: Edição impressa 1192 da Capricho.

Figura 24: Reprodução da matéria “Recupere seu cabelo”.

4

CABELO DE SALÃO

Sobrou uma grana? Invista num tratamento profissional. O cabeleireiro sabe qual o ideal para o seu caso.

Cuticle Porosity Reconstructor
Esse tratamento, da Senscience, promete repor as proteínas dos fios e reconstruir as escamas dos fios. Em duas etapas, leva cerca de 15 minutos. Pode custar até R\$ 290. (Ai, que caro!)

Color Extend Magnetics
Contém um ativo que ajuda a selar as moléculas de cor e cria uma barreira hidrofóbica. O sistema, da Redken, é indicado para quem, ao mesmo tempo, precisa revitalizar os fios e quer manter a cor. Nos salões, pode custar R\$ 250.

Bordado de Dios
Essa é uma técnica de corte feita com pente e tesoura, exclusiva do Spa Dios, em São Paulo. Ela remove as pontas duplas sem alterar o comprimento. Yey! Cada sessão leva 30 minutos e, dependendo do estado em que o cabelo está, você pode precisar de até três visitas. Ao preço de R\$ 280.

Cauterização
Um clássico da recauchutagem pós-verão. Uma máscara de proteínas é aplicada nos fios. Elas são fixadas ao fio com o calor de uma chapinha específica, que chega até a 60°C. Por ser tradicional, também é a opção menos cara: o preço médio é R\$ 100.

Lucy Ramos

alta MODA
Spray ativador de ondas Wind Up, Képastase (R\$ 49,90)
Umidificador de cachos Alta Moda E... (R\$ 19,90)
Amplia Power Vit E, Capilizer Fructis (R\$ 4,90)

5

Frizz sob controle

Por terem cachos menores e mais fechados, os cabelos crespos tendem a ser naturalmente mais frágeis e secos. Isso acontece porque o formato dos fios dificulta a chegada dos nutrientes no comprimento e nas pontas – a gente nem precisa dizer que usar máscaras de hidratação é extremamente importante, né? Também vale investir nos produtos à base de vitamina E, no óleo de gardênia e na semente de babaçu para fazer uma hidratação mais intensa. O leave-in continua sendo fundamental para dar forma ao cabelo e deve ser usado diariamente.

Lorde

6

Cachos em forma

A overdose de agressão aos fios destrói as microestruturas, que mantêm o cabelo inteiro, e é natural que ondas e cachos fiquem sem forma. Reconstruí-los, então, será essencial – e você pode fazer isso repetindo a aplicação de máscaras capazes de devolver à fibra seus nutrientes duas ou três vezes por semana. Durante a recuperação, pegue leve: desembarace ainda no banho, com um pente de dentes largos, começando pelas pontas e então seguindo pela raiz. E até a recuperação total, deixe secar ao natural: marque só as mechas de cima com babybiss.

Máscara de tratamento Cachos Modelados, SOL (R\$ 11,60)
Shampoo Cachos Perfeitos, O Boticário (R\$ 12,99)
Nome produto, Mopca (R\$ 11,60)
Ativador de cachos Big Waves, The Beauty Box (R\$ 34,90)
Lampu cachos definidos, Póme (R\$ 13,10)
Fluido Prolongador de Cachos, Natura Plant (R\$ 19,90)

CAPRICHIO 33

Fonte: Edição impressa 1192 da Capricho.

Destacamos trecho da dica número cinco, intitulada “*Frizz sob controle*”:

Por terem cachos menores e mais fechados, os cabelos crespos tendem a ser naturalmente mais frágeis e secos. Isso acontece porque o formato dos fios dificulta a chegada dos nutrientes no comprimento e nas pontas - a gente nem precisa dizer que usar máscaras de hidratação é extremamente importante, né? (...) O leave-in continua sendo fundamental para *dar forma ao cabelo* e deve ser usado diariamente. (PARCA, 2014, p.33, grifos nossos).

A ideia de controle, neste enunciado, é logo vista no título do trecho, e se associa mais uma vez ao signo *cabelo crespo*, que é descrito como sendo frágil e seco - fatores que são responsáveis por torná-lo sem “descontrolado”; a sugestão é o uso frequente de produtos que mantenham a *forma* do cabelo. Então, apesar de a solução neste caso não ser a alteração da estrutura física do cabelo por meio de alisantes, tal qual no enunciado anterior, vemos ainda a presença da ideia de que uma alteração se faz necessária, mesmo que seja com o uso constante de produtos, os quais darão *forma* ao cabelo. De modo talvez mais brando, há o embate entre as forças *adequado* e *inadequado*, materializadas no signo *cabelo crespo*, o qual ainda possui uma valoração negativa e aponta para algo que deve ser modificado a fim de se adequar ao padrão de beleza vigente. Essa ideia é corroborada, na construção do enunciado, por meio da foto da atriz negra Lucy Ramos como referência. Na imagem, ela está usando os seus cabelos naturais e definidos - ou *controlados* -, fato que valida a parte verbal do enunciado. Assim, para ser *adequado* ao imaginário da *Capricho* e ser belo, o cabelo crespo deve ser controlado e definido.

Ao olharmos para determinados enunciados do *site*, porém, constatamos uma aparente ressignificação do signo *cabelo crespo*, como observamos no terceiro enunciado sobre cabelo analisado, a matéria intitulada “*Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho*”, do dia 2 de maio de 2022, reproduzida abaixo:

Afrohairstylist, criadora, empreendedora e mais. Jacy Carvalho é um ícone quando se trata de moda e beleza, e uma grande referência para crespas. Pensando nos milhares de tutoriais produzidos por ela com técnicas aprimoradas há mais de 15 anos, a *CH* reuniu uma série de penteados para te inspirar na hora de criar looks superestilosos e sofisticados.

Rabo de cavalo ‘bubble hair’

O **penteadado bolha** está em toda parte e, sem dúvidas, é maravilhoso para criar aquelas produções mais sofisticadas e elaboradas, sabe? Prático e versátil, *você pode executá-lo com alguns elásticos, muita criatividade e miçangas.*

(...)

Penteados com mini twists

Foi aqui que pediram penteados com *twist*? O entrelaçamento favorito de crespas e cacheadas também pode virar um visual belíssimo e nós vamos te provar. Depois de prontos e soltinhos, você pode prendê-los no topo da cabeça, fazer tranças laterais com algumas mechas soltas e o que mais sua imaginação permitir (...)

Sabendo que um penteado vai muito além dos fios, você pode investir em acessórios mais ousados e diferenciados (...) se o seu cabelo for preto, por exemplo, acessórios prateados ou dourados darão um destaque para os fios.

Tranças com miçangas

Definitivamente, as trancinhas com miçangas têm um lugar especial em nossos corações. É simples: com o seu finalizador favorito e um pente em mãos, divida o cabelo em várias mechas, faça tranças finas e acrescente miçangas coloridas ou transparentes na ponta de cada trancinha. Fácil, não? (...) (NICACCIO, 2022, grifos nossos).

A publicação mostra sugestões de penteados para cabelos crespos feitos por Jacy Carvalho, influenciadora digital negra de pele retinta, a qual é a referência dada. Já de início, vemos que o signo *cabelo crespo* possui uma nova coloração ideológica, pois, se antes ele tomado por um campo semântico negativo que expressava sua “inadequação”, aqui ele tem uma valoração positiva, que aponta para a sua “adequação”. Isso é visto no fato de que os looks com cabelo crespo são caracterizados como “*superestilosos*” e “*sofisticados*”. Além disso, ao “bubble hair”, ao mini *twist* e às tranças com miçangas - penteados sugeridos pela publicação -, são associados os adjetivos *maravilhoso*, *sofisticado*, *elaborado*, *belíssimo* e *prático*, os quais reafirmam a ideia de que essa textura não é mais vista como algo que deve ser submetido à alteração para se encaixar em determinado padrão, e que ela pode pertencer ao imaginário construído pela *Capricho*.

Outra noção associada ao cabelo crespo é a versatilidade, expressa no fato de que há vários penteados que podem ser feitos com ele. Constatamos isso quando a *Capricho* incentiva a “criatividade” na execução dos penteados, por meio do uso dos acessórios “*mais ousados e diferenciados*”, dos “*dourados ou pretos*” e das “*miçangas*” - e estas últimas remetem à ancestralidade de povos indígenas e africanos e são parte da história da moda contemporânea. Então, à noção de adequado expressa pelo signo *cabelo crespo*, também podemos adicionar a liberdade, por causa de sua versatilidade e de sua possibilidade de se tornar uma expressão quase artística e cultural.

Além disso, retomamos *pele negra*, enquanto a cor da pele, como signo ideológico, não mais ignorado, mas explorado e destacado, pois o enunciado é constituído também por fotos de Jacy Carvalho, como vemos nas figuras a seguir:

Figura 25: Reprodução da matéria “Aprenda da reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho”.



Fonte: Site da Capricho.

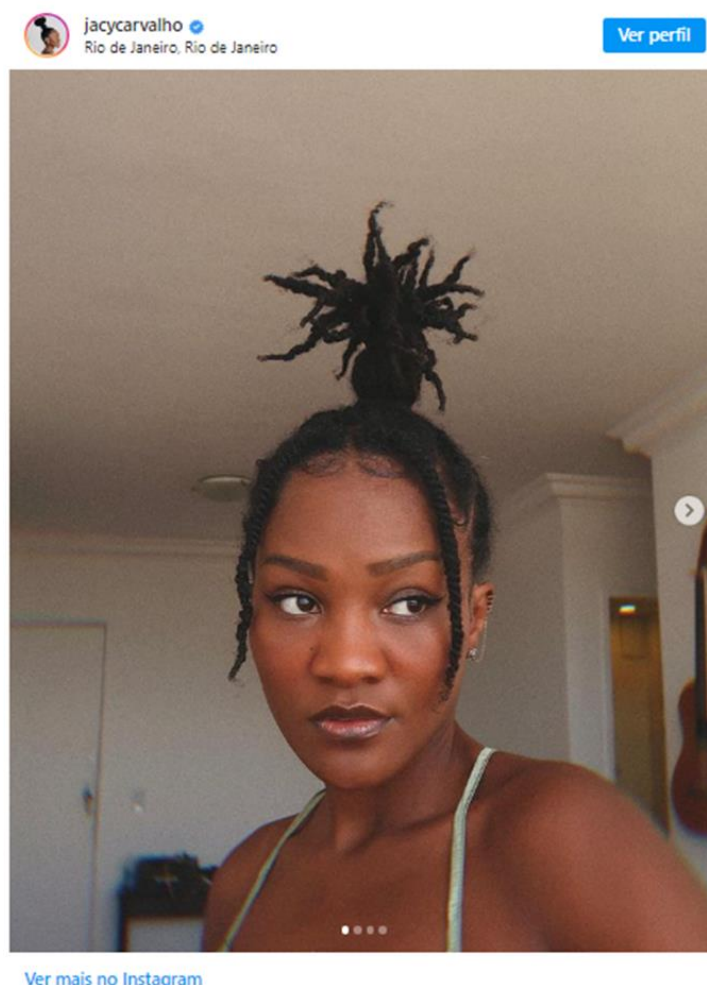
Logo, ela e as fotos em que aparece possuem uma posição de destaque e de centralidade na matéria:

Figura 26: Reprodução da matéria “*Aprenda da reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho*”.



Fonte: Site da Capricho.

Figura 27: Reprodução da matéria “Aprenda da reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho”.



Fonte: retirada do site da *Capricho*.

Se, anteriormente, o signo pele negra era excluído e marginalizado, aqui ele assume a posição de destaque, e Jacy Carvalho, enquanto mulher negra, é descrita como “ícone” de moda e beleza e “referência para crespas”. Novamente as fotos que ilustram a matéria (figuras 25, 26 e 27) foram retiradas do próprio *Instagram* da influencer, o que significa que as referências utilizadas não se restringem mais ao universo dos famosos, da indústria musical ou cinematográfica, por exemplo, mas são personalidades digitais, as quais têm mais proximidade com o público dos jovens.

Figura 28: Reprodução da matéria “Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho”.

Penteados com mini *twists*

Foi aqui que pediram penteados com *twist*? O entrelaçamento favorito de **crespas** e **cacheadas** também pode virar um visual belíssimo e nós vamos te provar. Depois de prontos e soltinhos, você pode prendê-los no topo da cabeça, fazer **tranças** laterais com algumas mechas soltas e o que mais sua imaginação permitir. Dá só uma olhada nessas ideias:

Fonte: Site da *Capricho*.

Figura 29: Reprodução da matéria “Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho”.

RELACIONADAS

5 estilos de penteados com coque para cabelo crespo



Met Gala 2022: tema, horário e como assistir ao evento



10 cuidados essenciais para manter o cabelo crespo saudável



Fonte: Site da *Capricho*.

E, semelhantemente à matéria “*Maquiagens para pele negra: veja as dicas*”, vemos mais uma vez os *hiperlinks*, tanto nas fotos usadas - que redirecionam o leitor para as redes sociais da influenciadora - quanto no corpo do texto. Nas figuras 28 e 29, respectivamente, temos os *hiperlinks*, destacados em rosa, *crespo*, *cacheados* e *tranças*; e *5 estilos de penteados com coque para cabelo crespo*, *Met Gala 2022: tema horário e como assistir ao evento* e *10 cuidados essenciais para manter o cabelo crespo saudável*. Esses links encaminham o leitor para outras publicações, o que expande o assunto e estabelece relações dialógicas entre os enunciados da *Capricho*.

No que diz respeito ao interlocutor da matéria, podemos perceber marcas linguísticas que apontam para um *você* presentes no texto, tais como “(...) *muito mais para você aprender*”, “(...) *uma série de penteados para te inspirar*”, “(...) *você pode executá-lo com alguns elásticos (...)*” e “*E aí, o que você achou dessas referências?*”, são alguns dos muitos exemplos que encontramos no texto. Todos eles possuem a marcação da segunda pessoa, ou seja, a quem o enunciador se dirige e, neste caso, o provável interlocutor é aquele que tem cabelo crespo - característica geralmente associada à negritude. Então, isso denota a inserção desse público no que a *Capricho* tem como leitor, já que, neste momento, não aparenta ser

tratado como o *outro*, que não pertence ao imaginário criado pela revista eletrônica. Outro detalhe relevante é que nesta publicação também há a presença de vozes negras - no caso, a autora da matéria, Taya Nicaccio, e a própria Jacy Carvalho, expert consultada - que enunciam *para* a jovem negra, ou seja, há uma possibilidade de haver o reconhecimento entre quem fala e para quem se fala, como parte do projeto de dizer da *Capricho*.

A ressignificação do signo *cabelo crespo* é repetida na publicação “*Crespos e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist*”, do dia 15 de dezembro de 2021.

Quer um visual diferente e versátil ao mesmo tempo? O **twist** é perfeito para você. Essa técnica ancestral nada mais é do que a **torção de duas mechas de cabelo natural, sintético ou orgânico**. Para muitas mulheres negras, o ato de fazer trança é um momento de *conexão com os saberes passados de geração a geração*. Queridinho entre crespas e cacheadas, esse estilo já se tornou indispensável quando o assunto é dar uma repaginada no look.

(...)

Twist natural

O *twist* pode ser utilizado para texturizar os fios naturais do seu cabelo, dormir com uma touca de cetim e, no dia seguinte, soltar como quiser! A técnica é um sucesso entre as fashionistas e crespas 4C que querem deixar o cabelo com mais volume ou com o famoso *black power*.

Texturas e torções

Essa técnica é sinônimo de muita praticidade, te proporciona brincar com texturas, espessuras, formatos e comprimentos diversos! O que acha de apostar nesse penteado com um toque de personalidade e cores nada óbvias? Fica um arraso!

Com rabo de cavalo

E não pense que esse estilo de cabelo não permite que você crie vários penteados, viu? Prenda o cabelo bem no topo da cabeça e crie uma amarração moderninha. Se quiser um visual mais *afro*, aposte em um *baby hair* babadeiro!

Com coque

Os coques com twist garantem uma produção sofisticada! Você pode prender o cabelo todo ou deixar alguns fios soltos na parte da frente. Aproveite para brincar com acessórios e dar destaque para as orelhas usando um brinco divertido, por exemplo.

(...)

(NICACCIO, 2021)

Então, assim como na matéria analisada anteriormente, no enunciado acima também está a valorização do cabelo crespo, o qual, mais uma vez, enquanto signo ideológico, é tomado por uma coloração ideológica positiva e que aponta para a *beleza*. Por isso, o *twist* é atrelado à perfeição e à versatilidade. Essas características permitem com que o signo *cabelo crespo* seja associado à liberdade, pois ele pode ser usado em diferentes texturas, formatos e comprimentos - aqui, o cabelo crespo se manifesta através do *twist*. A liberdade ainda está no fato de que, além das inúmeras possibilidades de uso, o *cabelo crespo* passa a ser uma forma

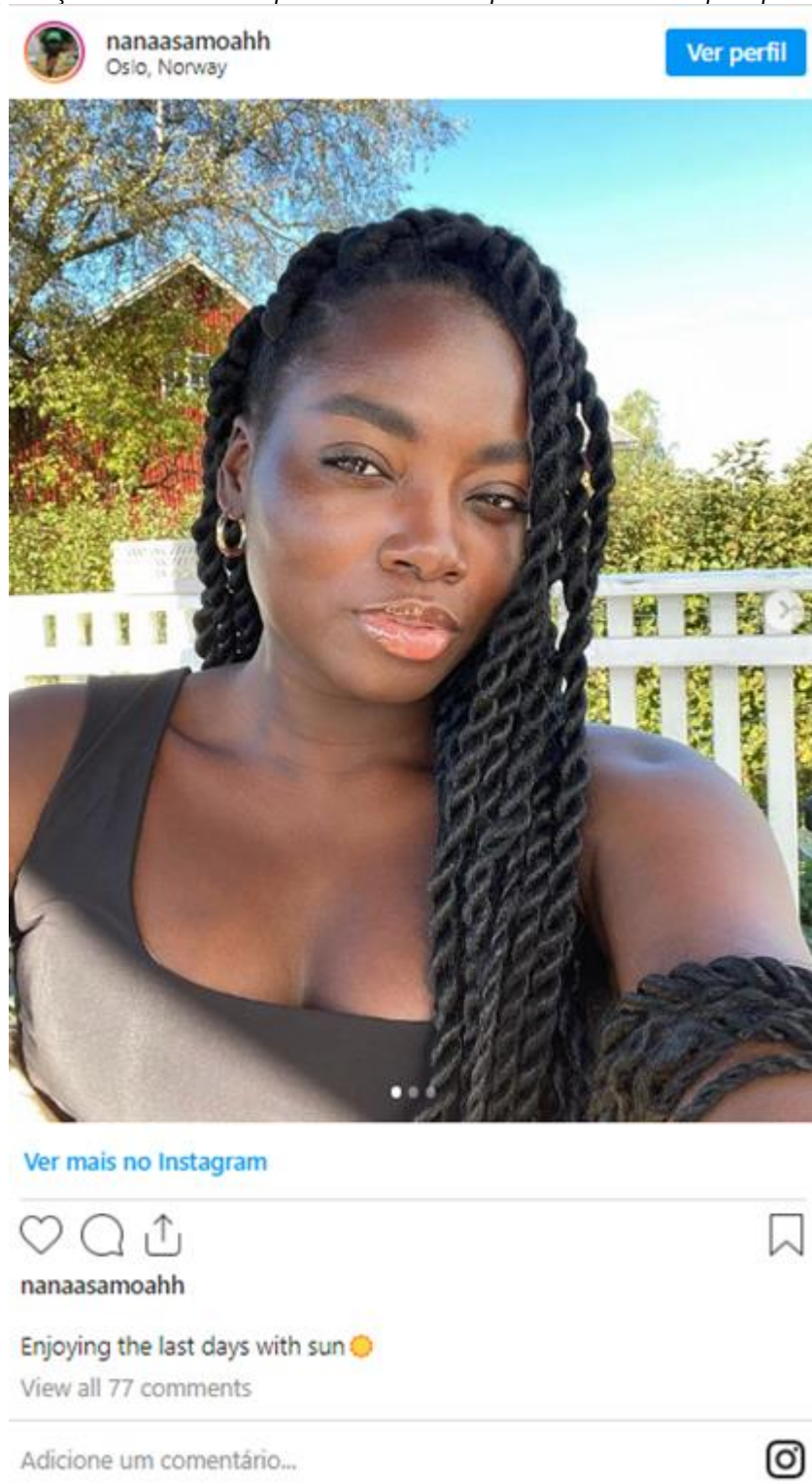
de expressão, o que é evidenciado quando a *Capricho* afirma, por exemplo, “O que acha de apostar nesse penteado com um toque de personalidade e cores nada óbvias? Fica um arraso” e “E não pense que esse estilo de cabelo não permite que você crie vários penteados, viu?”. Por ser o enunciado um todo de sentido, a ideia de liberdade também é vista em seu aspecto não verbal, com o uso de fotos de diversas mulheres negras, usando diferentes penteados feitos com o *twist*, como demonstram as imagens a seguir:

Figura 30: Reprodução da matéria “Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias para penteados com twist”,



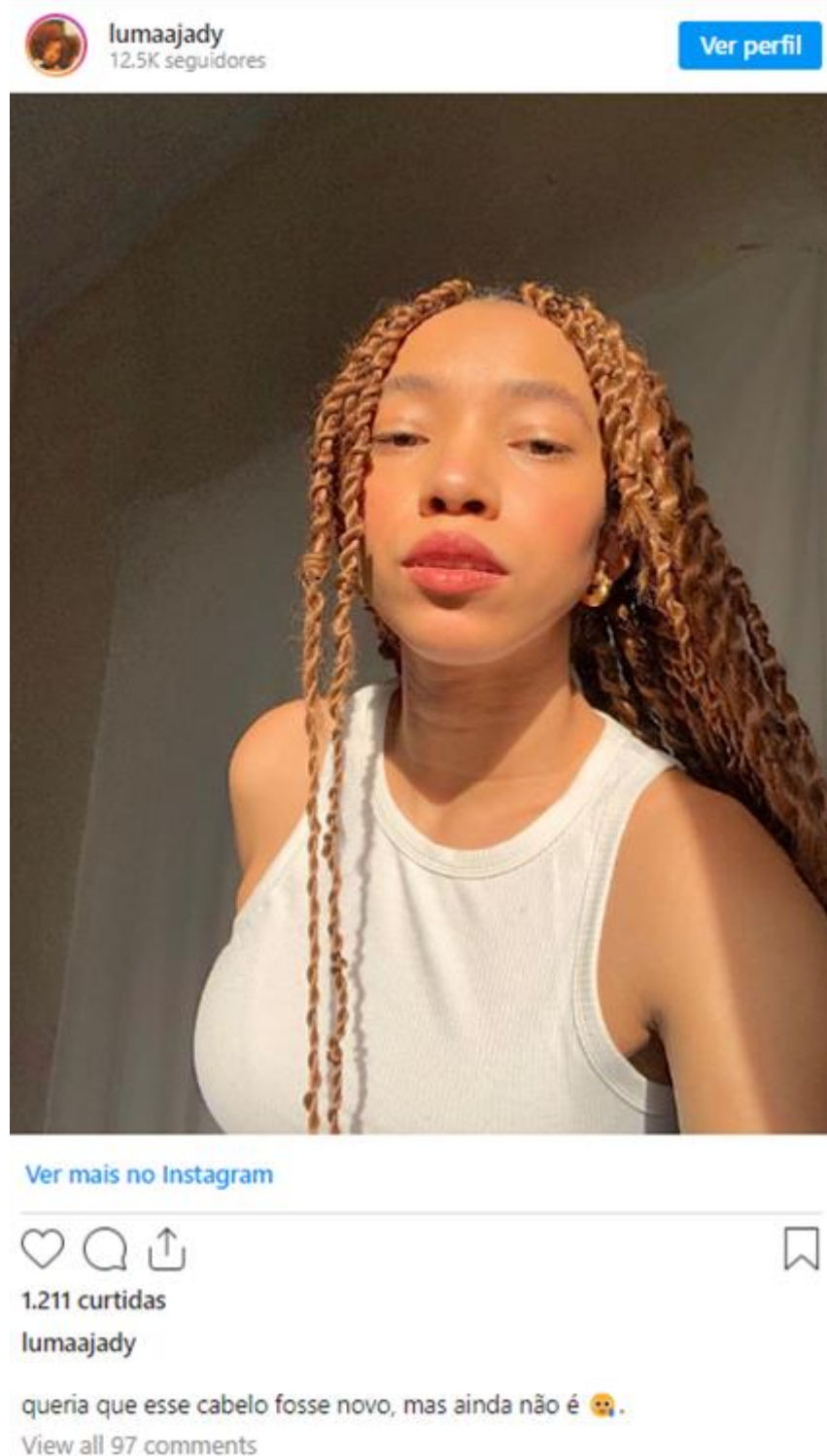
Fonte: Site da *Capricho*.

Figura 31: Reprodução da matéria “Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias para penteados com twist”.



Fonte: Site da Capricho.

Figura 32: Reprodução da matéria “Crespas e cacheadas: inspire-se em 30 ideias para penteados com twist”.



Fonte: Site da Capricho

Com base nessas imagens, reiteramos a presença dos *hiperlinks*, ao considerarmos que as figuras 31 e 32 são fotos retiradas das redes sociais das influenciadoras digitais que ilustram as dicas dadas, característica também presente no último enunciado analisado. Um

outro detalhe para o qual trazemos atenção é o fato de que a diversidade de mulheres negras significa que se usa como referência tanto mulheres negras retintas quanto mulheres de pele mais claras, o que aponta para uma possível expansão do referencial de beleza e, mais uma vez, para a ressignificação do signo *pele negra*.

Se em *Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho*, a noção de ancestralidade pôde ser percebida pelo uso de miçangas - acessórios de origem africana e que são parte da cultura dos povos indígenas -, o signo *cabelo crespo* é o próprio sinônimo de ancestralidade, ao ser associado à conexão que os momentos de cuidados com esses cabelos proporcionam para as gerações de mulheres negras. *Afropaty* - ou “preta patrícia” - também faz alusão à ancestralidade e dá uma coloração cultural e política ao signo *cabelo crespo*. Esse termo, usado em “(...) *se quiser um visual mais afropaty, aposte em um baby hair mais babadeiro*”, diz respeito à valorização da estética negra e à ascensão econômica e social da mulher negra; contudo, para além dos bens materiais, há uma busca por empoderamento, através da ocupação de espaços os quais não pertenciam a ela e da valorização da estética negra em uma sociedade em que apenas o que é parte do padrão branco é tido como belo. A proposta é, acima de tudo, permitir a construção de uma nova identidade à negritude - sobretudo à mulher negra - que não esteja atrelada somente à marginalização e à subalternidade, rompendo, assim, com os estereótipos frutos do racismo estrutural (RIBEIRO, 2021; COUTINHO, 2022). Nesse contexto, podemos retomar a importância da descolonização, apontada por bell hooks, pois, para a autora, é esse processo de romper com valores colonizadores - os quais percebem os negros como inferiores ou inadequados - que transgredirá o padrão eurocêntrico, por isso, a ressignificação da imagem do negro é imprescindível.

Outra semelhança entre os enunciados é que esses indícios, somados ao uso da segunda pessoa e às perguntas direcionadas ao público leitor, demonstram que o destinatário da *Capricho*, neste caso, são pessoas que possuem *cabelo crespo*, característica geralmente associada à negritude.

Portanto, com base nos enunciados analisados, vemos uma mudança na construção e na representação da jovem negra na *Capricho*, nas temáticas relacionadas à beleza - mais especificamente em *maquiagem* e *cabelo* - por meio da ressignificação dos signos *pele negra* e *cabelo crespo*. Inicialmente, nos números impressos do *corpus* e no *site*, esses signos eram silenciados, pois, em suas raras aparições, possuíam uma valoração negativa, ao remeterem à inadequação e à necessidade de alteração; nesse caso, opunham-se diretamente aos signos *pele branca* e *cabelo liso*, vistos positivamente, pois se tornaram a referência do que é

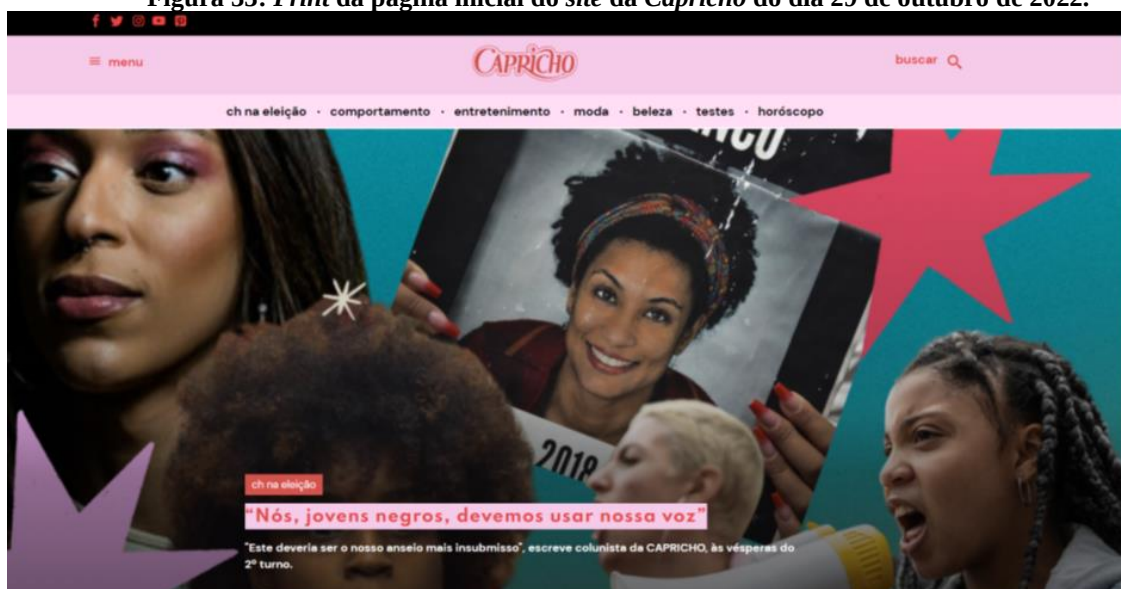
adequado e belo. Essa contraposição de valores é fruto da sociedade racista, que marginaliza o negro em todas as esferas e é na palavra, enquanto signo ideológico por excelência, que se dá o embate entre essas duas forças. Por causa disso, nas matérias analisadas (*“Maquiagem para quem tem a pele morena e negra”*, *“Maquiagem para pele morena e negra”*, *“Seu cabelo vai fazer você brilhar”* e *“Recupere seu cabelo”*), foi possível recuperar os discursos racistas que as atravessavam, de modo que elas, então, apenas reproduziam essas práticas discursivas. Contudo, notamos uma aparente ressignificação desses signos, principalmente nas matérias retiradas do site da *Capricho* (*“Maquiagem para pele negra: veja dicas sobre o assunto”*, *“Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho”* e *“Crespos e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist”*). Assim, neste momento do recorte, *pele negra* e *cabelo crespo* passam a receber uma coloração ideológica positiva, e denotam a beleza, a liberdade e a versatilidade, por exemplo. Esse movimento implica em uma alteração também na percepção e na construção do interlocutor, visto que ora a jovem negra é excluída do público leitor ideal construído, ora é inserida nele.

4.2 Interlocutor da *CAPRICHÔ*: estabilidades e instabilidades

Nesta seção, apresentamos uma reflexão sobre o interlocutor da revista *Capricho* e sobre a ambivalência da revista, ora mantendo sua identidade, ora movimentando-se em direção de um outro interlocutor mostrando mais politização e diversidade em seu discurso.

Mesmo com as alterações ocorridas em suas plataformas, especialmente ao longo da última década, e com a passagem para o endereço eletrônico, a *Capricho* manteve certa regularidade no que diz respeito ao seu conteúdo, à sua organização e às temáticas abordadas (ou seja, sua identidade), o que é visto logo na abertura do *site*, ilustrado na figura a seguir.

Figura 33: Print da página inicial do *site* da *Capricho* do dia 29 de outubro de 2022.



Fonte: Site da *Capricho*.

Inicialmente, uma dessas regularidades mantidas nas duas plataformas é a presença de tons variados da cor rosa, que é vista na abertura do *site* e, em maior ou menor escala, nas capas da figura 30. Na página de abertura do *site*, o rosa é a cor predominante, variando entre tons mais claros e escuros, e está no logo da *Capricho*, nos enunciados e nos ícones das redes sociais. Já nas capas das revistas impressas (figura 4), apesar de a cor não ser a predominante em todos os números escolhidos, é inegável a sua presença. Assim, em um primeiro momento, o rosa vai aparecer no logotipo da *Capricho* (ora escrito de cor rosa, ora contornado por ela), em algumas edições, como cor de fundo para as capas e como destaque dos textos verbais; quando não há especificamente essa tonalidade, há uma cor clara, geralmente um tom

pastel, que a substitui, tal qual o amarelo e o azul claro e o lilás. A escolha dessa cor e de suas variações é significativa para a construção da identidade da revista e da composição do imaginário que envolve a “menina *Capricho*” ideal. O rosa e os tons pastéis remetem à delicadeza, à pureza e à infantilidade, características que estão presentes não somente na visão de leitora que a publicação possui, mas também no modo como as temáticas são trabalhadas nos números, a fim de preservar esses atributos. Então há uma romantização e idealização do mundo que a cerca e das relações que são parte de sua vida, tais como as sociais, familiares e amorosas. Isso cria uma realidade que não necessariamente coincide com a do mundo real e material.

Há, contudo, em um segundo momento, uma aparente ruptura na dominância do rosa nas edições que estão na última linha da figura X, as quais foram publicadas em 2013 e 2014, e são um prenúncio do final das revistas impressas e o início de uma nova era para a *Capricho* - a era digital. Ainda temos o rosa, mas, principalmente nas três últimas revistas da figura, ele é associado a tons mais sóbrios, como o preto, o cinza e o azul. É nessa etapa, no *corpus* analisado, que há uma tentativa de abordar temas mais politizados, explorando pautas de cunho mais sociais, mesmo que de forma completamente expositiva e didática - o que ainda aponta para uma infantilização do público leitor, ao mesmo tempo em que há uma tentativa de entrada para o mundo real e adulto.

Um exemplo disso é a matéria “*Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas*”, publicada na edição 1178, em junho de 2013, na coluna chamada “*Alguém me explica*”.

Figura 34: Reprodução da matéria "Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas".



Fonte: Edição impressa 1178 da revista *Capricho*.

O projeto de dizer da matéria é explicar didaticamente as manifestações que estavam acontecendo no país nesse momento em que o número foi publicado. A princípio, na época, as manifestações se iniciaram por causa do aumento da tarifa da passagem do transporte público;

contudo, conforme os protestos ganharam magnitude, houve uma dispersão em relação às pautas defendidas, já que outras causas - como a corrupção política e os gastos com a Copa do Mundo - também passaram a ser reivindicadas nesse movimento, mesmo que não houvesse uma relação direta com ele. É justamente a fim de informar a leitora sobre esses contexto sócio-histórico, então, que a matéria é publicada.

Aumento das passagens

Os primeiros protestos rolaram no começo de junho, com o aumento nas tarifas do transporte público. Mas a briga contra o ajuste ficou maior e agora tem várias causas - contra a corrupção e gastos com a Copa do Mundo, entre outros.

(...)

Repercussão

Mais de 250 mil pessoas saíram às ruas no país (em 12 capitais e 16 cidades) no dia 17. Depois de tudo isso, o governo de algumas cidades, como São Paulo e Rio de Janeiro, cedeu às manifestações e abaixou as passagens. Ou seja, o protesto funcionou! (HIRATA, 2013, p. 77).

Assim, de forma didática, a revista contextualiza as manifestações e aponta, ao término do texto, que “*o protesto funcionou*”, o que nos remete à ideia de que, nesse embate entre as forças opostas, ou seja, entre um *bem* que luta contra um *mal*, o bem venceu, o que é considerado um resultado considerado positivo das manifestações. Essa idealização simplista, que se exime de ampliar a discussão política que se deu nessas manifestações, está presente na construção do enunciado.

Vemos a presença de diferentes tons de rosa, tanto no verbal quanto no não verbal, e, apesar de se manter a feminilidade e delicadeza comuns à revista, a ilustração, também em rosa, transmite a ideia de força e empoderamento, ao retratar uma menina branca, em primeiro plano, com a expressão séria, cabelos ao vento e empunhando um cartaz com os dizeres “*Vem pra rua!*”; ao redor de sua cintura, há uma blusa de frio vermelha amarrada, também movimentada pelo vento, que imediatamente nos lembra das capas vermelhas que os super-heróis usam em seus trajes. Além disso, a imagem da jovem remete, pelo corte de cabelo e traços, ao universo dos mangás, tão frequentado pelos jovens brasileiros. O não verbal mostra para a leitora *Capricho* que, apesar da delicadeza, pode lutar por causas sociais; ademais, esse aspecto reforça a noção de que há um *bem* que prevalece sobre um *mal*. No entanto, esse enunciado camufla e ameniza a gravidade da situação ocorrida, em uma tentativa de manter a idealização da realidade de seu público.

O rosa e os tons pastéis assumem valor ideológico e, por conseguinte, se tornam signos, pois representam a feminilidade, infantilidade e delicadeza, características que fazem parte do mundo idealizado pela *Capricho*. O uso dessa cor somado à falta de temáticas politizadas ajuda a construir a imagem da leitora que seria a *ideal*: meninas brancas de classe socioeconômica favorecida, as quais não são afetadas pelos problemas sociais.

Já no *site*, apesar de haver uma presença marcante do rosa e, por conseguinte, ainda manter firmemente a ideia de feminilidade, percebemos uma mudança no que diz respeito às temáticas discutidas, como veremos a partir da figura 33 e da figura 35 (abaixo), a qual dá ênfase às três faixas horizontais em que se divide a página de abertura do *site*:

Figura 35: Página inicial do site da *Capricho*.



Fonte: Site da *Capricho*.

Na primeira delas, a de cor preta, há pequenos ícones rosas do *Facebook*, do *Instagram*, do *Twitter*, do *Pinterest* e do *Youtube*, que funcionam como *hiperlinks* e direcionam às redes sociais oficiais da *Capricho*. Na faixa rosa intermediária, há o logo da *Capricho*, também em tons variados de rosa, predominando o rosa claro e, nos títulos e ícones, o pink - cor que está presente em todo o *site* -; a ferramenta de busca do *site* e o “*menu*”. Na última faixa, a de rosa claro, há as divisões que o site apresenta. Este, assim como as revistas impressas, também é organizado em 6 seções principais, sendo elas *Comportamento*, *Entretenimento*, *Moda*, *Beleza*, *Testes* e *Horóscopo*. A seção denominada *CH na eleição*, porém, não é uma regularidade, pois só esteve presente temporariamente por reunir matérias que abordam a temática das eleições presidenciais de 2022, no Brasil - contexto histórico-social em que este recorte foi feito.

Para exemplificá-la, temos a matéria “*O que você não pode esquecer na hora de votar no 2º turno*”, publicada no dia 30 de outubro de 2022, em que ocorreu o segundo turno das eleições presidenciais. Ela apresenta, didaticamente, as regras desse processo: aponta quem pode votar, quais documentos e objeto levar, o horário de votação e entre outras informações pertinentes. Esse caráter instrutivo evidencia-se logo no trecho a seguir:

Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) disputam neste domingo (30) o segundo turno da eleição presidencial. E nós, eleitores, vamos voltar às urnas para eleger também governadores em 12 estados pelo país, viu?

Se essa for a sua primeira eleição, a gente só consegue imaginar o frio na barriga, mas, calma, a gente vai ajudar você dando o passo a passo de tudo o que você precisa para este segundo turno, viu? (MARTINELLI, 2022)

Aqui, ao olharmos para a construção linguística do texto, a *Capricho* estabelece uma relação de proximidade com seu público, ao assumir, em seu texto escrito, um tom de empatia com o leitor e com sua inexperiência no processo democrático da votação, e afirmar “(...) *a gente só consegue imaginar o frio na barriga (...)*”, o que mostra que ela tenta se aproximar do leitor e se colocar no lugar dele. Além disso, ela transmite segurança quando pede “(...) *calma (...)*” e quando se dispõe a ajudar a passar as informações necessárias sobre as eleições; para isso, diz “(...) *a gente vai ajudar você dando o passo a passo de tudo o que você precisa para este segundo turno, viu?*”. Esses fatores colaboram para que haja uma identificação do público com a matéria.

A chamada da matéria que está em destaque na abertura do *site* também é parte da seção *CH na eleição*. No dia 29 de outubro de 2022, quando o *print* da figura 35 foi feito, a matéria destacada era “*Nós, jovens negros, devemos usar nossa voz*” e, em seu subtítulo, dizia “*Este deveria ser o nosso anseio mais insubmisso*”, *escreve colunista da CAPRICHÔ, às vésperas do 2º turno*. Nessa publicação, percebemos que, além de se orientar o público a votar, dirige-se a uma parte específica dele: a de jovens negros. Vemos isso tanto na dimensão não verbal quanto na verbal. Na primeira, a capa traz três jovens negras e uma branca, as quais aparentemente representam a ideia de resistência e a necessidade de se ter uma voz, pois todas estão com a fisionomia séria e, a partir do formato em que a boca está, é possível concluir que elas estão gritando, reivindicando algo, em posição de resistência. Assim como na matéria “*Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas*”, da edição impressa 1178, vemos também o uso do rosa, nos escritos, nas unhas e nas maquiagens das mulheres que estampam a capa; entretanto, aqui, o rosa vem associado a um símbolo de resistência da população negra: a foto da vereadora Marielle Franco, no centro da imagem. Isso intensifica o caráter politizado da publicação, já que a vereadora do PSOL - partido que se identifica com a esquerda política - foi assassinada em março de 2018, com 13 tiros que atingiram o carro onde estava; apesar disso, anos depois, o crime ainda segue sem ser solucionado. Mesmo com sua morte, a ativista, negra e lésbica, tornou-se um símbolo mundialmente famoso da luta pelos direitos humanos.

Também em relação à linguagem verbal, percebemos o direcionamento do enunciado para a juventude negra, no uso da primeira pessoa do plural, com os pronomes “nós” e “nosso” e, consequentemente, no verbo “devemos”, os quais implicam necessariamente que há mais de um sujeito - ou seja, um coletivo cujos integrantes são jovens negros - e que, ao usar o “nós”, a autora dessa matéria também é negra e se inclui nesse grupo, identificando-se com a necessidade de usar sua voz e de ser ouvida. Ao longo do texto, mais marcas reforçam essa afirmação, como o excerto a seguir:

Em meio a tantos partidos políticos, *eu, você e tantos de nós* continuamos sendo *jovens negros* tentando sobreviver por mais de 23 minutos - a cada dia, por esses minutos, colocam um ponto final nas *nossas vidas*. Não basta apenas ter as candidaturas negras, é necessário que esses corpos sejam eleitos também, pois quando há um semelhante nas principais rotas, sei que *nossas especificidades* foram escolhidas também (BERNADINO, 2022, grifos nossos).

No trecho, a autora ressalta que ter políticos negros eleitos significaria que as causas pelas quais o povo negro luta seriam finalmente escolhidas, em um país onde a cada 23 minutos um jovem negro é assassinado. Há, assim, uma orientação que vai além do *como* votar, já que a matéria também orienta sobre *em quem* se votar - no caso, em políticos negros que defendam e deem vozes ao povo negro. Mesmo que não haja uma menção explícita a partidos políticos, percebemos, por meio das marcas discursivas, o alinhamento político aos partidos que defendem pautas sociais, muitas vezes, associados aos ideais da esquerda.

Entretanto, apesar de a matéria abordar uma temática politizada, a *Capricho* é categórica ao afirmar, no final do texto - em itálico e destacado em amarelo -, que o posicionamento adotado não é a adotado por ela, enquanto marca pertencente ao Grupo Abril:

**Oiê (sic), leitora de CAPRICHÔ. Este texto foi escrito por uma colaboradora do nosso site voltado ao público jovem com a intenção de diversificar e trazer discussões significativas para a juventude refletir o mundo de hoje. Ele não necessariamente reflete o posicionamento editorial do Grupo Abril* (BERNADINO, 2022).

Há, desse modo, uma clara distinção entre o que é a voz do *outro* e a voz da *Capricho*, numa tentativa de manter a noção, embora não existente, de neutralidade que os grandes veículos de mídia almejam ostentar. Logo, fazem parte desse *outro* os jovens negros e a luta pelas pautas raciais. Apesar de haver um diálogo com as questões sociais, há também uma preocupação da *Capricho* com o seu público ideal (constituído por leitoras brancas e de

classes socioeconômicas favorecidas), em mantê-lo ao mesmo tempo em que tenta atender às demandas das leitoras que não são parte do grupo de “leitoras ideais”. Vemos mais um movimento de ambivalência, no qual ela não descarta o *outro*, o de fora, mas constantemente reafirma para quem realmente se dirige. Esse indício fica evidente em outras matérias que também são analisadas neste trabalho.

Apesar de útil naquele momento, a *CH na eleição* não é uma seção recorrente, mas temporária. Sua irregularidade entre as demais seções pode ser evidenciada na figura a seguir, em que são mostradas apenas as seis seções habituais:

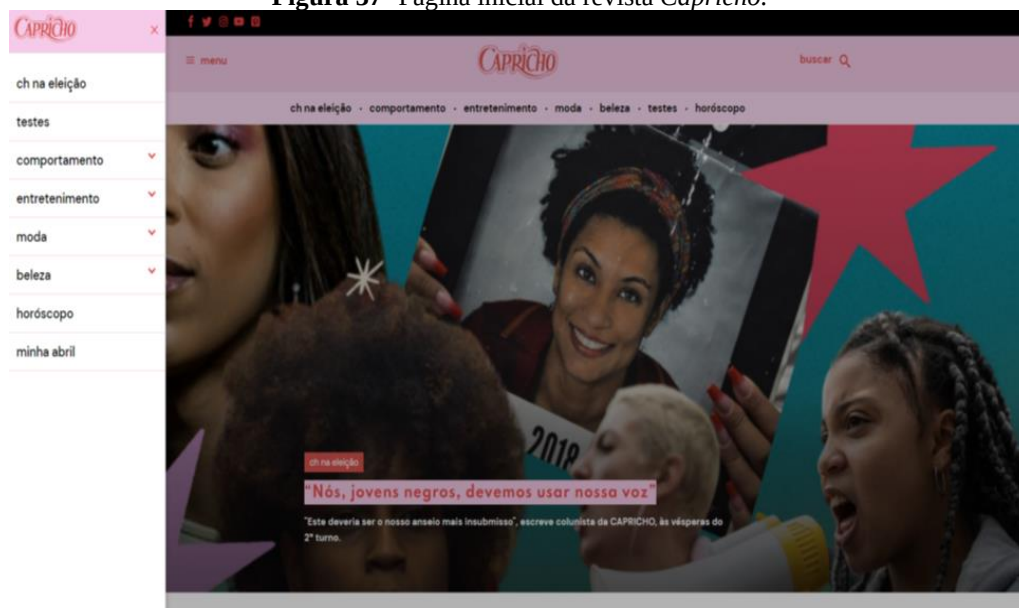
Figura 36: Print da página inicial do site da *Capricho*, do dia 10 de junho de 2021.



Fonte: Site da *Capricho*.

No que diz respeito à disposição das informações no *site*, as seções são mostradas mais uma vez no menu localizado na faixa intermediária, conforme evidencia a seguinte figura:

Figura 37- Página inicial da revista *Capricho*.



Fonte: Site da *Capricho*

Ao lado de *Comportamento*, *Entretenimento*, *Moda* e *Beleza*, há setas que indicam ao público uma expansão da temática de cada uma dessas partes. Seguindo a ordem temos em primeiro lugar *Comportamento*, que se divide em *Saúde mental*, *Feminismo*, *Estudo*, *Relacionamentos* e *SOS Sexo*. Ela também engloba outras temáticas que não necessariamente se encaixam nessas subdivisões; é nela que estarão matérias sobre racismo, por exemplo, e outros temas considerados “politizados” e sociais, e matérias sobre assuntos diversos. Para evidenciar essa diversidade temática, temos, nessa mesma divisão, entre tantas outras, as matérias “5 maneiras de lutar contra o racismo (mesmo que você não sofra com ele)” (PINHEIRO, ERY, 2020), “Não existe amanhã se o foco do hoje não for a natureza e a justiça social” (OTTO, 2022) e “Conheça o Pipeline, primeira montanha-russa “em pé” de surf de Orlando” (OTTO, 2022). Destacamos, especialmente, a primeira delas, na figura 38, a seguir:

Figura 38: Print da matéria intitulada “5 maneiras de lutar contra o racismo (mesmo que você não sofra com ele)”, de junho 2020.



Fonte: Site da Capricho.

A primeira matéria foi publicada em 2020, ano em que manifestações antirracistas aconteceram ao redor do mundo, movidas pelo assassinato de George Floyd, nos EUA. Por essa ser a situação sócio-histórica da época, a *Capricho* incorpora o discurso antirracista, e, novamente, de modo didático, instrui seu público a como lutar contra o racismo, sofrendo com ele ou não. Ao longo do texto, são dadas dicas de como ser um aliado das pautas raciais, por meio de informações, empatia, reconhecimento dos privilégios, laços da solidariedade antirracistas e conscientização sobre a causa (PINHEIRO, ERY, 2020). Em “*mesmo que você não sofra com ele*”, implica-se que o racismo pode não ser parte do horizonte social de algumas leitoras, especialmente se considerarmos aquelas que pertencem às classes socioeconomicamente privilegiadas, já que essa normalmente não é uma pauta discutida por esses grupos. Isso dá ao enunciado, novamente, um caráter politizado.

Chamamos atenção, ainda, para o título da parte em que essa publicação está, que é “*O nosso lado da história*”. Essa é uma subdivisão de *Comportamento*, voltada para jovens negras, em que há relatos sobre a vivência e experiência de ser uma jovem negra no Brasil e todas as implicações que isso traz. Para além do verbal, na capa, com os dizeres “*O nosso lado da história*”, temos também o não verbal, que reitera o seu projeto de dizer: junto ao título, vemos três fotos de uma das colunistas colaboradoras, que é uma jovem negra; e vemos, ainda, em diferentes tons de rosa, ilustrações do punho cerrado e erguido, um signo ideológico que representa a luta racial. Mais uma vez, temos o uso do pronome possessivo “*nosso*”, que aqui também aponta para a voz de um coletivo; com isso, podemos perceber que, com essa a voz - a das autoras negras -, as questões raciais não são vistas com distanciamento, mas são abordadas a partir de uma perspectiva de quem já as experienciou pessoalmente, o que confere aos enunciados de *O nosso lado da história* uma coloração diferente. Há, então, uma importância dada a *quem* fala e sobre *o quê* se fala.

A partir dos enunciados “*Nós, jovens negros, devemos usar nossa voz*” e “*5 maneiras de lutar contra o racismo (mesmo que você não sofra com ele)*”, notamos aparente mudança na construção do interlocutor da *Capricho*, pois, no *site*, a interlocutora deixa de ser a menina adolescente, e passa a ser a jovem. Embora ainda trate de assuntos relacionados à diversão, ao entretenimento e afins, as discussões ganharam um tom político e as questões sociais passam a fazer parte das pautas adotadas pelo *site* da *Capricho*, como temas que constituem o universo do leitor.

Isso contrasta com o que encontramos nas revistas impressas. Ao olharmos para números impressos da *Capricho*, notamos que, junto ao tratamento idealizado da realidade e à falta de politização, há a exclusão de tudo o que não se associa ao universo criado pela *Capricho*, o que inclui também as leitoras que não se adequam ao que foi preconcebido pela revista - indícios que apontam para o elitismo e racismo presentes na revista. Vemos isso no seguinte enunciado, intitulado “*A incrível história da garota que vive em uma comunidade quilombola*”, da edição 1145, de março de 2012:

Figura 39: Reprodução da matéria “A incrível história da garota que vive em uma comunidade quilombola”,

A INCRÍVEL HISTÓRIA...

...Da garota que vive em uma comunidade quilombola



Descendente de ex-escravos, Caroline, 14 anos, não tem perfil no Facebook e nunca jantou em um restaurante – mas pode tomar banho de rio quando volta da escola

Texto: Ana Carolina Castro

TODOS OS DIAS, CAROLINE RODRIGUES da Silva, 14 anos, acorda às 5 horas da manhã, toma banho, passa batom e entra no ônibus para ir à escola. Até aí, nada demais – qualquer garota que estuda na sua classe pode fazer isso também, certo? Só que tem um detalhe: Carol não mora na cidade. Ela nasceu e cresceu em uma comunidade rural de descendentes de ex-escravos, ou seja, um quilombo.

Sim, esse tipo de aldeia ainda existe. A de Carol, por exemplo, fica em Iporanga, no interior de São Paulo. E, ali, a vida é muito simples. Para você ter uma ideia, a menina começou a morar em uma casa de alvenaria há pouquíssimo tempo e divide o quarto com dois irmãos, um de 14 e outro de 4 anos. Apesar de não se incomodar com a falta de privacidade, morre de ciúme do seu computador – herança de um programa do governo e que resgatou pouco antes de ele ser descartado. “Não ligo que seja um modelo ultrapassado e não tenha internet. Sou a única que tem esse aparelho na comunidade, então cuido com carinho”, conta. Mas a vantagem termina por aí. “Sinto uma invejinha porque a maioria dos meus colegas tem telefone e acesso a lan houses, enquanto eu só consigo usar a internet na escola. Ouço todo mundo falar de Twitter e Facebook, mas não tenho nem e-mail!” Não que faça muita falta: Carol não é tão ligada à tecnologia e quase não assiste à pequena TV que tem na sala e que sintoniza só três canais. “O único programa que assisto com frequência é *Rebelde*. Prefiro passar as tardes tomando banho de rio ou andando a cavalo.”

Apesar da vida simples, Caroline não gosta de ser tratada como “especial”. “Eu não sou diferente das meninas da cidade. Eu gosto de dançar, de cantar, de ver novela, de ficar com as minhas amigas. A única diferença é que preciso lutar mais para conseguir coisas que na capital são bem mais acessíveis. Eu nunca fui a um shopping ou ao cinema, por exemplo. Só vejo os filmes que passam na TV e minhas



Foto: Arquivo pessoal

“Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que tenho um milhão de sonhos, como todo mundo”

roupas são compradas em lojinhas de Iporanga ou feitas pela minha mãe.” Mas nem por isso a garota se sente diferente. “Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que eu tenho um milhão de sonhos, como todo mundo.”

E, por falar em sonhos, Carol está no primeiro ano do ensino médio, mas já estuda para passar na faculdade. “Quero fazer gastronomia e abrir um restaurante onde possa servir pratos feitos com ingredientes cultivados em comunidades quilombolas, como feijão, cará, inhame”, diz a garota, que nunca jantou fora, mas ajuda a mãe a preparar as refeições. Apesar de sonhar com a cidade grande, a garota não nega suas raízes. “O melhor de morar em um quilombo é que nunca estou sozinha. O que meu pai e meus tios plantam é de todos. As galinhas que minha avó cria também. Somos uma família e sei que minha casa é aqui.”

Fonte: Edição impressa 1145 da revista *Capricho*.

A matéria relata a história de Caroline, de 14 anos, que vive em Iporanga, em um quilombola, como nos mostra o trecho a seguir:

Descendente de ex-escravos, Caroline, 14 anos, não tem perfil no Facebook e nunca jantou em um restaurante - mas pode tomar banho de rio quando volta da escola.

Todos os dias, Caroline Rodrigues da Silva, 14 anos, acorda às 5 horas da manhã, toma banho, passa batom e entra no ônibus para ir à escola. Até aí, nada demais - qualquer garota que estuda na sua classe pode fazer isso também, certo? Só que tem um detalhe: Carol não mora na cidade. Ela nasceu e cresceu em uma comunidade rural de descendentes de escravos, ou seja, um quilombo.

Sim, esse tipo de aldeia ainda existe. A de Carol, por exemplo, fica em Iporanga, no interior de São Paulo. E, ali, a vida é muito simples. Para você ter uma ideia, a menina começou a morar em uma casa de alvenaria há pouquíssimo tempo e divide o quarto com dois irmãos, um de 14 e outro de 4 anos. Apesar de não se incomodar com a falta de privacidade, morre de ciúme do seu computador - herança de um programa de governo e que resgatou pouco antes de ele ser descartado. “Não ligo que seja um modelo ultrapassado e não tenha internet. Sou a única que tem esse aparelho na comunidade, então cuido com carinho” (...)

Apesar da vida simples, Caroline não gosta de ser tratada como “especial”. “Eu não sou diferente das meninas da cidade. Eu gosto de dançar, de cantar, de ver novela, de ficar com as minhas amigas. A única diferença é que preciso lutar mais para conseguir as coisas que na capital são bem mais acessíveis. Eu nunca fui a um shopping ou ao cinema, por exemplo. (...) Ser quilombola é só um detalhe. O que importa é que eu tenho um milhão de sonhos, como todo mundo.” (CASTRO, 2012, p. 75).

Esse enunciado é construído a partir da oposição entre o que é normal para a leitora tradicional e o que é anormal para este mesmo grupo, sendo a noção de normalidade, então, totalmente ditada por uma perspectiva elitista e racista. Assim, a oposição se faz evidente logo no subtítulo da matéria, em que ter perfil no *Facebook* e jantar em restaurantes são atividades “normais” para uma menina de 14 anos leitora da *Capricho*, e poder tomar banho de rio quando volta da escola não é atividade comum a esse público, que é, idealmente, da cidade grande. Essa ideia é marcada pela conjunção adversativa “*mas*” e se torna mais evidente ao longo do texto, como em “(...) qualquer garota que estuda na sua classe pode fazer isso também, certo?”, ao fazer referência à rotina da adolescente pela manhã, e na oração subsequente, que diz “Só que tem um detalhe: Carol não mora na cidade”.

Esse mesmo trecho nos revela o interlocutor do destinatário, que é explicitado pelo uso do pronome “*sua*”, em “(...) sua classe pode fazer isso (...)”, e em “(...) Para você ter uma ideia (...)”, com o uso do pronome *você*. O enunciadador estabelece diálogo com seu leitor, característica recorrente da *Capricho* nos enunciados analisados, ao dizer “Sim, esse tipo de

aldeia ainda existe”, como uma resposta antecipada a “mas os quilombos ainda existem?”, um possível questionamento que poderia surgir para a leitora. As diferenças entre as realidades são constantemente ressaltadas no texto, por exemplo, em “apesar de não se incomodar com a falta de privacidade (...)”, “(...) mas a vantagem termina por aí (...)”, “apesar da vida simples (...)”, “(...) mas nem por isso a garota se sente diferente (...)”, “(...) diz a garota, que nunca jantou fora (...)”; e se opõem ao que é cotidiano para quem a revista se volta e podem causar certo estranhamento. Assim, a *Capricho* reforça veementemente quem pertence ou não ao seu público por meio da ideia de oposição, que ocorre por meio das marcas linguísticas do texto. Com isso, são pertencentes ao universo criado pela revista impressa adolescentes em idade escolar, moradoras de cidades grandes, pertencentes a classes privilegiadas e com acesso aos meios culturais e tecnológicos - esse é, portanto, o *status quo* dos números impressos analisados. As meninas cujas vivências diferenciam-se dessa são consideradas *o outro*, o “de fora”, porque não pertencem ao imaginário compartilhado pelos interlocutores presumidos. Nesse caso, a presença da menina negra apenas reforça o seu não lugar, pois o que se fala *sobre* ela reforça os estereótipos de marginalização e de pobreza atribuídos à negritude.

Um outro exemplo semelhante ocorre na edição 1165, de dezembro de 2012, intitulada “*Morar no morro não me impediu de sonhar*”, que relata a história de Izabela, garota moradora da Rocinha, no Rio de Janeiro:

Figura 40: Reprodução da matéria “Morar no morro não me impediu de sonhar”

na real

Texto Giselle Hirata

Morar no morro não me impediu de sonhar

A pacificação das favelas do Rio de Janeiro mudou a vida de Izabela

Como qualquer garota, Izabela Martins morria de vontade ter uma festa de 15 anos. “Não queria nada muito luxuoso. Só um vestido lindo e todos os meus amigos na pista”, conta. Mas seu desejo parecia impossível. A família e ela moram no Morro da Providência (RJ), uma das favelas pacificadas pela polícia carioca. Dá para imaginar que a vida da Iza não era muito fácil. “Antes da pacificação, tinha tiroteio quase todos os dias. Já rolou de sair da escola com meu irmãozinho e ter que nos escondermos atrás das paredes para se proteger”, lembra.

A família até planejava uma comemoração para seu aniversário, mas uma fatalidade atrapalhou os planos. “Quando eu tinha 14 anos, meu pai foi baleado”, lembra. Falar do assunto é bem delicado. A garota não sabe bem como tudo aconteceu. Alguns dias depois de visitar o pai no hospital, recebeu a notícia de que ele não tinha resistido aos ferimentos. “Eu sinto muito a falta dele.”

A vida da Iza começou a mudar quando ela conheceu os programas de integração criados pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no morro. Para promover a integração entre os moradores e aumentar a sensação de segurança nas favelas (e em toda a cidade), a polícia se mudou para lá e lançou cursos e até um baile de debutantes. “Para se inscrever, a menina precisa morar na Providência e enviar uma redação contando por que



Iza em seu momento princesa ao lado de Thiago Fragoso.

Foto Gabi Amorim

“Na hora da valsa, lembrei muito do meu pai, que morreu baleado.”

merece uma festa de 15 anos”, diz Iza. E adivinha? Ela foi uma das 17 meninas que ganharam uma megafesta no dia primeiro de dezembro de 2012.

Foram quase dois meses de preparação, entre ensaios, provas de looks e reuniões de grupo. O vestido foi uma surpresa: as debutantes estavam de olhos vendados quando as costureiras fizeram os ajustes! “Eu só sabia que ele ia ser rosa”, contou a Iza.

No dia do baile, ela estava feliz e ansiosa. “Nunca tinha

ido ao salão de beleza e me senti uma princesa.” Ao entrar no bufê todo decorado, foi impossível não chorar. “Eu nunca tinha visto minha mãe de vestido. Também lembrei muito do meu pai!”, diz.

A noite foi como um conto de fadas, com direito a príncipes famosos, como o cantor Di Ferrero e o ator Thiago Fragoso. “Eu juro: nunca tinha imaginado ter uma festa assim um dia na vida. Foi a prova de que, por mais impossível que pareça, qualquer sonho pode virar realidade.”

Quer contar a sua história na CAPRICHÔ? Envie para abr.io/narealch

Fonte: Edição impressa 1165 da *Capricho*.

No enunciado acima, repete-se a oposição entre a normalidade e a anormalidade, e, por conseguinte, o que pertence ou não à revista. Destacamos, a seguir, um excerto:

Como qualquer garota, Izabela Martins morria de vontade de ter uma festa de 15 anos. “Não queria nada muito luxuoso. Só um vestido lindo e todos os meus amigos na pista”, conta. Mas seu desejo parecia impossível. A família e ela moram no Morro da Providência (RJ), uma das favelas pacificadas pela polícia carioca. Dá para imaginar que a vida da Iza não era muito fácil. (...) A vida da Iza começou a mudar quando ela conheceu os programas de integração criados pela Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) no morro. Para promover a integração entre os moradores e aumentar a sensação de segurança nas favelas (e em toda cidade), a polícia se mudou para lá e lançou cursos e até um baile de debutante. (...) No dia do baile, ela estava feliz ansiosa. “Nunca tinha ido ao salão de beleza e me senti uma princesa.” Ao entrar no bufê todo decorado, foi impossível não chorar. “Eu nunca tinha visto minha mãe de vestido. Também lembrei muito do meu pai”, diz. A noite foi como um conto de fadas, com direito a príncipes famosos, como o cantor Di Ferrero e o ator Thiago Fragosos. “Eu juro: nunca tinha imaginado ter uma festa assim um dia na vida. Foi a prova de que, por mais impossível que pareça, qualquer sonho pode virar realidade.” (HIRATA, 2012, p. 70).

Mais uma vez, temos o discurso sobre o *outro* na revista, pois a história da jovem, embora seja comum a milhares de outras no Brasil, não é comum à leitora da *Capricho*, visto que esta é parte de uma classe socioeconômica que não é afetada pelas questões sociais vividas por tantas Izabelas e Carolinas; então, a pobreza, a desigualdade social e o racismo, neste momento do *corpus*, não fazem parte do horizonte social do enunciatário. Por isso, não há um olhar crítico sobre as implicações das pacificações nas comunidades do Rio de Janeiro, por exemplo, somente a reprodução da narrativa de um *bem* - figurado pela presença dos policiais nas favelas - contra um mal, semelhante ao que ocorre em “*Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas*”, analisado anteriormente. Desse modo, são retratadas questões que provavelmente não se relacionam à vivência da leitora *Capricho*, tais como o assassinato do pai, a falta de condições financeiras para fazer a típica festa de 15 anos e para ir ao salão de cabeleireiro e a terrível experiência de ter presenciado tiroteio. Mesmo que realidade relatada, de modo geral, não seja fácil, no enunciado ela foi amenizada e resumida à possibilidade de sonhar, justamente porque, em seu projeto de dizer, a *Capricho* constrói uma determinada imagem de seu destinatário. Isso ocorre, pois todo enunciado, por ser parte de uma cadeia composta por outros enunciados e por existir somente nas relações dialógicas, depende da situação e de seu auditório, ou seja, do contexto de produção em que se insere e para quem se direciona; são esses elementos que determinam a construção do enunciado enquanto todo de sentido; assim, a *Capricho*, enquanto o “eu” que enuncia, deve considerar o horizonte social de seu interlocutor, o seu “tu”, ao preconcebê-lo.

No *site*, então, é onde há a inserção da jovem negra, não como um *outro*, mas como alguém que aparenta fazer parte do público da revista, o qual, consequentemente, é ampliado, como vemos na forma como os assuntos politizados se fazem presentes. Por exemplo, temos a matéria “*Blog da galera: como é ser uma modelo negra na indústria da moda*”, publicada no *site* da *Capricho* em 19 de agosto de 2019, em que a articulista Tayane Nicaccio entrevista modelos sobre a falta de representatividade na moda, como nos mostra o excerto a seguir:

Oi, meninas? Tudo bem com vocês?

Aqui é a **Tayane**. Hoje vim tratar de um assunto muito importante: **modelos negros na indústria da moda**. Apesar de estarmos no século XXI, algumas pessoas insistem em pensar de uma mesma forma. **Ou seja, preferem viver dentro de uma bolha**. Muita gente acredita que não existe racismo (ou que não é racista só porque tem amigos negros), privilégio branco, sexualização do corpo negro e vários outros fatores.

Na moda, é muito importante que o consumidor se veja naquela marca. *Como assim?* O que eu quero dizer é que **toda marca deve diversificar seus modelos para que todas as pessoas possam se identificar nos catálogos das empresas**. Por isso, conversei com 5 modelos que me contaram o que pensam e acreditam em relação ao negro na sociedade e no mundo da moda (...)

Espero que, de alguma forma, essa matéria tenha despertado em você a discussão de alguns pontos importantes sobre diversidade no mundo da moda e racismo que estão inseridos, de maneira evidente, no nosso dia a dia. As coisas podem estar mudando, mas as pessoas ainda são racistas. **Está nas nossas mãos construir um futuro diferente, onde caibam todos nós**. Para pessoas e marcas ultrapassadas: nós estamos de olho!
(CAPRICHIO, 2019).

Das modelos entrevistadas, separamos a seguinte fala, da modelo Elen Santiago.

1. Elen Santiago, modelo e aspirante a atriz, 7 anos de carreira

“É incontestável que os negros representam 54% da população deste país e isso tem um poder de consumo impactante. A prova disso é que uma pesquisa realizada pelo Instituto Locomotiva revelou que a população negra movimenta, em renda própria, cerca 1,7 trilhão de reais por ano. Apesar de todo esse dinheiro aquecer o mercado, a maioria desses consumidores não se vê representada. Se voltarmos um pouco no tempo e olharmos para o momento atual, eu diria que percebo uma mudança. Vemos mais negros tomando espaços, porém, considero essa mudança pequena, com passos de tartaruga, principalmente na indústria da moda, porque a representação branca é maioria. Fomos um país escravocrata, a abolição da escravidão só tem 131 anos e essas feridas ainda estão vivas em nossa sociedade, conservando o racismo estrutural e esses resquícios também se permeiam na indústria da moda. Por isso, existe essa dificuldade tão grande de manter uma moda igualitária.

A representação ainda é baixa e poucos negros estão em lugares de destaque. Eu acho que se criou uma ilusão de que agora tem muito negro e que tudo está a mil maravilhas! Reconheço que passamos a ter um poder muito maior

de fala com os avanços das redes sociais e isso foi positivo, porque gerou uma pressão nessa indústria e em toda a sociedade. Passamos a ocupar lugares que antes nos eram negados. Mas, lembrando novamente que nós somos a maioria da população, será que essa conta fecha? Eu, como modelo, vejo isso a todo momento: produtores, fotógrafos, clientes majoritariamente brancos. E não é porque não existem profissionais negros na moda. A questão é: por que a moda, na maioria das vezes, não cede espaço para nós nesses lugares de destaque? Por que também, na maioria das vezes, é muito conveniente usar nossa cultura, nossa maneira de vestir, nossos costumes e não colocar nossa gente para representá-los? Outro questionamento que me vem à cabeça: essa mudança é genuína ou o negro está na moda? Iremos ver mais negros em campanhas publicitárias, nas passarelas e em outras esferas, quando também esses lugares, de fato, forem liderados por nossos profissionais.

A discriminação. para mim veio mesmo quando eu decidi assumir minha identidade de mulher negra com os cabelos crespos. Os clientes estavam acostumados com uma negra de “traços finos” e cabelos “lisos”. O cabelo crespo era um empecilho para muitos trabalhos. Me lembro que alguns clientes pediam para eu alisar o cabelo. Em alguns trabalhos, eu suava peruca. Foi um período difícil até eu conseguir me reposicionar no mercado com o meu novo perfil (...) Durante muito tempo eu tive um perfil aceitável. Vivía em uma linha tênue do que é ser negra. Ouvi por muito tempo de alguns clientes que eu era uma negra linda, que tinha “traços finos” e a cor da pele maravilhosa. o fato é: quanto mais clara for a cor da pele do negro e mais próximos seus traços se assemelham aos de um branco, menos preconceito ele vai sofrer (...).

Eu sempre ouço: agora tem negros em capa de revista, em passarelas, em campanhas! Sim, realmente tem e não podemos negar (...) Qual a porcentagem de negros retintos com aspectos fenotípicos como cabelos crespos, nariz largo ou arredondados e outros aspectos físicos fazem realmente parte disso? Por isso, acho que vários aspectos devem ser considerados para realmente falar em uma genuína mudança.” (CAPRICHIO, 2019).

O projeto de dizer da publicação é discutir a necessidade da diversidade no mundo da moda, especialmente no que se diz respeito à questão racial. Para isso, são entrevistadas modelos para relatar suas experiências como modelos negras em um universo que, muitas vezes, não é abrangente. A entrevistadora - também uma mulher negra - parte de quatro perguntas (Você acha que o negro consome? Por que ainda existe essa dificuldade das marcas em colocarem modelos negros na passarela? Como a indústria da moda encara os modelos negros? Você já se sentiu discriminado ou já foi cortado de um trabalho por ser negro?) para serem respondidas pelas modelos. Apesar disso, a matéria não se dirige exclusivamente a leitoras negras, por se tratar de um tema relacionado a esse grupo, mas, de modo geral, se direciona ao grande público leitor, o que vemos no uso do pronome *você*, tanto em “Oi, meninas! Tudo bem com vocês?” e “Espero que (...) essa matéria tenha despertado em você a discussão sobre alguns pontos importantes (...)”; além disso, instaura-se uma voz coletiva, por

meio do pronome *nós*, que une o enunciador ao enunciatário, em “Para pessoas e marcas ultrapassadas: *nós* estamos de olho!”. Essa interação com o leitor não é uma exclusividade desta publicação, visto que isso é uma característica comum à *Capricho*, tanto no *site* quanto nas revistas impressas; tal fato permite a aproximação do leitor ao veículo jornalístico e ao que será discutido, visto que as temáticas discutidas são abordadas de uma forma didática e, neste momento do *corpus*, politizada.

Considerando que os enunciados respondem, de alguma forma, uns aos outros, no enunciado em questão, há reflexos de discursos racistas, os quais são responsáveis por excluir e marginalizar a negritude. Porém, aqui, os discursos racistas não são reafirmados, mas refutados e questionados. Essas relações dialógicas conflituosas se instauram por meio da perspectiva da modelo negra entrevistada, Elen Santiago, que se torna a enunciativa ao relatar as experiências racistas vividas ao longo de sua vida profissional. Então, a partir do que ela diz, podemos recuperar os enunciados que fazem parte desse embate ideológico. Desse modo, quando ela relata sobre ter um público consumidor negro, no Brasil, mas não se ter um mercado voltado para ele e que não o represente, vemos, na oposição, a errônea ideia de negação de garantias e direitos básicos ao negro, algo que é fruto de um passado escravocrata. Quando ela relata que há uma preferência por negras de “traços finos” e de cabelos lisos, recuperamos os discursos sobre a beleza que ditam o que é adequado ou não ao padrão de beleza branco e eurocêntrico e, ao que é inadequado, impõem a mudança para que seja aceitável. Discurso semelhante já vimos na própria *Capricho*, como nas matérias “*Seu cabelo vai fazer você brilhar*” e “*Recupere seu cabelo*”, previamente analisadas. Com isso, é possível afirmar que essas relações dialógicas conflituosas se dão *entre* os enunciados veiculados em diferentes momentos pela *Capricho*.

Um aspecto importante na matéria é quem assume a voz que se dirige à mulher negra e quem fala sobre as vivências dela em uma sociedade racista. Neste caso, a *Capricho* dá voz para mulheres negras falarem sobre o racismo, o que confere autoridade à discussão realizada, já que não é o *outro* - o “de fora” - que diz algo sobre o racismo, mas é quem já o experienciou. Ao promover a diversidade de vozes tanto neste quanto nos demais enunciados do *site* analisados anteriormente (ou seja, ao dar voz a jovens negras e a articulistas negras), a revista permite que essa perspectiva sobre as pautas raciais seja trazida ao público leitor. Consequentemente, dar voz à jovem negra para falar de si ajuda a romper com estigmas e estereótipos disseminados pelos discursos racistas e permite que ela exista em espaços nos quais não era bem-vinda e incluída, nas diversas esferas sociais, como pontua Djamilia Ribeiro na discussão a respeito do lugar de fala:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços (...) não poder acessar certos espaços acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. (RIBEIRO, 2017, p. 40).

Além disso, ao dar voz à jovem negra, a *Capricho* legitima uma realidade que não é única, mas plural, em que os indivíduos que a ela pertencem têm vivências distintas porque vêm de lugares sociais distintos e são, por conseguinte, afetados por ela de formas diferentes. Segundo Ribeiro (2017), embora esses lugares não nos garantam a consciência sobre a nossa existência, eles permitem, contudo, que tenhamos diferentes experiências e percepções da realidade, o que desmistifica a existência de uma única voz autorizada a falar - geralmente a da classe dominante - *sobre* a negritude e *para* a negritude (RIBEIRO, 2017).

Com isso, podemos afirmar que há uma possível alteração na imagem que a *Capricho* tem de seu leitor, visto que, neste momento do recorte, não mais o aliena, amenizando a realidade, mas lhe proporciona um contato com diferentes realidades sociais, fato que aponta para uma expansão do que é considerado o interlocutor da *Capricho*. Ao se discutir temáticas sociais e políticas, não temos mais a figura da *menina leitora*, mas da *jovem leitora* (e até mesmo do *jovem leitor*); ademais, não é previsto apenas um público pertencente a classes socioeconômicas privilegiadas, as quais não são tão afetadas pelas questões sociais, ao contrário, há a presença de um *tu*, ou seja, a quem o enunciado se dirige, que vem de outros lugares e classes sociais, os quais não aparentam mais ser tratados como *o outro*, mas são previstos pela *Capricho* como parte do público. Vimos isso, por exemplo, nas matérias que trazem as questões raciais como pauta, nas quais há um coletivo, um *nós*, que aponta para a existência de leitores do *site* que sofrem com o racismo.

Quando consideramos os dois meios analisados, como efeito, ao contrário do que acontecia nas revistas impressas, temos uma aparente diversificação dos leitores do endereço eletrônico. Há, portanto, um movimento ambivalente na inclusão da jovem negra na *Capricho*, pois, a depender do momento e do meio em que foi publicada, ora ela é excluída e silenciada, como nos números impressos analisados, ora ela é incluída, mas não totalmente aceita, já que tem sua presença justificada (como em “*Maquiagem para quem tem a pele morena ou negra*”, de 2015) e, por fim, é totalmente incluída.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, analisamos a representação da jovem negra na revista e no *site* da *Capricho*. Para isso, partimos das noções discursivas de Bakhtin e do Círculo e de estudiosos da área, segundo os quais as relações dialógicas são a base da teoria do grupo. É por meio desse intercâmbio de enunciações que se dá a forma mais natural de linguagem, já que a interação verbal é fruto da interação social; por isso, todo enunciado construído dirige-se a um determinado alguém, o qual pode ser imediato ou não, que está inserido em determinado contexto. Nessa perspectiva, a compreensão é sempre um ato dialógico, em que o falante tem um papel tão ativo quanto o do enunciador, o que garante que as relações dialógicas sejam constantes, pois o processo de compreensão e resposta são contínuos. Outro aspecto importante é que todos os enunciados são dialógicos, pois possuem ligações com os enunciados que já existiram e que ainda existirão. Assim, o enunciado concreto, enquanto um todo de sentido caracterizado por Bakhtin como um elo na cadeia discursiva, é sempre atravessado por ecos de outros enunciados, pois é sempre perpassado por outras atitudes enunciativas responsivas; por causa disso, é impossível afirmar, portanto, a existência de uma pureza discursiva. O enunciado concreto também deve ser analisado em sua totalidade, pois é composto igualmente pelo verbal e pelo não verbal, pois, juntos, eles constroem o sentido do enunciado.

Outra noção relevante para este trabalho foi a do signo ideológico, que também é fruto da interação social e é responsável por refleti-la e refratá-la. O signo só adquire valor na interação, ao se tornar a representação de algo e assumir uma coloração ideológica. Desse modo, qualquer corpo pode ter um caráter sóico, basta apenas receber uma significação. Entretanto, é a palavra o signo ideológico por natureza, pois ela está em todas as esferas e campos sociais, podendo assumir qualquer valoração ideológica; ao passo que os outros signos pertencem a esferas específicas. Nos enunciados analisados das plataformas da *Capricho* sobre a temática da beleza, vimos, por exemplo, a ressignificação dos signos ideológicos *pele negra* e *cabelo crespo*, os quais, em um primeiro momento, tinham uma valoração ideológica negativa, pois eram vistos como inadequados; porém, em um segundo momento, esses signos são ressignificados e adquirem uma nova valoração ideológica, visto que passam a ser passíveis de beleza.

Essa movimentação é reflexo de como o racismo estrutural interfere na construção da identidade negra e na representação desse grupo e de suas características na mídia. Assim, os significados embutidos em *pele negra* e *cabelo crespo*, a princípio, refletem a realidade, ao

reafirmar os discursos racistas que marginalizam e inferiorizam os fenótipos negros, como o cabelo e a cor da pele. Isso é ainda mais fomentado pelo fato de que a indústria da moda e da beleza desconsideram esse grande público como parte de seus consumidores, o que impede que as demandas específicas desse grupo sejam atendidas. Entretanto, ao serem ressignificados, no *site*, esses signos mudam de valoração e atualizam a identidade, tornando-a menos racista. Mesmo que atrasadas, lentamente, essas alterações apontam para a necessidade de uma melhor representação da negritude na mídia e para a importância dos discursos antirracistas.

Neste trabalho, entendemos o racismo como algo que é parte da estrutura da sociedade, tornando-a, consecutivamente, racista, pois reproduz aquilo que está em seu cerne. Essas marcas estruturais são consequências dos anos de escravidão, as quais atravessam esferas da atividade humana; então, a marginalização do negro vai além da desigualdade social e ocorre também nas dimensões políticas, científicas e midiáticas – âmbito relevante para este trabalho -, como forma de preservar o poder e o controle dos grupos dominantes. Esse é um dos motivos pelos quais a imagem do negro é constantemente representada de forma estereotipada e marginalizada, o que culmina, por exemplo, na falta de figuras negras centrais na mídia brasileira, o que é percebido, entre outros meios, nos números impressos da *Capricho*, já que as aparições de jovens negras são mínimas e, nas raras vezes em que elas aparecem, são geralmente aquelas que possuem uma estética que se assemelha mais ao padrão de beleza aceito socialmente – branco e eurocêntrico -, ou seja, neste momento do recorte, as mulheres negras que aparecem na revista são aquelas de pele mais clara e cabelos lisos ou ondulados (considerados “controlados”), culminando no apagamento e silenciamento da pele negra e do cabelo crespo. Aquilo que não se encaixa no ideal de beleza criado pela revista é excluído e tratado como algo que é imperativo de mudança para se encaixar. No entanto, ao fazer isso, a revista não considera as pluralidades que compõem o público *real* da *Capricho*, contemplando os recortes de classe e de raça, e evidencia o descompasso entre o grande público leitor e o interlocutor idealizado pela revista.

Esses traços racistas e elitistas, que padronizam o que é a beleza, indiciam quem é o interlocutor dos números impressos da revista: adolescentes, brancas, pertencentes às classes economicamente privilegiadas e que não são afetadas pela desigualdade social e, logo, não têm contato com uma realidade brasileira. Quando se discute questões sociais, elas são representadas de forma romantizadas e não críticas, privando a menina de um contato com um mundo material, que é palco dos embates socioculturais; isso é visto, por exemplo, na matéria “*Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas*”, a respeito das

manifestações sobre o preço da passagem de ônibus na cidade de São Paulo, em 2013, na qual vemos uma discussão baseada na dualidade bem *versus* mal.

É a esses leitores que a revista constrói o seu projeto de dizer e é a eles que enuncia, fato que justifica a exclusão de tudo que não pertence ao horizonte social deste interlocutor ideal. Por causa desse não lugar, as poucas vezes em que são discutidas questões de outras realidades sociais, os sujeitos dessas histórias são retratados como *o outro*, “o de fora”, o que vemos nas matérias “*A incrível história da garota que vive em uma comunidade quilombola*” e “*Morar no morro não me impediu de sonhar*”. Ao ressaltar essa diferença, a revista explicitamente distancia seu interlocutor ideal do grande público, separando o que faz parte da *Capricho* e o que não faz. Podemos afirmar, então, que, nas revistas impressas, há a reprodução de discursos racistas, que contribuem para a construção estereotipada e marginalizada da identidade da jovem negra, contribuindo para sua não representação.

Quando consideramos o site, porém, há um processo de inclusão e de representação da negritude e da jovem negra, que ocorre de modo ambivalente. A princípio, os discursos eurocêntricos sobre a beleza são mantidos, reafirmando o padrão de beleza aceito socialmente e quem é o público previsto, ao mesmo tempo que tentam incluir o que vem de fora – a jovem negra, como vemos em “*Maquiagem para quem tem pele morena e negra*”, em que há justificativa, ao longo do texto, do motivo pelo qual essa publicação foi feita, sendo ele, de acordo com a revista, os pedidos por parte do público. Entretanto, no final da matéria, há uma nota explicando mais uma vez a publicação e que, apesar de se dirigir a jovens de pele morena ou negra, as leitoras brancas podem utilizar as dicas dadas, basta apenas adaptá-las; o que mostra uma tentativa de reforçar quem é, de fato, o interlocutor priorizado pela *Capricho*. Novamente, ao se assinalar a diferença, os esforços por incluir a jovem negra são em vão, pois servem apenas para evidenciar a discrepância existente entre o grande o público leitor e a interlocutora ideal.

Já nas outras publicações sobre maquiagem e cabelo, aparenta haver uma inclusão total da jovem negra no imaginário construído pela *Capricho*, pois, neste momento, a jovem negra e suas características não são mais tratadas como se fossem o *de fora*. Vemos isso na inclusão de dicas de maquiagens para pele negra e dicas de cuidados e penteados para cabelo crespo – mostrando a ressignificação dos signos *cabelo crespo* e *pele negra*, apontados anteriormente, aos quais são associados valores positivos de beleza, sofisticação e estilo. As relações dialógicas se dão entre os enunciados da *Capricho* em seus diferentes momentos: enquanto nas revistas impressas havia o resquício de discursos racistas, aqui há ecos dos discursos antirracistas, que buscam romper com o racismo e com a marginalização do negro e

da negritude. Logo, há um embate ideológico da *Capricho* consigo mesma. Seria ingênuo acreditar que essas alterações na representação são motivadas apenas por princípios morais e éticos de se desconstruir uma mentalidade racista, quando se há as exigências de um mercado crescente que é composto por mais da metade da população brasileira. Ignorá-las é, além de uma perda financeira, ir na contramão das reivindicações de determinados grupos, como, neste caso, os movimentos negros, por exemplo, e das políticas públicas criadas nos últimos anos. Soma-se a isso, o fato de que as redes sociais, atualmente, tornaram-se os locais em que as lutas ocorrem e possibilitam, devido ao seu alcance, as manifestações por meio de campanhas e boicotes.

Ademais, isso e a abordagem de temáticas sociais por um viés politizado indicam que houve uma ampliação do público da *Capricho* no *site*. Esses indícios apontam para a diversificação dos leitores, que teriam diferentes bagagens socioculturais e condições econômicas. Apesar dessa ampliação da ideia do interlocutor, a *Capricho* ainda mantém traços de sua identidade, tais como as temáticas de moda, beleza, entretenimento – que são atravessados pela politização, no *site* -, e a feminilidade, transmitida pela cor rosa (presente tanto na versão impressa quanto na digital). Todavia, em determinadas ocorrências, ainda há uma tentativa de separar o que é a voz da *Capricho* e o que é a voz do outro – a jovem negra, - gerando um distanciamento entre a empresa jornalística e o seu leitor. Tal fato aponta, mais uma vez, para um movimento de ambivalência no que diz à presença da jovem negra na *Capricho*.

É inegável que essa aparente mudança no que diz respeito à inclusão (ou não) da jovem negra na *Capricho* exerce forte influência no modo como ela aborda temáticas relacionados a esse público. Um detalhe interessante é que isso se reflete até mesmo no modo como aspectos oriundos da cultura negra, como o estilo musical *rap*, são discutidos na revista e no *site*. Entretanto, essa questão cultural, por permitir uma rica discussão e análise, ficará como objeto de estudo de um próximo trabalho.

Segundo bell hooks, a construção de uma identidade descolonizada é fundamental para que o negro tenha a capacidade de construir uma imagem diferente de si, que seja libertadora dos padrões hegemônicos, perpetuados por uma supremacia branca. Para a autora, a representação é o lugar da luta, da resistência e da ressignificação, entretanto, a fim de que essa reconstrução de identidade seja legítima, é mais do que imprescindível que os paradigmas sociais também se alterem. Por isso, a subversão das imagens construídas da negritude somente será válida se for atrelada a medidas antirracistas. Posição semelhante vemos na obra de Sílvia Almeida, segundo o qual a solução para se combater o racismo

seriam práticas antirracistas, pois, ao tratá-lo como uma questão superficial e ao não se oferecer soluções ativas, haveria apenas a reprodução do racismo. Para ele, então, a representatividade é necessária, entretanto ela é uma parte da solução do problema, visto que de nada adiantaria ter a presença de negros em posição de poder ou em publicidades, por exemplo, se ela fosse atravessada pelo racismo estrutural da mesma forma. Então, apesar dessas alterações ocorridas nas plataformas da *Capricho*, ao longo dos anos, a respeito da representação da jovem negra e da diversificação em seu público, embora tenham sido “positivas”, de nada adiantarão se não houver uma prática social antirracista. Desse modo, a representatividade será só uma performance mercadológica sem a real identificação da *Capricho* – e dos demais veículos midiáticos, de modo geral – com os discursos a respeito da desigualdade racial.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 20-57. (Feminismos plurais). Coordenação Djamila Ribeiro.

ARAÚJO, Joel Zito. A força de um desejo - a persistência da branquitude como padrão estético audiovisual. **Revista Usp**, São Paulo, n. 69, p. 72-79, março/maio 2006.

ARAÚJO, Joel Zito. A estética do racismo. In: RAMOS, Silvia (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. p. 66 – 71

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011. 471 p.

BANAJI, Shakuntala. Racismo e orientalismo: o papel da mídia. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 37 – 49

BBC News. **Cartunista publica charge contra Serena Williams e é acusado de racismo**. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/salasocial-45482534>. Acesso em: 15 jul. 2023.

BERNADINO, Janaina. **Nós, jovens negros precisamos usar nossa**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/sociedade/nos-jovens-negros-precisamos-usar-a-nossa-voz-na-politica>. Acesso em: 10 maio 2023.

BIAJOTI, Maria Teresa Silva. A presença do leitor na revista capricho: uma análise dialógica. 2016. 114 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2016.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.

BRAIT, B. **Bakhtin: OUTROS conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.

BRAIT, B. A Palavra mandioca do verbal ao visual. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 1, p.142-160, 1º sem. 2009

BRAIT, B.. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 2, n. 8, p.43-66, Jul/Dez de 2013

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 10.638, de 9 de janeiro de 2003. Brasília, 2003.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Brasília, 2008.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Estatuto da Igualdade Racial. Brasília, 2010.

BRASIL. Daniel Cerqueira. Ministério da Economia. **Atlas da violência**. São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes/212/atlas-da-violencia-2021>. Acesso em: 13 mar. 2023.

BUITONI, Dulcília Schroeder. A mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus Editorial, 2009.

CASTRO, Ana Carolina. A incrível história....: da garota que vive em uma comunidade quilombola. **Capricho**, São Paulo, n. 1145, p. 75, mar. 2012

CAPITULINO, Gisely. Estatuto da Igualdade Racial: O que diz e qual é sua importância? 2021. Disponível em: <https://www.politize.com.br/estatuto-da-igualdade-racial/>. Acesso em: 25 set. 2022.

CAPRICHIO. **70% das mulheres negras estão insatisfeitas com maquiagem à venda no setor**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/70-das-mulheres-negras-estao-insatisfeitas-com-maquiagem-a-venda-no-setor/>. Acesso em: 21 abr. 2023.

CAPRICHIO. **Blog da Galera: como é ser uma modelo negra na indústria da moda?** 2019. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/blog-da-galera-como-e-ser-uma-modelo-negra-na-industria-da-moda>. Acesso em: 10 maio 2023.

CAPRICHIO. **Maquiagem para quem tem pele morena e negra**. 2015. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/maquiagem-para-quem-tem-pele-morena-e-negra/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

CAPRICHIO. **Racismo: “Era chamada de cabelo duro, cabelo de bombril”**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/racismo-era-chamada-de-cabelo-duro-cabelo-de-bombril-diz-erika-januza/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1165, dez. 2012.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1182, out. 2012.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1171, mar. 2013.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1178, jun. 2013.

CAPRICHIO. São Paulo: Abril, n. 1179, jul. 2013.

CAPRICHO. São Paulo: Abril n. 1181, ago. 2013.

CAPRICHO. São Paulo: Abril, n. 1182, ago. 2013.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. **Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 544-552, jan. 1995.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** 2001. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/enegrecer-o-feminismo-situacao-da-mulher-negra-na-america-latina-partir-de-uma-perspectiva-de-genero/> . Acesso em: 14 mar. 2023.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.

CEREJA, William. Significação e tema. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: conceitos-chave.** 5. ed. São Paulo: Editora Conceito, 2005. p. 201-219.

CHASSOT, Sophia Seibel. O projeto gráfico de revistas: uma análise de dez anos da revista Capricho. 2006. 79 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

CONCEIÇÃO, Eliane Barbosa da. Superando as desigualdades raciais: uma análise das principais políticas públicas. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 15, nº 56, p. 85 – 108, 2010.

COSTA, L. M.; SOUSA, R. L. N. O outro do outro: Serena Williams e a construção da imagem da mulher negra na mídia. *Aturá: Revista Pan-Amazônica de Comunicação*, Palmas, v. 3, n. 1, p. 87-102, jan./abr. 2019.

COUTINHO, Jessica. **"Afropty": conheça o movimento que vai além do estilo entre as mulheres negras.** 2022. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/hz/moda-e-beleza/afropty-conheca-o-movimento-que-vai-alem-do-estilo-entre-as-mulheres-negras-1122>. Acesso em: 27 abr. 2023.

FERNANDES, Pablo Moreno. “É a representação da miscigenação, parem de problematizar”: o racismo na circulação midiática da campanha de natal Chester Perdigão. In: CORRÊA, Laura Guimarães (org.). **Vozes negras em comunicação: mídia, racismos, resistências.** Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 133- 149.

FERREIRA, Olivaldo da Silva Marques. Subjetividades em construção: análise bakhtiniana da seção “terapia de grupo” (revista “capricho”). Revista Sell. Uberaba, v. 5, n. 3, p. 1-20, jun. 2015

FERREIRA, Olivaldo da Silva Marques. Sujeitos de papel: um estudo bakhtiniano acerca da construção da subjetividade promovida pela revista Capricho. 2015. 140 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação *strictu senso* em Linguística, Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

G1. **O que se sabe sobre a morte a tiros de João Pedro no Salgueiro, RJ.** 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/20/o-que-se-sabe-sobre-a-morte-a-tiros-de-joao-pedro-no-salgueiro-rj.ghhtml>. Acesso em: 12 fev. 2023.

GERALDI, J. W. (org.). Heterocientificidade nos estudos linguísticos. In: GEGE (Grupo de Estudos dos Gêneros do Discurso) (Org.) . **Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana.** São Carlos: Pedro e João Editores, 2012.

GIMENEZ, Izabel. **Maquiagem pele negra: veja dicas de experts sobre o assunto.** 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/maquiagem-para-pele-negra-veja-as-dicas-de-experts-sobre-o-assunto>. Acesso em: 7 jun. 2020.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Ciências Sociais Hoje**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6608168/mod_resource/content/1/06%20-%20GONZALES%2C%20Lélia%20-%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf. Acesso em: 15 mar. 2023.

GRILLO, S. V. de C. Dimensão verbo-visual de enunciados de Scientific. **Bakhtiniana**, São Paulo, v. 1, n. 2, p.8-22, 2º sem. 2009.

GRILLO, S. V. de C. Fundamentos bakhtinianos para a análise de enunciados verbo-visuais. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 14, n. 2, p.235-246, 2012.

GUIMARÃES, Paula Pontes. Falta de Capricho: uma análise sobre o discurso da revista teen. 2017. 80 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação, Faculdade de Comunicação, Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18240/1/2017_PaulaPontesGuimaraes.pdf. Acesso em: 27 set. 2022.

GURGEL, Raquel Torres. A mulher de Capricho: uma análise do perfil das leitoras através dos tempos. *Estudos Semióticos*, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 94-106, jun. 2010. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/49263/53345>. Acesso em: 31 out. 2022.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação**. São Paulo: Elefante, 2019. 352 p.

HIRATA, Giselle. Como surgiu o movimento que parou o país nas últimas semanas. **Capricho**, São Paulo, n. 1178, p. 77, jun. 2013.

KNOWLES, Beyoncé. **Brown skin girl**. Nova Iorque: Parkwood, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=vRFS0MYTC1I>. Acesso em: 10 maio 2023.

LARA, Marina T. A. O gênero “meme” em posts de blog educacional: lendo enunciados verbo-visuais com Bakhtin e o Círculo. **Letras em revista**, [s.l.], v. 8, n. 01, fev. 2018. ISSN 2318-1788. Disponível em: <<https://ojs.uespi.br/index.php/ler/article/view/29>>. acesso em: 10 maio 2023.

MACHADO, Flávia Sílvia. A divulgação científica e o enunciado digital. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, [S.L.], v. 11, n. 2, p. 93-110, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2176-457323524>.

MAIA, C. P.; SILVA, R. J da. Sexo e as Negras: Empoderamento ou reforço dos estereótipos das mulheres negras na mídia. **Cadernos de Gênero e Diversidade**. [S.l.], v. 2, n. 1, 2016. DOI: 10.9971/cgd.v2i1.16736. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/cadgendiv/article/view/16763>. Acesso em: 10 maio 2023.

MARCHEZAN, R. C. Diálogo. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin: Outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 115-132.

MARTINELLI, Andréa. **O que você não pode esquecer na hora de votar no 2º turno: Pode levar o celular? Devo ir com adesivo de candidato? Para quais cargos vou votar?** 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/eleicao2022/o-que-voce-nao-pode-esquecer-na-hora-de-votar-no-2o-turno>. Acesso em: 10 maio 2023

MARTINS, Renata. **Mercado de maquiagens ainda negligencia consumidores de pele negra**. 2020. Disponível em: <https://www.brazilbeautynews.com/mercado-de-maquiagens-ainda->

negligencia,3821#:~:text=De%20acordo%20com%20Val%C3%A9ria%20Motta,tonalidades%20diferentes%20das%20peles%20brasileiras.. Acesso em: 24 jul. 2023.

MENDONÇA, M. C. O enunciado concreto como um todo de sentido: considerações sobre o conceito de enunciado na perspectiva do Círculo de Bakhtin. In: CRISTÓVÃO, A. *et al* (org.). **GEBGE em ação: olhares sobre textos e diálogos na perspectiva bakhtiniana**. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2022, p. 31 – 46. Disponível em: <https://ribeiraograficaeditora.com.br/ebooks/1659>. Acesso em: 16 nov. 2022

MENCONÇA, M. C.; LARA, M.T.A. Gêneros do discurso, ensino/aprendizagem e verbo-visualidade: o caso do meme em um curso pré-vestibular online. **PROLÍNGUA**, [S. l], v.12, n.2, 2018. DOI: 10.22478/ufpb.1983-9979.2017v12n2.38239. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/38239>. Acesso em: 10 maio. 2023.

MORAES, Camila De Freitas; MADEIRO, Roseane Torres de; ÁVILA, Carla Silva de; RIBEIRO, Cristine Jaques; NETO, Vitalino Dias. Meu cabelo não é duro: uma análise decolonial sobre o racismo enquanto produção de violência. In: GEVEHR, Daniel Luciano (org.). **Raça, etnia e gênero: questões do tempo presente**. 1. ed. rev. Guarujá: Científica Digital, 2022. cap. 15, p. 218- 229. ISBN 978-65-5360-059-1. Disponível em: <https://www.editoracientifica.com.br/books/livro-raca-etnia-e-genero-questoes-do-tempo-presente>. Acesso em: 24 abr. 2023.

NICCACIO, Taya. **Aprenda a reproduzir os penteados para cabelo crespo da Jacy Carvalho**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/beleza/aprenda-a-reproduzir-os-penteados-para-cabelo-crespo-da-jacy-carvalho/>. Acesso em: 22 jul. 2022.

NICCACIO, Taya. **Crespos e cacheadas: inspire-se em 30 ideias de penteados com twist**. 2021. Disponível em: <http://capricho.abril.com.br/beleza/crespas-e-cacheadas-ideias-de-penteados-com-twist/>. Acesso em: 26 abr. 2023.

NUNES, Bruna. **Mulher é vítima de racismo ao ouvir que seu cabelo "pode causar doença"**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/mulher-negra-sofre-racismo-no-metro-de-sp-por-cao-do-cabelo-crespo/>. Acesso em: 24 abr. 2023.

OLIVEIRA, Aryanne Pereira de Oliveira e; MATTOS, Amana Rocha. Identidades em transição: Narrativas de mulheres negras sobre cabelos, técnicas de embranquecimento e racismo. **Estud. pesquis. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 2, p. 445-463, ago. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812019000200007&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 10 maio 2023.

Organização das Nações Unidas. **Objetivos de Desenvolvimento Sustentável no Brasil**. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 09 maio 2023

OTTO, Isabela. **Branco, não anule a luta antirracista falando que todas as vidas importam**: nem neutralize o racismo dizendo que "é algo natural" ou que "a maioria dos crimes é cometido por pessoas negras", porque não é verdade. Nem neutralize o racismo dizendo que "é algo natural" ou que "a maioria dos crimes é cometido por pessoas negras", porque não é verdade. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/branco-nao-anule-a-luta-antirracista-falando-que-todas-as-vidas-importam/>. Acesso em: 12 jul. 2023.

OTTO, Isabella. **Conheça o Pipeline, primeira montanha-russa “em pé” de surf de Orlando**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/conheca-a-pipeline-primeira-montanha-russa-em-pe-de-surf-de-orlando/>. Acesso em: 30 out. 2022.

OTTO, Isabela. **Não existe amanhã se o foco do hoje não for a natureza e a justiça social**. 2022. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/nao-existe-amanha-se-o-foco-do-hoje-nao-for-a-natureza-e-a-justica-social/>. Acesso em: 30 out. 2022.

PAULA, L., LUCIANO, J.A.R. A tridimensionalidade verbivocovisual da linguagem bakhtiniana. *Linha D'água*, São Paulo, v. 33, n. 3, p. 105-134, set./dez. 2020.

PAULA, L. de; LUCIANO, J. A. R. A filosofia da linguagem bakhtiniana e sua tridimensionalidade verbivocovisual. In: *Revista Estudos Linguísticos* (São Paulo), v. 49, n. 2, p. 706-722, jun. 2020a. Disponível em <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/2691/1713>. Acesso em: 12 nov 2022.

PAULA, Luciane, SERNI, N. M. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. *Raído*, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jan./jun. 2017.

PARCA, Giulia. Recupere seu cabelo. **Capricho**, São Paulo, n. 1192, p. 31-37, jan. 2014.

PINHEIRO, A. C., ERY, M. **5 maneiras de lutar contra o racismo (mesmo que você não sofra com ele)**. 2020. Disponível em: <https://capricho.abril.com.br/comportamento/5-maneiras-de-lutar-contra-o-racismo-mesmo-que-voce-nao-sofra-com-ele/>. Acesso em: 30 out. 2022.

PORTAL da Capricho alcança mais de oito milhões de acessos em setembro com cerca de 46 mil de visualizações por matéria publicada. 2017. Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/portal-da-capricho-alcanca-mais-de-oito-milhoes-de-acessos-em-setembro-com-cerca-de-46/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RAMOS, Silvia (org.). **Mídia e racismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2007. 175 p.

RIBEIRO, Claudia de Castro. **Revista Capricho – História, fim da publicação e curiosidades**. 2020. Disponível em: <https://areademulher.r7.com/curiosidades/revista-capricho/>. Acesso em: 23 jul. 2023.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro**. São Paulo: Global Editoras, 2013. 362 p.

RIBEIRO, Inaê. **Precisamos falar sobre pessoas negras vivendo com luxo**. 2021. Disponível em: <https://stealthelook.com.br/precisamos-falar-sobre-pessoas-negras-vivendo-com-luxo/>. Acesso em: 27 abr. 2023.

SANTANA, B. da P.; DA SILVA, E. M.; ANGELIM, Y. Negro(a)s na mídia brasileira: estereótipos e discriminação ao longo da formação social brasileira. **Lutas Sociais**, [S. l.], v. 22, n. 40, p. 52–66, 2019. DOI: 10.23925/ls.v22i40.46651. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/46651>. Acesso em: 10 maio 2023

Seu cabelo vai fazer você brilhar. **Capricho**, São Paulo, n. 1145, mar. 2012.

SILVA, Juliana Ferreira e; SÍMARO, Sandra Maria. **Revista Capricho: um estudo sobre a influência do suporte computador no suporte revista impressa**. 2007. 44 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Departamento de Letras, Centro Universitário de Franca, Franca, 2007.

SODRÉ, Muniz. **Claros e escuros: Identidade, povo, mídia e cotas no Brasil**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOUZA, Larissa Lorryne Staron de; AGUSTONI, Marina. Ao Capricho da Leitora. In: INTERCOM JÚNIOR 1 – Jornalismo do XIX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, 19., 2014, Vila Velha. Anais [...]. Cachoeira Paulista, 2014. p. 1-11. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1153-1.pdf>. Acesso em: 31 out. 2022.

TOTAL de pessoas que se autodeclaram pretas e pardas cresce no Brasil, diz IBGE. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/07/22/total-de-pessoas-que-se-autodeclaram-pretas-e-pardas-cresce-no-brasil-diz-ibge.ghtml>. Acesso em: 24 jan. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. 400 p. Organização, tradução, ensaios introdutórios e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário I: O que é a linguagem/língua? (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 234-265. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

VOLÓCHINOV, Valentin. Estilística do discurso literário II: A construção do enunciado (1930). In: VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. São Paulo: Editora 34, 2019. p. 266-305. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo

VOLOCHINOV, V. N. A interação discursiva. In: VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problema fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017. p. 201-226. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.

VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora 34, 2017. 376 p. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo.